



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

SANDRA SINARA BEZERRA

**IMPACTOS EDUCACIONAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PAU DOS
FERROS: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA DE EXTENSÃO BIBLIOTECA
AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS – BALE**

Mossoró/RN
2013

SANDRA SINARA BEZERRA

**IMPACTOS EDUCACIONAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PAU DOS
FERROS: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA DE EXTENSÃO BIBLIOTECA
AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS – BALE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Faculdade de Educação – FE, na Linha de Políticas e Gestão da Educação, como requisito parcial de avaliação para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros.

Mossoró/RN
2013

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Bezerra, Sandra Sinara.

Impactos educacionais em escolas públicas de Pau dos Ferros: um estudo sobre o programa de extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas - BALE . / Sandra Sinara Bezerra. – Mossoró, RN, 2013.

161 f.

Orientador(a): Prof^{fa}. Dr^a. Arilene Maria Soares de Medeiros.

Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Impactos educacionais - Dissertação. 2. Democratização - Dissertação. 3. Leitura - Dissertação. I. Medeiros, Arilene Maria Soares de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/BC

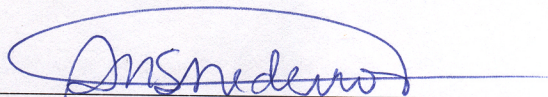
CDD 370

SANDRA SINARA BEZERRA

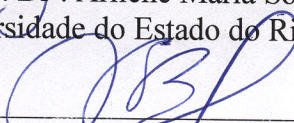
IMPACTOS EDUCACIONAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PAU DOS FERROS:
UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA BIBLIOTECA AMBULANTE E
LITERATURA NAS ESCOLAS - BALE

DATA DE APROVAÇÃO: 25 / 11 / 2013

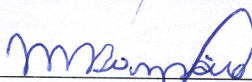
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Arilene Maria Soares de Medeiros
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa
Universidade Federal de São Carlos



Prof.^a. Dr.^a. Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

A minha família, pelo apoio de sempre.

Ao BALE, que tem me proporcionado um “mundo” de experiências e encantamento.
Aos leitores, para que percebam em suas leituras a possibilidade de ir além das entrelinhas e
deixarem fluir o imaginário.

Boa leitura!

AGRADECIMENTOS

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós (Antoine de Saint-Exupéry).

O tempo, o conhecimento e as histórias compartilhadas até aqui mostraram que valeu a pena prosseguir. O caminho percorrido foi envolvido por um misto de emoção, a mesma que me envolve nesse momento. Por isso, se as palavras não forem suficientes para expressar o que eu desejo, percebam, então, nas entrelinhas a minha gratidão e o meu reconhecimento.

Agradeço a Deus, que esteve sempre comigo, por fazer de cada desafio uma vitória, de cada fraqueza uma força. A fé continua firme. Obrigada por cada dia, cada aprendizado, cada possibilidade e por ter colocado pessoas tão queridas em minha vida.

Agradeço aos meus pais e aos meus irmãos, minha família. Digo que sem eles eu não teria conseguido. Obrigada por cada palavra, cada riso. Pelo cuidado que acalmava meus dias, por ligarem repetidas vezes e me passarem a segurança necessária. A vocês, que fizeram dos meus sonhos os seus e acreditaram em mim, quando eu, por vezes, não acreditei e quase não segurei o pranto. A vocês, que sempre estiveram do meu lado como a melhor parte que há em mim, meu profundo agradecimento. Tentar encontrar as palavras necessárias para expressar todo o sentimento de gratidão e admiração por tudo que vocês representam é humanamente impossível.

Agradeço aos amigos que o Mestrado, entre tantas coisas, me possibilitou. O conhecimento compartilhado e as amizades construídas ficarão guardados nas melhores recordações. Sou grata pela atenção, tranquilidade e fé transmitidas por Alex Gadelha e Gilneide, em cada encontro e em cada conversa. Agradeço também a Elane, Alana e Aurélia, pela amizade, pelo riso fácil e pela cumplicidade.

Às amigas que me acompanharam durante as viagens e compartilharam, além do aprendizado enquanto mestrandas, outras emoções, desde antes da academia, quando foram minhas professoras. Obrigada! Com vocês, Mary Carneiro, Diana Saldanha, Francicleide Cesário e Emanuela (colega desde os tempos de Ensino Fundamental), o percurso entre Marcelino Vieira e Mossoró foi mais curto e cheio de aventuras. Agradeço de modo especial a Mary, por tudo o que compartilhamos, pela companhia em Mossoró, pelas conversas,

cumplicidade, atenção e apoio. Obrigada por fazer dessas idas e vindas e de cada encontro um dia melhor.

Existem amigos que se eternizam, conforme tem acontecido com “meu povo” do CAMEAM, gente que sabe compartilhar as emoções e que vibra junto, como um elo indissociável que não se importa com classes ou posição dentro da universidade. Por isso, agradeço aos servidores de apoio e técnico-administrativos, que, mesmo na correria, não deixaram o sorriso se perder. Aos motoristas que se tornaram amigos e compartilharam experiências incríveis em cada viagem. À querida Gerlania Medeiros, pela amizade, empenho e cumplicidade. Ao diretor Prof. Dr. Gilton Sampaio, que sabe não somente administrar um *Campus* Avançado com compromisso, dedicação e entusiasmo, mas também ser amigo dos alunos, reconhecendo-os pelo nome e despertando o interesse de uma formação continuada. A vocês, meu reconhecimento e gratidão!

Sou grata também à Profa. Dra. Lúcia Pessoa, por quem tenho profunda admiração e que, assim como o Prof. Gilton, além de professora competente, é mestre, líder, amiga e outros tantos adjetivos. Obrigada por todo apoio, amizade, confiança, incentivo e inspiração; por todas as vezes que você e Gilton tão bem me acolheram em sua casa; pela oportunidade de ser “baleana” e me fazer compreender a necessidade de se democratizar o acesso ao livro e à leitura. Não bastaria um muito obrigada!

Agradeço a atenção das entrevistadas, que gentilmente responderam as minhas perguntas e colaboraram para a realização deste trabalho. As narrativas expressam a singularidade e o quão interessante foi a contribuição de vocês.

Agradeço à Melina, por todo o empenho e por atender nossas solicitações. Do mesmo modo, agradeço a Higor e Adiza, pelo apoio e torcida.

À Profa. Dra. Ana Lúcia, pela disponibilidade, empenho e incentivos demonstrados ao longo da consecução deste trabalho.

De modo singular, agradeço aos amigos: Seu Sebastião (*in memoriam*), pela torcida e alegria de sempre; a Dona Ester, pela gentileza; a Edcarlos, pela disponibilidade e incentivo; bem como a Marta e Jadisvan, pelo acolhimento em Mossoró, cidade que me era estranha e que hoje virou rotina. A vocês, minha gratidão e amizade.

Nesse período, tive o prazer de conhecer pessoas incríveis das quais não vou esquecer. Com o olhar incerto no começo, de ambos os lados, uma amizade foi se revelando e fincando raízes. A vocês, Valdeline e Israel, eu agradeço por tudo e, principalmente, pela amizade sincera. Ter conhecido pessoas como vocês foi uma das coisas boas que Mossoró me proporcionou. A certeza é que a partir de então seremos amigos para sempre, obrigada!

À minha amiga-irmã Suzy, que desde a graduação tem compartilhado vários momentos, os trabalhos e eventos acadêmicos, as conversas, os risos e as interpretações a cada “contaçon” de história. Somos amigas para todo o sempre, não importa se estejamos longe ou perto, pois a amizade vai além. Obrigada por segurar meu pranto quando eu não aguentava, por me ouvir e conversar comigo até a noite virar dia. Obrigada por me lembrar de que sentirá saudade, pois eu também sentirei.

Ao Prof. Dr. Joaquim Barbosa, pessoa iluminada, que, mesmo em silêncio, transmite paz e sabedoria. Obrigada pelo ensinamento, pelas conversas e por me entender quando eu mesma não entendia. Obrigada pelo olhar multirreferencial e pela escuta sensível. Obrigada pelas contribuições à minha pesquisa, que não foram poucas, pela gentileza e por tudo! A você, minha gratidão e reconhecimento.

Agradeço, sobretudo, à minha orientadora, Profa. Dra. Arilene Medeiros, por todo o aprendizado, compreensão, cuidado e atenção. Agradeço de coração todas as conversas, os abraços e o acolhimento. Das coisas boas que me aconteceram nesse período, você é uma delas. Obrigada por todo ensinamento, pelo sorriso e olhar sincero. Por entender meu silêncio quando eu buscava uma compreensão. O processo de construção e reconstrução da escrita é parte do aprendizado adquirido e ter seu apoio nesse percurso foi preponderante para que chegássemos até aqui. A você, minha admiração, reconhecimento e gratidão.

Aos professores do POSEDUC, pelo ensino, conhecimento partilhado e incentivo à produção científica.

Ao BALE, que me envolveu no imaginário das leituras e me possibilitou viver várias personagens sendo apenas uma e querer ser “gigante” quando, nas alturas, a “contaçon” de histórias e o equilíbrio me faziam esquecer o medo e acreditar que os desafios se tornam as possibilidades de superação que desejamos. À equipe baleana, meu profundo agradecimento.

À Profa. Dra. Verônica Pontes, pelas contribuições na banca de qualificação, pela orientação durante o estágio e por toda a atenção. Obrigada!

A CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

Agradeço, enfim, por todo aprendizado e cada conquista. Obrigada a todos e a cada um!

RESUMO

Este estudo tem a finalidade de analisar os impactos provocados pela inserção do Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), do *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com o intuito de constatar as atividades de incentivo à leitura realizadas pelo referido Programa em quatro escolas públicas da cidade de Pau dos Ferros/RN. O BALE visa o fomento à leitura e à democratização do acesso ao livro e ao texto literário de modo dinâmico e prazeroso, atendendo, principalmente, os bairros e cidades do Alto Oeste carentes de entretenimento cultural e lazer. Esta pesquisa procura responder o seguinte problema de estudo: que impactos educacionais o BALE tem proporcionado em escolas públicas da cidade de Pau dos Ferros? A metodologia consiste numa pesquisa qualitativa que fez uso da entrevista reflexiva, com quatro diretoras, quatro professoras, a Secretária Municipal de Educação de Pau dos Ferros e a Coordenadora Geral do BALE, cujos resultados foram transformados em narrativas. Os resultados evidenciam a importância da leitura para a formação individual e coletiva dos sujeitos, assim como os impactos causados entre os envolvidos (professores, alunos, diretores e pais). Em se tratando dos impactos educacionais em escolas públicas de Pau dos Ferros/RN causados pelo BALE, reconhece-se que duas escolas não avançaram no seu IDEB e duas conseguiram superar as metas projetadas. Além disso, tais impactos foram percebidos através da participação e aproximação dos pais às atividades escolares, da inovação metodológica nas atividades pedagógicas e administrativas e da motivação dos alunos pela leitura. Em síntese, as escolas são influenciadas a desenvolver atividades de fomento à leitura, embora essas iniciativas sejam praticadas de forma ocasional. Admite-se que as universidades bem como as prefeituras envolvidas deveriam subsidiar financeiramente o Programa de acesso e democratização da leitura, por ser uma questão relativa às políticas públicas.

Palavras-chave: BALE. Impactos Educacionais. Democratização. Leitura.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the impacts promoted by insertion of Education Outreach Program Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), the Advanced Campus Prof. Maria Elisa Albuquerque Maia (CAMEAM), on Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), in order to observe activities related to reading incentive program in four public schools in Pau dos Ferros City/RN. The BALE aims to incentive reading and the promote the democratization of access to books and the literature in a dynamic and pleasurable way, serving primarily the cities and districts of the Alto Oeste potiguar without cultural entertainment and leisure. This research purposes to answer the following study problem: Whether BALE efforts can impact on educational process in public schools in Pau dos Ferros City? The methodology consists of a qualitative study with reflexive interviews, with four principals respondents: four teachers, four school directors and respondents from the Secretária Municipal de Educação de Pau dos Ferros and General Coordinator of BALE, whose results were transformed into narratives. The results highlight the importance of reading to individual and collective educational formation, as well as the impacts among stakeholders (teachers , students , principals, parents). Considering of educational impacts on public schools of Pau dos Ferros City / RN promoted by BALE, it is recognized that the two schools have not increase level states in IDEB avaliation, but two schools were able to surpass the goals targeted. Moreover, these impacts were perceived through participation and approaches parents to school activities, methodological innovation in teaching and administrative activities, the students' motivation for reading. In summary, schools are influenced to develop activities to incentive reading , although these initiatives are practiced occasionally. To assume that universities as well municipal management could work together and financially subsidize the Program of acess and democratization of reading, considering it as an important matter for public policies.

Keywords: BALE. Educational Impacts. Democratization. Reading.

LISTA DE ABREVIATURAS

AABB – Associação Atlética do Banco do Brasil

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

BNB – Banco do Nordeste do Brasil

CAMEAM – Campus Avançado Profa. Maria Eliza de Albuquerque Maia

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CERLALC – Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe

CMELP – Colóquio Nacional de Professores de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CRAS – Centro de Reabilitação e Assistência Social

DE – Departamento de Educação

DL – Departamento de Letras

FACEP – Faculdade Evolução Alto Potiguar

FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia

FAPERN – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte

FBN – Fundação Biblioteca Nacional

FINECAP – Feira Intermunicipal de Educação, Cultura, Turismo e Negócios do Alto Oeste Potiguar

FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juventude

FUNARTE – Fundação das Artes

GEPPE – Grupo de Estudos, Pesquisa e Planejamento em Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

INL – Instituto Nacional do Livro

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MDA – Ministério de Desenvolvimento Agrário

MEC – Ministério da Educação

MinC – Ministério da Cultura

NAESU – Núcleo Avançado de Ensino Superior de Umarizal

OEI – Organização dos Estados Ibero-americanos

PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNE – Plano Nacional de Educação

PROEX – Pró-Reitoria de Extensão

PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura

PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola

PELLE – Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas

PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura

UECE – Universidade do Estado do Ceará

UFERSA – Universidade Federal Rural do Semiárido

UFRN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

RELAÇÃO DE TABELAS, GRÁFICOS, IMAGENS E QUADRO

Tabela 1 – Cursos de Graduação do CAMEAM.....	50
Tabela 2 – Cursos de Graduação do NAESU.....	51
Tabela 3 – Cursos de Graduação do PARFOR.....	51
Tabela 4 – Cursos de Pós-Graduação do CAMEAM.....	52
Tabela 5 – Quadro do Corpo Docente do CAMEAM.....	53
Tabela 6 – Quadro de Técnicos Administrativos e Pessoal de Apoio do CAMEAM.....	54
Gráfico 1 – Quantidade de leitores atendidos pelo BALE em suas edições.....	64
Gráfico 2 – Evolução do IDEB da Escola Estadual João Escolástico.....	108
Gráfico 3 – Evolução do IDEB da Escola Municipal Francisco Torquato.....	109
Gráfico 4 – Evolução do IDEB da Escola Municipal Elpídio Virgínio Chaves.....	111
Gráfico 5 – Evolução do IDEB da Escola Municipal Nila Rêgo.....	112
Imagem 1 – <i>Banner</i> BALE, Vias Públicas.....	65
Imagem 2 – BNB, Prêmio VivaLeitura, Contação de Histórias.....	66
Imagem 3 – AABB Comunidade, Roda de Leitura, CRAS.....	67
Imagem 4 – Oficina de Artes Circenses, Tropa Trupe, Roda de Leitura.....	68
Imagem 5 – Praça Pública de MG, México, Interação com o Público.....	69
Imagem 6 – Roda de Leitura, Acervo de Livros BALE, Praça da Leitura.....	71
Imagem 7 – Escola Estadual João Escolástico.....	107
Imagem 8 – Escola Municipal Francisco Torquato.....	109
Imagem 9 – Escola Municipal Elpídio Virgínio Chaves.....	110
Imagem 10 – Escola Municipal Nila Rêgo.....	111
Quadro 1 – Evolução do IDEB nas Escolas atendidas pelo BALE de 2007 a 2011.....	125

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
CAPÍTULO I – LEITURA: PERCURSOS E APARATOS LEGAIS	20
1.1 Do contato com leitura ontem e hoje.....	20
1.2 Do acesso à educação ao desenvolvimento do gosto pela leitura	26
1.3 Da legislação que incorpora a leitura ao BALE	31
CAPÍTULO II – PROGRAMA DE EXTENSÃO BIBLIOTECA AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS - BALE.....	42
2.1 A importância da extensão universitária para a sociedade	43
2.2 Contexto acadêmico em que o BALE está inserido	49
2.3 Organização do Programa BALE: atividades planejadas nos espaços escolares	54
2.4 Programa BALE: O fio da história	62
CAPÍTULO III – NARRATIVAS DAS PESQUISADAS.....	72
3.1 Narrativa da diretora Clenilda Maciel de Oliveira	72
3.2 Narrativa da professora Edibegna Mávia de Sousa	77
3.3 Narrativa da diretora Antonia Maria Diniz Bandeira	81
3.4 Narrativa da professora Marilene Medeiros da Silva	83
3.5 Narrativa da diretora Jucileide Severiana do Rego	86
3.6 Narrativa da professora Antonia Maria da Silva	90
3.7 Narrativa da Vice-diretora Maria Lucineide Vidal Mesquita.....	93
3.8 Narrativa da professora Maria Gildarci Rego de Aquino.....	97
3.9 Narrativa da Secretária Municipal de Educação.....	99
3.10 Narrativa da Coordenadora/Proponente do BALE	100
CAPÍTULO IV – CAMINHOS PERCORRIDOS: UM OLHAR SOBRE AS ESCOLAS PÚBLICAS DE PAU DOS FERROS E O DITO NAS NARRATIVAS	105
4.1 Caracterização das escolas e seus respectivos IDEBs	106
4.2 Condições para o desenvolvimento da leitura nas escolas	112
4.3 O BALE e as atividades administrativas e pedagógicas das escolas.....	114
4.4 O BALE e as iniciativas de leitura e escrita nas escolas	119
4.5 Prática leitora das pesquisadas	122
4.6 O BALE e os impactos educacionais	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICES	141
ANEXOS	151

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura de um bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde (André Maurois).

Esta dissertação traz uma discussão sobre a leitura na escola. Fazer esse debate é fundamental, tendo em vista que na sociedade atual essa prática se torna crucial, sendo um meio de inserção social e cultural. Pensando nisso, propomo-nos a analisar os impactos que ela proporciona no contexto escolar, os quais afetam alunos, professores e funcionários. A leitura é uma das possibilidades de acesso ao conhecimento em detrimento da alienação, causando uma consequente emancipação, conscientização e libertação.

Nessa perspectiva, a leitura e suas interfaces se configuram “como um instrumento de conhecimento do mundo, como uma das diversas ferramentas para a ação e transformação social” (SILVA, 1985, p. 57). A leitura, dessa forma, dentro e fora do âmbito escolar, com a sua diversidade de gêneros e formatos, permite-nos conhecer outras realidades, nunca antes visitadas, constituindo o elo entre ficção e real e abrindo margens para o desenvolvimento de sujeitos envolvidos no mundo da linguagem impressa.

De acordo com essa premissa, apresentamos as atividades realizadas pelo Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), que, acreditando nos contributos que o mundo da literatura oferece e entendendo sua importância para a formação do sujeito leitor, objetiva viabilizar o acesso ao texto literário e estimular o gosto pela leitura nos espaços escolares e não escolares, bem como em cidades circunvizinhas localizadas na região do Alto Oeste Potiguar. Essa iniciativa de atendimento ao interesse social e coletivo do município de Pau dos Ferros e região justifica-se pela carência de políticas públicas administrativas eficientes no âmbito da cultura e do lazer.

O Programa tem como desafio atender e formar leitores advindos das comunidades locais desprovidas de bens culturais, favorecendo-lhes o contato com várias obras literárias. Busca por meio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, assim como mediante o contexto de reflexões sobre planejamento e formação do leitor, uma maior aproximação entre a universidade e a comunidade dos bairros São Geraldo, Riacho do Meio, Manoel Domingos, Princesinha do Oeste, Arizona e João XXIII. Apesar de o BALE atender seis bairros do município de Pau dos Ferros, nesta dissertação, iremos trabalhar com as escolas

localizadas nos quatro primeiros bairros supracitados. Outra observação importante é que o BALE atende espaços não escolares¹ e cidades circunvizinhas, dentre elas, a cidade de Umarizal, onde se localiza o Núcleo Acadêmico de Ensino Superior (NAESU), com atividades realizadas semanalmente.

Os membros do BALE são professores e alunos da graduação dos cursos de Pedagogia e Letras, da especialização em Letras, dos mestrados em Letras e Educação, que funcionam respectivamente nos *campi* de Pau dos Ferros e Mossoró, bem como pessoas da comunidade.

Esta pesquisa justifica-se no sentido pessoal e social, pelo fato de a autora conhecer e participar do Programa BALE, acompanhando o processo de interação e crescimento dos alunos. Ela faz parte do Programa BALE desde a 3ª edição, como voluntária, e acompanhou o desempenho das edições anteriores. Como voluntária, e agora também pesquisadora do Programa, tem atuado nas contações de histórias – algumas delas – com pernas de pau (pernalta), representando personagens² dos clássicos da literatura bem como contribuindo para a interação dos membros do BALE com o público presente, incentivando o gosto pela leitura nos espaços escolares e não escolares. Portanto, a opção de estudar o Programa BALE se dá em função de estar envolvida em suas atividades. A esse respeito, Santos (2001, p. 50) assegura: “Um tema da preferência do pesquisador gera empatia, entusiasmo e favorece a perseverança. A formação cultural e a vivência pessoal garantirão o início bem-sucedido do processo de busca”. Essa condição é preponderante para a consolidação da pesquisa, uma vez que é através do gosto pessoal e do preparo técnico que esta se realiza.

Como participante do BALE, agora constituído como objeto de estudo, utilizaremos, sempre que necessário, os registros e as impressões pessoais escritas no decorrer do Programa como diário de pesquisa, bem como as experiências resultantes de nosso envolvimento como membro voluntária.

O referido estudo busca trazer contribuições para o desenvolvimento da leitura nos espaços escolares da cidade de Pau dos Ferros, de modo a fortalecer ações que venham propiciar a consolidação do gosto pela leitura como acesso ao conhecimento e à informação numa sociedade onde se aceleram as formas de comunicação e interação por meio da leitura e da escrita – que estão interligadas –, havendo maior interação entre o sujeito leitor e o meio que o cerca, fazendo conexões entre a linguagem escrita e sua própria experiência de vida, o

¹ Nesta pesquisa, discorreremos apenas sobre o espaço escolar e os impactos educacionais causados na cidade de Pau dos Ferros/RN.

² Dentre as representações das narrativas literárias, temos: *Dona Baratinha* – Ana Maria Machado (2009); *Menina Bonita do Laço de Fita* – Ana Maria Machado (2000); *A cigarra e a formiga* (2009); *A Casa Sonolenta* – Audrey Wood (2009); *Só um minutinho* – Yuyi Morales (2004); *Os porquês do coração* – Nye Ribeiro (1995); e outras histórias: umas nas alturas, utilizando pernas de pau, outras de pé no chão.

que amplia a capacidade de pensar, articular ideias e emancipar o indivíduo assim como proporciona a autonomia necessária para viver em sociedade.

Diante do exposto, queremos com esta pesquisa responder ao seguinte problema de estudo: que impactos educacionais o Programa de Extensão BALE tem proporcionado para as escolas públicas (estaduais e municipais) da cidade de Pau dos Ferros? O objetivo, portanto, consiste em analisar tais impactos educacionais, destacando sua contribuição para o acesso e o desenvolvimento da leitura.

Para este trabalho dissertativo, propomos o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, permitindo que os sujeitos manifestem sua opinião acerca dos impactos educacionais causados pelo BALE e de sua contribuição para o processo de democratização da leitura na cidade de Pau dos Ferros. Utilizaremos a pesquisa de natureza qualitativa por considerarmos que é através dela que iremos chegar ao objetivo proposto. Segundo Richardson (2011), a pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e das características situacionais apresentadas pelos entrevistados, substituindo a produção de medidas quantitativas de características e comportamentos.

Como toda pesquisa, esta também possui um caráter teórico-bibliográfico, conforme Santos (2001, p. 171) assinala: “uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico, tais como, livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos”, o qual contribui para a construção da pesquisa e sua análise. Ao nos referirmos aos documentos, destacamos os relatórios anuais das edições do BALE e a Lei 9.169/2009.

É notória a necessidade de um estudo bibliográfico antes da coleta de dados, para que não tenhamos análises baseadas apenas nos conhecimentos populares, entendendo que a pesquisa bibliográfica permite o livre acesso às fontes de pesquisas científicas. Desse modo, as discussões serão fundamentadas por intermédio dos aportes teóricos de Abramovich (1997) e Amarilha (2006), que discorrem sobre o papel da leitura na construção dos sujeitos; Chartier (2011), Smith (1989), Silva (1981, 1985), Freire (2011), Fischer (2006) e Chantal e Segré (2010), que apresentam subsídios sobre a sociologia e a prática de leitura; Pontes (2011, 2012) e Coelho (2009), que, de igual modo, versam sobre os contributos da leitura literária para a formação do leitor, associando o texto ao contexto de sua realidade. Além desses, discutimos a extensão universitária, tomando como referência Sguissardi (2009), que vem acrescentar aspectos preponderantes a respeito da universidade brasileira do século XXI e da expressividade das atividades extensionistas para a sociedade.

Para uma melhor compreensão do objeto de estudo aqui proposto, fizemos uso da entrevista semiestruturada, conforme roteiro anexo, para coletar informações junto a diretores, professores, coordenadora do Programa BALE e Secretária Municipal de Educação. De acordo com Richardson (2011, p. 207), “a entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre pessoas”.

Nesse caso, a entrevista pode ser entendida como uma possibilidade de enfoque mais aprofundado, uma vez que se configura como um instrumento capaz de apresentar o ponto de vista dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como uma interação entre pesquisadora e pesquisadas. Dessa forma,

[...] a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas. [...] aceitando os interesses de quem está fazendo a pesquisa, ao mesmo tempo que descobre ser dono de um conhecimento importante para o outro [...] um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para um interlocutor (SZYMANSKI, 2002, p. 12-14).

Sendo assim, a fim de compreendermos os impactos educacionais causados pelo Programa BALE na cidade de Pau dos Ferros e suas contribuições para a democratização da leitura, nada mais coerente e pertinente do que o uso de entrevistas semiestruturadas com sujeitos, por estas possibilitarem a liberdade do outro de se posicionar, explicitando expectativas, sentimentos e interpretações acerca do objeto desta pesquisa. Realizamos a entrevista semiestruturada com 10 sujeitos, envolvendo a coordenadora do BALE, a Secretária de Educação, 04 diretores e 04 professores de escolas atendidas³.

É preciso ressaltar que as entrevistas aconteceram com a gravação simultânea da fala dos envolvidos na pesquisa. Diante da transcrição dos dados e da riqueza do material coletado, redimensionamos a metodologia inicial e passamos a considerar a prática reflexiva em cada entrevista, baseada nos referenciais de Szymanski (2002, p. 7), que sugere “a entrevista reflexiva como uma situação de trocas intersubjetivas”, bem como nos contributos teóricos de Sicardi e Barbosa (2008).

³ Escola Municipal Manoel Domingos, Escola Municipal Elpídio Virgínio Chaves, Escola Municipal Nila Rêgo e Escola Estadual João Escolástico, cujos nomes são os oficiais.

As entrevistas, depois de serem transcritas, foram convertidas em textos, os quais foram encaminhados para que as depoentes pudessem alterar e melhorar o que fora dito no momento da entrevista. No geral, as entrevistadas pouco acrescentaram aos seus textos. Apenas uma encolheu demasiadamente sua entrevista, justificando que a nova versão contemplava o que foi dito anteriormente. Szymanski (2002) alerta que a pesquisa de natureza reflexiva pode ocasionar a participação de entrevistador e entrevistado no resultado final, uma vez que o significado de cada entrevista é construído a partir da interação entre ambos.

Como se percebe, a alteração metodológica no decorrer deste trabalho implicou novos encaminhamentos, inclusive o de formalizar junto às entrevistadas o consentimento para a publicação na íntegra de suas falas, as quais compõem o terceiro capítulo desta dissertação.

O processo de textualização das vozes das entrevistadas passou por várias etapas. A primeira foi a organização das falas em formato de narrativa, retirando os excessos, as questões geradoras e dando coerência ao texto. A segunda foi a entrega do texto organizado pela pesquisadora para as entrevistadas, com o intuito de que os textos passassem por ajustes, “grifando, riscando, reescrevendo, recompondo frases, parágrafos e experiências” (SICARDI; BARBOSA, 2002, p. 15). Nessa etapa, o texto foi enviado *on-line* para duas participantes que estavam viajando e oito foram entregues pessoalmente na forma impressa. A terceira foi o recebimento do material revisado pelas participantes, que aconteceu da seguinte forma: oito entregaram pessoalmente e duas enviaram *on-line*.

Nesse tipo de encaminhamento metodológico, segundo Szymanski (2002, p. 52), “a autoria do conhecimento é dividida com o entrevistado, que deverá considerar a fidedignidade da produção do entrevistador”. De fato, não há como desconsiderar a autoria das entrevistadas, principalmente porque estamos fazendo o uso de suas falas (agora textualizadas) na construção desta dissertação, as quais serão analisadas no quarto capítulo.

Por fim, esta pesquisa está estruturada em quatro capítulos, vinculados a esta introdução, às considerações finais e às referências. No primeiro, contextualizamos algumas concepções sobre os percursos e aparatos legais que fundamentam a necessidade da leitura no contexto escolar, apresentando como era o contato com os livros em tempos passados e como se configura nos dias atuais. Ainda, discutimos o acesso à educação ontem e hoje, verificando seu desempenho bem como seu desenvolvimento por meio do acesso e do gosto pela leitura.

O segundo capítulo apresenta a organização do Programa BALE, seus objetivos e expectativas, as atividades realizadas como também as escolas e o público atendido. Destaca, ainda, a importância da extensão universitária para a sociedade, que, segundo Sguissardi (2009), é estabelecida por uma política que envolva os processos educativos, culturais e

científicos, de modo que se possa interagir com o ensino e a pesquisa, proporcionando uma ação conjunta entre a universidade e a sociedade. Para melhor entendimento do contexto em que o BALE está situado, apresentamos também uma caracterização do *Campus* de Pau dos Ferros.

Em continuidade, o terceiro capítulo expõe a textualização das narrativas das entrevistadas, cuja referência foi a entrevista reflexiva, acrescentando que a expressão do que foi dito pelas depoentes está em forma de narrativas e não em fragmentos. As narrativas permitem compreender as concepções, impressões e ideias que as entrevistadas têm acerca do BALE e sua contribuição no contexto escolar.

O quarto e último capítulo traz reflexões e considerações sobre a pesquisa empírica a partir das narrativas, caracterizando as escolas, explicitando seus IDEBs e expondo os impactos educacionais e novas iniciativas de prática docente e administrativa no contexto das escolas. Sua estrutura, para favorecer a compreensão e organização dos dados, está dividida em seis tópicos que reúnem o conjunto das informações coletadas no decorrer da pesquisa.

Por conseguinte, nas considerações finais, apresentamos que os impactos educacionais nas escolas de Pau dos Ferros, considerando a inserção do BALE, estão voltados para o trabalho coletivo, a inovação metodológica e o envolvimento dos alunos e dos pais nas atividades realizadas na escola. Ou seja, destacamos que as atividades do BALE proporcionam uma maior interação entre as escolas e a comunidade, criando novas propostas de incentivo à leitura e permitindo, de fato, sua democratização.

CAPÍTULO I

LEITURA: PERCURSOS E APARATOS LEGAIS

Supõe-se que aquele que consegue ler textos passou por um aprendizado de leitura. Este é feito, durante os séculos XIX e XX, dentro da instituição escolar, e suas modalidades se transformam e refinam à medida que evoluem as necessidades da sociedade, as aquisições das ciências cognitivas e as modificações dos objetivos que a instituição escolar fixa para si mesma (CHANTAL; SEGRÉ, 2010, p. 73).

1.1 Do contato com a leitura ontem e hoje

Falar de leitura é olhar para trás e ficar por lá durante algum tempo, é rememorar os processos educacionais pelos quais passamos até chegarmos aos dias atuais: o acesso à educação, o aprendizado das letras e o reconhecimento das palavras bem como a aquisição do livro e o direito de ler silenciosamente e de acordo com as preferências.

É perceber, ainda, que a leitura se configurava como fundamental na formação de todo e qualquer sujeito, embora seu acesso significasse um avanço para aquele tempo, em que alguns poucos detinham um maior poder aquisitivo e podiam ir até onde o Estado e a Igreja permitissem para terem contato com os livros.

Assim, nesse processo, em que o poder falava mais alto, a história do mundo da leitura começava a se transformar, ganhando formas, que se constituem por meio de livros, revistas, magazines, periódicos, jornais e multimídias, apresentando-se na sua diversidade por meio da oralidade e da escrita, assim como dos ambientes para sua concretude e continuidade, que variam dos espaços escolares e não escolares, perpassando o âmbito familiar, podendo ser encontrada em todos os lugares que nos são alcançados, uma vez que a leitura de um modo geral está em tudo aquilo a que atribuímos algum sentido (ABRAMOVICH, 1997).

A leitura, na sua diversidade de sentidos, perpassa a interpretação da palavra escrita e compreende o mundo, como demonstra Paulo Freire (2011), afirmando que tudo o que se encontra ao nosso redor se configura como texto, haja vista que descreve nossa história e o modo como lidamos com essa realidade. Afirmando, ainda, que somos nós os responsáveis pelo sentido que damos a cada leitura e a nossa vida, escreve:

Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido... Ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo cotidiano (FREIRE, 2011, p. 29-30).

De acordo com essa premissa, é possível entender que a leitura possui uma dimensão criativa da compreensão, bem como é necessário não desconsiderar a vinculação entre a experiência escolar e a experiência cotidiana.

O contato com a leitura possibilitou a transformação da vida de várias pessoas. Famílias inteiras tiveram a oportunidade de conhecer a palavra escrita e reconhecer em cada leitura seus direitos enquanto cidadãos, compreendendo que o acesso à leitura se configura em qualidade de vida, em trocas de saber condicionadas à retribuição de direitos e deveres comuns. É, pois, uma condição para a cidadania, uma vez que o ato de ler permite o acesso à informação e proporciona a emancipação do sujeito, potencializando suas ações e possibilitando uma maior interação no meio social e político. Segundo Silva (1985, p. 22-23),

[...] o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade).

A leitura, como afirma Silva (1985), é uma atividade de questionamentos, conscientização e libertação que oferece escritos produzidos em diferentes esferas sociais (jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógico, cotidiana, midiática, publicitária, literária, entre outras), contribuindo para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos sujeitos. O valor de cada texto configura-se no modo como o interpretamos e o associamos à nossa vida. São valores que diferem de pessoa para pessoa e vão se modificando com o passar do tempo e com a nossa formação leitora, isto é, são contributos para sua democratização e continuidade.

É nessa perspectiva que ora falamos sobre os progressos da leitura que estão vinculados ao processo de formação integral dos sujeitos, que envolvem conhecimentos relativos às ciências, à filosofia, à ética, à estética, à cultura, enfim, a tudo que os integra na sociedade. Essa formação requer a leitura de livros e outros meios de propagação da cultura, de maneira a assegurar a inserção individual e coletiva dos sujeitos, para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural (MARTINS, 2007).

A escrita, por sua vez, que está diretamente ligada à leitura⁴, aparece como uma necessidade individual de expressão e comunicação, podendo representar aquilo que se vê, pensa e sente, surgindo, então, por meio das figuras que se relacionavam a seus interesses e por sinais quaisquer que possibilitassem a comunicação, até, por fim, chegarmos às primeiras letras e sons, como aponta Fischer (2006) em seus escritos sobre a história da leitura. A leitura e a escrita fazem parte de um mesmo processo, qual seja: a formação de sujeitos autônomos e críticos para atuarem na sociedade.

O contato com o livro se deu gradualmente. No começo, a leitura era, principalmente, a do livro sagrado, do qual o leitor se impregnava, mesmo como ouvinte. Essa leitura oral se prolongou por muitos anos. Sua oralização era preponderante para a compreensão de um texto, pois ler em voz alta se caracterizava como uma sociabilidade comum, nos salões, em casa ou nos cafés, era uma forma de entretenimento e encontro social.

Pensando na evolução da leitura, Fischer (2006, p. 11) apresenta sua concepção:

No início, ela consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado. Mais tarde, passou a significar, quase de modo exclusivo, a compreensão de um texto contínuo com sinais escritos sobre uma superfície gravada. Mais recentemente, incluiu também a extração de informações codificadas de uma tela eletrônica. E a definição de leitura continuará, por certo, a se expandir no futuro porque, assim como qualquer outra aptidão, ela também é um indicador do avanço da própria humanidade.

Dessa feita, a leitura inicialmente tinha uma perspectiva visual. Posteriormente, ela passou a se representar por meio de textos escritos, que continham informações codificadas, cabendo aos sujeitos sua interpretação. Assim, ela passou a favorecer ao leitor uma autonomia de pensamento e expressão, possibilitando uma compreensão do mundo.

⁴ Embora saibamos que a leitura e a escrita estão interligadas e que ambas contribuem para o processo de construção e apreensão do saber, neste trabalho, porém, discutiremos sobre as atividades acerca da leitura como contributos para a formação do sujeito leitor.

Segundo Chantal e Segré (2010, p. 23),

a escrita permite o que a transmissão oral limitava – a possibilidade de refletir sobre o pensamento, de desprender-se dele, de voltar atrás, de criticar –, modifica a maneira de pensar e de aprender o mundo. A transmissão escrita seria a chave para um desenvolvimento da racionalidade, da objetividade, do espírito científico.

Seguindo esse raciocínio, a oralização não permitia ao sujeito desprender-se do texto, por isso a escrita assumiu essa condição. A aquisição da escrita e o acesso à leitura proporcionaram autonomia ao sujeito leitor e sua criticidade na sociedade. Essa assertiva mostra que o contato com a leitura oferece uma continuidade de crescimento pessoal e social. Os escritos armazenam no impresso situações e realidades diversas que podem ser associadas às atividades cotidianas. Acredita-se que a palavra impressa pode influenciar no comportamento dos indivíduos, uma vez que, em determinadas condições sociais, possibilita ao leitor a compreensão e interpretação de significados até então ocultos, na perspectiva de censurar a liberdade de pensamento e de expressão.

É por isso que os mantenedores de ordem querem controlar as interpretações que os leitores, eternos insubmissos, dão. Essa vontade de controle efetuou-se, ao longo da história, com a violência e a repressão, concretizou-se na censura da parte das autoridades, quer representassem a Igreja, quer o Estado (CHANTAL; SEGRÉ, 2010, p. 16).

Em tempos ditatoriais, livros foram queimados, assim como alguns autores que tiveram suas obras proibidas de serem publicadas, pensadores e estudiosos, como Paulo Freire, por exemplo, foram exilados. De qualquer modo, “[...] a censura pode assumir diferentes aspectos, iniciativo ou coercitivo, manifestar-se de maneira mais ou menos direta e declarada, situar-se em diferentes fases, que vão da fabricação à venda da obra [...]” (CHANTAL; SEGRÉ, 2010, p. 58).

Com a redemocratização do país, a liberdade de expressão conquistou espaço e os momentos de censura foram se extinguindo para dar lugar à democratização da leitura. Quanto mais se democratiza a sociedade, maior a possibilidade de difusão da leitura por parte

das instituições (escolas, universidades, igrejas, sindicatos e espaços não formais de educação).

A leitura se configura como um bem cultural que envolve cada sujeito em meio às entrelinhas de uma realidade distante, próxima e ficcional; sua diversidade e multiplicidade permitem leituras práticas, utilitárias e eruditas, assim como leituras de diversão, que alimentam a imaginação, conforme as características do texto e os objetivos atribuídos pelo leitor e autor, capazes de criar horizontes para aqueles que por tempo demasiado ficaram à margem da sociedade ou ainda do mundo letrado. Sua essência compreende incautamente novos valores, que serão, possivelmente, atribuídos à realidade vivida, influenciando o pensar, o fazer e o agir dos sujeitos por ela envolvidos.

Para Chartier (2011, p. 20), “[...] cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos que se apropria”. Essa singularidade atribuída ao leitor nos remete à leitura de mundo, que começa com a aproximação e o reconhecimento de sua própria realidade, do contexto no qual está inserido. Segundo Freire (2011, p. 29), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” e, pelas palavras, reescrevemos o mundo. O ato de ler configura-se como uma prática social que pode acontecer em diferentes espaços e possuir características específicas, relacionadas às finalidades e aos tipos e conteúdos de um texto.

No decorrer dos anos, os indivíduos foram se emancipando e adquirindo maior autonomia; a leitura, por sua vez, começava a se democratizar. Chantal e Segré (2010, p. 45-46) afirmam que

[...] a leitura tornou-se depois o apanágio de uma elite social, antes de ficar acessível ao conjunto da população, graças ao processo de alfabetização do século XVIII. No entanto, como essas fronteiras não eram estanques, as práticas de leitura se disseminaram ao mesmo tempo em que se transformaram.

Se as condições sociais impediam grande parcela da sociedade de fazer parte do mundo leitor, hoje, “[...] com a difusão de livros de conteúdos variados e formatos diversos, com a diminuição de seus custos e o aumento da instrução, a leitura tornou-se uma prática silenciosa que se generalizou e individualizou as preferências de leitura” (CHANTAL; SEGRÉ, 2010, p. 51).

Além da diminuição dos custos, que facilita sua democratização, o livro apresenta-se com formatos variados. Por intermédio dos avanços tecnológicos, podemos encontrá-lo da forma tradicional, impressa e encadernada, ou no formato digital, que, por ser um dispositivo de armazenamento de pouco custo de produção e de fácil acesso, devido à propagação da internet, favorece sua rápida transmissão e alcança um grande número de pessoas por meio da sua portabilidade.

A possibilidade de ler sozinho permitiu que um grande número de pessoas adquirisse algumas qualidades, como as estruturas lógicas, em que o espírito crítico se desenvolve e o intelectual começa a produzir ideias novas, leigas e críticas. O leitor contemporâneo possui o direito de escolher suas leituras, interpretá-las e incorporá-las à sua vida do modo mais conveniente, “[...] não mais sujeita ao controle de outrem, feita por e para si” (CHANTAL; SEGRÉ, 2010, p. 51). Com o avanço da democracia nas sociedades, os sujeitos leitores não mais estão submetidos ao controle rígido de outrem, que poderia ser o da igreja, do Estado, da autoridade do professor, por exemplo. Tal avanço representa a viabilidade de os leitores também decidirem que texto, que obra, ler.

A leitura, nessa perspectiva, configura-se como uma ferramenta para o desenvolvimento pessoal, profissional e social, apresentando, por meio de sua dinamicidade, contributos para o desenvolvimento da criticidade, do discernimento e da autonomia, enquanto se dialoga com o lido. Ainda sobre as possibilidades de formação do sujeito leitor, bem como a relação entre texto e contexto, Smith (1989, p. 212) assegura:

A leitura, como tudo o mais, envolve, inevitavelmente, as emoções. No lado positivo, a leitura pode proporcionar interesse e excitação, pode estimular e aliviar a curiosidade, proporcionar consolo, encorajar, fazer surgir paixões, aliviar a solidão, o tédio e a ansiedade, servir de paliativo à tristeza, e, ocasionalmente, como anestesia. Pelo lado negativo, a leitura pode ser um aborrecimento, confusa, gerando ressentimento.

Como se percebe, a leitura possui a capacidade de envolver o sujeito em várias situações da vida cotidiana, revelando emoções como a ansiedade e a tristeza. Tudo isso porque a leitura não é estática. O contato com ela possibilita a experiência com o desconhecido, mesmo quando não podemos vivenciar outros lugares e outras culturas. Nesse sentido, Abramovich (1997) acrescenta que é através dela que conhecemos novos mundos e, com toda sua interpretação e expressão, constituímos-nos como sujeitos pensantes e

formadores de opinião, propiciando, assim, o acesso à informação com autonomia, o reconhecimento de nossos direitos e deveres e a participação das diversas manifestações culturais, sociais, políticas e econômicas dentro do contexto local e global.

De todo modo, a leitura tem uma dupla capacidade que nos envolve no mundo: a de ser capaz de abrir novos horizontes para compreendermos a vida e, ao mesmo tempo, a de despertar sentimentos e emoções adormecidas. Nesse sentido, Fischer (2006, p. 7) argumenta:

A leitura desafia, capacita, encanta e enriquece. Pequenas marcas pretas sobre a folha branca ou caracteres na tela do computador pessoal são capazes de nos levar ao pranto, abrir nossa mente a novas ideias e entendimentos, inspirar, organizar nossa experiência e nos conectar ao universo.

Percebemos, então, que o contato com a leitura favorece um maior entendimento pessoal e social. Sua democratização nos oferece a capacidade de extrairmos sentidos de símbolos escritos ou impressos bem como de ampliarmos nossa compreensão e interpretação do mundo. Ou seja, a leitura torna-se necessária e preponderante para a conscientização, libertação e emancipação do sujeito leitor na busca incessante de sua plenitude.

1.2 Do acesso à educação ao desenvolvimento do gosto pela leitura

Neste item, iremos nos ater a dois momentos cruciais para a democratização da educação e o acesso à leitura. O primeiro deles refere-se à década de 1930, com o Manifesto dos Pioneiros da Educação, em 1932. O segundo diz respeito à década de 1980, com a promulgação da Constituição Brasileira de 1988.

A educação brasileira, ao longo de sua história, tem demonstrado avanços, como foi o caso do Manifesto dos Pioneiros, em 1932, que defendeu a legitimação da educação, dotado de regras próprias de funcionamento, e a universalização do acesso à escola de igual modo para todos, independentemente da posição social, do sexo ou da religião. Este foi um grande marco da educação e de sua democratização. Para falarmos sobre desenvolvimento da educação brasileira, necessariamente, temos que partir desse marco.

Baseados nos princípios de democratização e igualdade para todos, os pioneiros criaram estratégias para a Constituição de 1934, que estabelecia a necessidade do Plano Nacional de Educação, bem como a gratuidade e obrigatoriedade do ensino elementar. A escola, pois, deveria ser planejada em conjunto com a comunidade, pensando em atender suas necessidades.

Nesse sentido, percebemos que o Manifesto dos Pioneiros apresentou suas propostas educacionais, defendidas por educadores envolvidos na administração pública e que programaram diretrizes voltadas para a educação como um processo ativo, reforçando a proposta de implementação do Plano Nacional de Educação (PNE) e, mais tarde, a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB n. 9.394/96). Aluno e professor poderiam aprender continuamente em todas as atividades. Com isso, surgem os sinais de uma educação progressista, na qual professores e alunos aprendem uns com os outros. O professor não é mais o único detentor do saber.

Compreendemos, a partir dessa assertiva, que a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem possibilita sua motivação e sua permanência na escola. Embora houvesse a disponibilização de um maior número de vagas frente à demanda da sociedade por intermédio desse acesso à educação, ainda se verificava um elevado índice de sujeitos à margem das atividades educacionais. Mesmo com todos os movimentos voltados para o acesso e a melhoria da educação, ainda encontramos uma desigualdade na sua implementação, uma vez que grande parte daqueles que detinham um menor poder aquisitivo ficou de fora por tempo demasiado dessa renovação e ampliação educacional.

A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – 9.394/96 – dão início efetivamente a descentralização e municipalização de políticas sociais, incluindo a educação como direito de todos e dever do Estado. Desse modo, a educação configura-se como um “[...] dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, LDB 9.394/1996), com igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola.

Com a Lei de Diretrizes e Bases, o acesso à educação se constitui como garantia e passa a proporcionar também atividades de iniciativas à leitura e à escrita, oferecendo ao educando a possibilidade de desenvolver-se criticamente frente aos desafios encontrados na educação e, por conseguinte, à realidade vivenciada, compreendendo, enfim, sua formação histórico-cultural como cidadão e tornando-se sujeito de seu desenvolvimento individual e coletivo.

A educação, segundo Paro (2001, p. 50-51), é

[...] entendida como a apropriação do saber, no sentido que não se reduz à informação, porque se reporta a toda essa cultura acumulada. É pela educação que a humanidade pode apropriar-se de toda a produção cultural das gerações anteriores e capacitar-se a prosseguir em seu desenvolvimento histórico. Para o indivíduo, a educação significa sua atualização histórico-cultural, na medida em que, por ela, ele pode elevar-se do nível meramente natural em que nasce, apropriando-se da produção cultural existente, e colocar-se num nível de saber consentâneo com o alcançado pela sociedade em que vive.

Ainda nessa perspectiva enfatizada por Paro (2001), podemos perceber que um dos canais para a apropriação cultural é o acesso à leitura. Visto isso, compreendemos que a educação deve, entre outros ensinamentos, despertar as capacidades culturais de cada sujeito, de modo que se perceba a relação entre o ato de educar e o de democratizar, preparando o indivíduo para sua participação na vida pública como cidadão.

Com efeito, o acesso à educação favorece a formação do indivíduo, possibilitando o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, bem como o introduz nas manifestações socioculturais que acontecem ao seu redor. Assim, a instituição escolar se apresenta com a finalidade de difundir o saber e o conhecimento acumulado de geração a geração, permitindo a descoberta de novos saberes.

Os avanços das tecnologias de informação e comunicação conduzem a novos modos de ler e escrever. Nesse sentido, faz-se necessária a apropriação de novos saberes e técnicas que busquem oportunidades de formação, concebendo o ser humano na sua totalidade. Essa perspectiva foi delineada por meio dos quatro pilares da educação do século XXI, elaborados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO (1996) – e apresentados pelo Presidente da Comissão, Jacques Delors, fundamentando a educação em: *Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*, que se constituem como os quatro pilares preponderantes para o desenvolvimento educacional.

Aprender a conhecer – refere-se à interpretação e representação da realidade por meio do estudo de conceitos, princípios, fatos, proposição e teorias que proporcionam a construção do conhecimento.

Aprender a fazer – refere-se à aplicação na realidade, mediante capacidades, habilidades e destrezas, manifesta-se mediante ação, iniciativa e concretização.

Aprender a conviver/ser – refere-se à percepção da realidade por meio da conscientização da pessoa sobre si mesma e sua interação com seus grupos (WICKERT, 2006 *apud* BEZERRA, 2010, p. 39).

Essa decisão foi verificada a partir do momento que se percebeu a contribuição dessas proposições para a formação integral dos sujeitos, ou seja, as habilidades do conhecimento se desenvolvem na prática e devem ser relacionadas à realidade vivenciada e ao desenvolvimento cognitivo, preparando-o para ações sociais e que envolvam assuntos diversos. Pontes (2012, p. 17) assegura que

o conhecimento para ser difundido precisa ser lido, aprofundado, o que só é possível com a democratização da leitura, e a possibilidade do seu acesso. [...] A relação da leitura com a escola é constante e fundamental, visto que entendemos a escola como uma instituição responsável pela formação e pelo desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura.

O desenvolvimento do gosto pela leitura compreende o prazer, o envolvimento e a interação do leitor, criando e recriando significados na diversidade de gêneros textuais, que se apresentam de formas variadas – impressa ou digital –, dando a oportunidade de apropriação e escolha do sujeito leitor. Conforme Lajolo (2004, p. 7), a leitura se constitui como um contributo para

[...] entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, num espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

A formação do leitor está relacionada ao ato de conhecer, compreender e aprender, estimulando sua mente numa percepção do real em sua diversidade de significações. Nesse sentido, a leitura deve ser entendida como prática social e incorporada à vida cotidiana, instigando a busca pelo conhecimento, em que cada indivíduo possa se constituir um agente transformador da sua própria realidade.

As transformações e os progressos técnicos acerca do livro e da leitura contribuíram para a formação, o desenvolvimento e o despertar do gosto pela leitura, que se configuram como possibilidades de compreensão do mundo e do seu próprio ser. Compreendemos que tudo aquilo que nos rodeia e o modo como o interpretamos ocorrem através da leitura, como diz Martins (2007), não somente da decifração da escrita ou de códigos, mas de toda interpretação e expressão de mundo que nos constitui como sujeitos pensantes e formadores de opinião, ampliando o entendimento de mundo e propiciando o acesso à informação com autonomia.

Assim, o sujeito leitor, por meio das suas leituras e de suas experiências de mundo, é capaz de reunir informações que transformam e caracterizam sua criticidade diante da realidade, consciente do seu papel social bem como dos direitos e deveres que lhe asseguram o valor da cidadania. Nessa perspectiva, é possível compreender ainda que através da leitura podemos conhecer outros mundos e sentir novas emoções, e essa “[...] presença da realidade no ficcional faz com que o leitor estabeleça, necessariamente, relação entre os dois universos: aquele do seu cotidiano com aquele proporcionado pela ficção” (AMARILHA, 2006, p. 56). É por meio da leitura que a relação entre o mundo cotidiano e a ficção se torna possível.

O contato com a leitura proporciona o acesso à cultura e aos conhecimentos produzidos pela humanidade, o desenvolvimento das habilidades de comunicação, expressão, compreensão e criticidade, favorecendo a ampliação do imaginário e da visão de mundo. É necessário estabelecer conexões entre a linguagem e o contexto de quem fala, lê e escreve, compreendendo que o ato de ler transforma o indivíduo e a sociedade. Desse modo, “[...] a leitura é entendida como uma atividade social e reflexiva, pode propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como um desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva” (FERREIRA; DIAS, 2002, p. 41).

A leitura, então, é compreendida em tudo o que fazemos: nas tarefas mais simples, como escovar os dentes ou verificar o clima do dia, no tom da indumentária que escolhemos usar, folheando uma revista ou decidindo que direção seguir e, ainda, no livro que queremos ou não ler. “É uma atividade integrada à vida cotidiana de cada um. Lê-se sem saber, sem querer, sem atentar para o fato, lê-se sem parar [...]” (CHANTAL; SEGRÉ, 2010, p. 13).

A partir do exposto, entendemos que o incentivo e a democratização da leitura se constituem como contributos sociais e práticas dialógicas, formando sujeitos participativos dos sistemas de informação, do conhecimento e da cultura letrada e da apropriação do capital cultural da sociedade.

1.3 Da legislação que incorpora a leitura ao BALE

As ações para assegurar os direitos de acesso e propagação da leitura de modo diversificado são responsabilidades do poder público e de iniciativas acadêmicas, a exemplo do Programa de Extensão BALE, que visa fomentar a leitura e contribuir com a formação de leitores.

Nesse sentido, as políticas públicas são, também, formuladas pelos poderes executivo e legislativo, de acordo com as demandas e as propostas da sociedade, maior interessada na práxis dessas ações, podendo, ainda, participar de sua formulação quando necessário. A partir desses pressupostos, percebemos o papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade de grande parte da sociedade. Contudo, é preponderante identificar as possibilidades de desenvolvimento educacional, individual e coletivo das ações implementadas, bem como as dificuldades e os limites da prática, atendendo às propostas articuladas para o desenvolvimento local.

Assim, de acordo com Teixeira (2002, p. 3), as políticas públicas têm como objetivos:

[...] responder a demandas, principalmente dos setores marginalizados da sociedade, considerados como vulneráveis. Essas demandas são interpretadas por aqueles que ocupam o poder, mas influenciadas por uma agenda que se cria na sociedade civil através da pressão e mobilização social. Visam ampliar e efetivar os direitos de cidadania, também gestados nas lutas sociais e que passam a ser reconhecidos institucionalmente. [...] Os objetivos das políticas tem uma referência valorativa e exprimem as ações e visões de mundo daqueles que controlam o poder, mesmo que, para sua legitimação, necessitem contemplar certos interesses de segmentos sociais dominados, dependendo assim da sua capacidade de organização e negociação.

Nessa perspectiva, concebemos que as políticas de incentivo à leitura são também recorrentes no cenário nacional e internacional, com programas e projetos voltados para a aquisição do livro, o fomento à leitura e as bibliotecas, sobretudo após o período de redemocratização, em 1988.

Antes desse período, observamos, dentre as políticas de leitura implementadas, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), criada em 1968, e organismos

multilaterais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) bem como a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), que favorecem subsídios na elaboração de iniciativas de fomento à leitura por meio do Plano Nacional do Livro e da Leitura (OLIVEIRA, 2011).

Algumas iniciativas políticas e ações do Governo Federal na área do livro e da leitura são preponderantes para a viabilização do acesso ao mundo letrado. O Instituto Nacional do Livro (INL), que funcionou de 1937 a 1990, objetivou criar edições, publicando e distribuindo livros assim como estimulando o processo de implantação de bibliotecas, formando recursos humanos qualificados para atuar nas atividades bibliotecárias. Ele passou, desse modo, a coordenar o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.

Durante oito anos – de 1961 a 1969 –, o Sistema Nacional de Bibliotecas foi incorporado ao INL e tinha como finalidade coordenar e promover a integração das bibliotecas públicas. Anos mais tarde, no período de 1988 a 1990, a Fundação Pró-Leitura, vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), passou a coordenar as atividades do INL e da Biblioteca Nacional e, de 1990 até os dias atuais, a Fundação Biblioteca Nacional, em parceria com o MinC, apresenta como principal objetivo coordenar o depósito legal do patrimônio bibliográfico e documental do Brasil, promovendo o acesso à memória cultural que integra seu acervo e coordena o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER, 2009).

A partir dessas medidas, outras iniciativas acerca da leitura e seu acesso foram criadas. O PROLER, o mais antigo programa de incentivo à leitura do Governo Federal, em atividade há 21 anos, desde 1992, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e ao MinC, tem como compromisso promover ações de valorização da leitura, criando parcerias com o poder local para que promovam a leitura pelo país.

O PROLER tem como objetivo promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania, incentivando políticas públicas que garantam o acesso ao livro e à leitura, contribuindo para a formulação de uma Política Nacional de Leitura, articulando ações de incentivo entre os diversos setores da sociedade, viabilizando a realização de pesquisas e concebendo a leitura e a escrita como atos indutores de uma práxis transformadora, construída pela via da compreensão e da interpretação (PROLER, 2009).

Para os objetivos pensados, devem ser asseguradas condições de viabilidade, qualidade e equidade, de modo que possibilite a formação de uma sociedade leitora e escritora, reconhecendo escolas e bibliotecas comunitárias e públicas como sendo espaços de

promoção da leitura literária e formação da cidadania. Esse aspecto contribui, de igual modo, para a promoção do conhecimento, da criação e do imaginário de cada sujeito, caminhando no sentido da apropriação da cultura, da inclusão social e da troca de experiências (PROLER, 2009).

Esse reconhecimento, todavia, deve vir acompanhado de ações de formação continuada de promotores da leitura atuantes na comunidade, estruturando uma organização de multiplicadores dessas ações e de outras, que valorizem o livro e a leitura, assegurando a democratização da leitura e a formação pessoal e social dos indivíduos envolvidos nesse processo.

A leitura é, em alguns casos, uma ação individual que se exerce cotidianamente, podendo corresponder a um ato mecânico e, igualmente, transformar-se numa experiência enriquecedora, quando associada a práticas determinadas.

Os pressupostos teóricos que fundamentam o PROLER, de acordo com Yunes (1992), apresentam a dimensão semiótica da leitura, seu estímulo como prazer e ainda como questão de saúde, indicando que é necessária uma relação de estreitamento das relações entre leitor, texto e contexto.

O ato de ler apresenta-se por meio de diferentes suportes, assim a criação de uma sociedade leitora não depende apenas da existência de textos literários, do mesmo modo que a distribuição de livros também não é suficiente para despertar as iniciativas leitoras. Nessa perspectiva, uma formação continuada que incentive a leitura é essencial para o contexto atual, em que as atividades de cultura e entretenimento ficam muitas vezes distantes da realidade de grande parte da sociedade. Desse modo, a permanência e continuidade do PROLER devem ser asseguradas pela articulação do poder público, envolvendo a sociedade política e civil.

O PRÓ-LEITURA, por sua vez, também implantado em 1992, objetivou contribuir para a formação continuada na área da leitura. Dentre esses programas, verificamos que as campanhas de fomento à leitura são em alguns casos reconhecidas nacionalmente com o apoio da mídia, assegurando que essas informações vão alcançar um número maior de pessoas. Um exemplo seriam as propagandas do Governo Federal, como “Vamos fazer do Brasil um país de leitores”, que apoiam e firmam essa iniciativa, incentivando as famílias a participarem do dia a dia escolar de seus filhos, sugerindo que os pais, os familiares e a comunidade leiam para as crianças todos os dias, desenvolvendo, assim, o prazeroso hábito da leitura compartilhada. Desejamos que essas iniciativas de leitura possam contribuir para a formação de sujeitos leitores e que eles, por sua vez, possam fazer parte do futuro esperado, mas no

presente, como ação imediata, para que reconheçamos, ainda na atual conjuntura, o desenvolvimento de um país de leitores.

Ainda sobre iniciativas de leitura, fazendo um retrospecto de sua história, deparamo-nos com o Projeto Uma Biblioteca em cada Município, que permaneceu em vigor de 1995 a 2002, vinculado institucionalmente à Secretaria do Livro e da Leitura (MinC). Ele tinha como finalidade ampliar a rede de bibliotecas públicas municipais, de modo que favorecesse a aquisição de recursos e distribuição de livros, com os equipamentos e mobiliários necessários.

Em meio a essas atividades, surgiu no ano de 1997, em funcionamento até os dias de hoje, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (MEC). Ele tem promovido a distribuição de livros de literatura para as escolas de todo o país. Com esse mesmo objetivo, desde 2003, o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), a fim de formar agentes de leitura e construir bibliotecas rurais, iniciou o Programa Arca das Letras, possibilitando o acesso ao mundo da leitura de modo democrático, em que todos tenham a oportunidade de inserir-se na cultura letrada.

Posto isso, com a leitura caminhando – pelo menos por intermédio dos programas citados – para sua democratização, outras ações são pensadas com a finalidade de consolidar as iniciativas anteriores e envolver os diversos segmentos da sociedade, acreditando nas contribuições para a formação individual e coletiva e contribuindo, do mesmo modo, para os avanços da educação e o crescimento da sociedade.

Por conseguinte, no ano de 2006, foi criado o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), apoiado pelo Conselho Diretivo com Membros do MEC e MinC, da Academia Brasileira de Letras e da Câmara Brasileira do Livro. Como as demais ações, para juntar-se a elas e consolidá-las, visa assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade, criando condições e direcionando diretrizes para a execução de políticas, projetos e outras ações ligadas ao Estado e à sociedade civil, formando leitores e buscando o aumento do índice nacional de leitura com a implantação de bibliotecas em todos os municípios (BRASIL, 2006).

A Lei do Livro, n. 10.753 – sancionada em 2003 –, institui a Política Nacional do Livro, expondo como valores e objetivos as seguintes premissas:

- I – Assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;
- II – O livro é meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da

conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida;
 III – Fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro;
 IV – Estimular a produção intelectual dos escritores e autores brasileiros tanto de obras científicas como culturais;
 V – Promover e incentivar o hábito de leitura;
 VI – Propiciar os meios para fazer do Brasil um grande centro editorial;
 VII – Competir no mercado internacional de livros, ampliando a exportação de livros nacionais;
 VIII – Apoiar a livre circulação do livro no país;
 IX – Capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e para promover a justa distribuição do saber e da renda;
 X – Instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda do livro;
 XI – Propiciar aos autores, editores, distribuidores e livreiros as condições necessárias ao cumprimento do disposto nesta Lei;
 XII – Assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura (BRASIL, 2003).

Os objetivos foram definidos com vistas a assegurar os direitos de acesso e uso do livro e como forma de disseminar a cultura e o conhecimento, bem como possibilitar outras iniciativas de leitura. Com a disseminação das políticas públicas relacionadas ao acesso à leitura, no ano de 2005, a Política Nacional do Livro adotou o nome *Vivaleitura*, designando o Ano Ibero-Americano de Leitura, comemorado não somente no Brasil, mas também em 21 países da América e da Europa. O *Vivaleitura* foi um movimento liderado pelo Governo Federal, por meio do Ministério da Cultura e da Educação, da OEI, do CERLALC, vinculado à UNESCO, e contou com a participação de diversas bibliotecas e organizações da sociedade civil ligadas ao livro e à leitura, mobilizando sua difusão e incentivo (MARQUES NETO, 2006).

As linhas de ação do *Vivaleitura* foram pensadas e organizadas em quatro eixos: *democratização do acesso, fomento à leitura e à formação de mediadores, valorização do livro e da leitura*, assim como *o apoio à criação e produção do livro*. A campanha homenageava e premiava as iniciativas à leitura em todo o país, estimulando, fomentando e reconhecendo as melhores experiências relacionadas à leitura (OLIVEIRA, 2011). Desse modo, reconhecendo as iniciativas de democratização ao acesso e fomento à leitura,

[...] o Prêmio *Vivaleitura*, realizado pela OEI, já recebeu mais de 10 mil projetos de todo país, de municípios pequenos e grandes, inclusive de

comunidades indígenas isoladas e de difícil acesso. Ao oferecer um prêmio em dinheiro de R\$ 30 mil e realizar uma importante cerimônia de premiação, ao estilo Oscar do cinema, que revela os vencedores apenas no momento da entrega do prêmio. O Vivaleitura vem valorizando os profissionais e voluntários que atuam incentivando a leitura em escolas, empresas, universidades e comunidades pelo Brasil afora (BRASIL, 2006).

Em 2008, o Vivaleitura premiou pela terceira vez as iniciativas à leitura, públicas ou privadas. Dessa vez, o prêmio foi para o Projeto⁵ Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, que se constitui campo de pesquisa deste trabalho, por suas atividades realizadas em Pau dos Ferros/RN e cidades circunvizinhas, que proporcionaram o contato com o livro e o texto em sua variedade de gêneros e que, através da contação de histórias, do reconto e da mobilização dos envolvidos, têm despertado o interesse e o imaginário dos que se permitem envolver nas entrelinhas e no enredo de cada narrativa. Seu objetivo de viabilizar e incentivar o acesso à leitura de modo prazeroso contribuiu para que suas ações fossem lidas e avaliadas com atenção, sendo contemplado com o prêmio e ficando entre os cinco melhores projetos de fomento à leitura do Brasil.

Diante das iniciativas e ações para proporcionar a democratização do livro e da leitura, bem como da construção e manutenção de bibliotecas escolares, são necessários três parâmetros de sustentação para a consolidação de uma política de reconhecimento e valorização da leitura e da escrita⁶, quais sejam: a oferta intensiva de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias, a formação continuada de agentes de leitura e o estímulo à formulação e homologação de planos acerca do livro e da leitura, de acordo com o PNLL.

Visto isso, e para a concretude desses parâmetros, foi aprovada pelo Poder Legislativo Estadual a Lei n. 9.169, que dispõe sobre a Criação da Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Estado do Rio Grande do Norte, promulgada no dia 15 de janeiro de 2009 e ancorada no referencial do programa Prazer em Ler¹, com a expectativa de que a formação de leitores contribua, positivamente, para os indicadores educacionais do estado, promovendo, efetivamente, impactos na vida do público leitor.

⁵ No ano de 2012, o Projeto de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) reestrutura suas atividades, dividindo-as em cinco ações, todas com o objetivo de viabilizar o acesso ao livro e ao texto literário. Desde então, foi aprovado como Programa e considerado mais uma política pública, passando, por conseguinte, a atender um maior número de espaços escolares e não escolares e, principalmente, os que ficam distantes dos grandes centros urbanos e entretenimento cultural e lazer.

⁶ Vez ou outra, discursos sobre a escrita vão se fazer presentes nesta pesquisa pelo fato de que ela está diretamente ligada aos processos de aquisição da leitura.

Assim, o capítulo I apresenta, por meio do parágrafo único do artigo 1º, os fins dessa política, descrevendo que

a política a que se refere este artigo tem por objetivo fazer com que o Poder Público assegure a formação do leitor em todas as escolas de educação básica, de modo que as crianças, os adolescentes, jovens e adultos desenvolvam o prazer em ler textos literários, favorecendo o acesso ao conhecimento e aos bens culturais da humanidade.

A finalidade do exposto no capítulo I é que se possa garantir que todas as escolas públicas tenham o seu espaço de leitura estruturado, seja em um local reservado para a biblioteca ou mesmo numa sala de leitura, promovendo seu acesso com qualidade, atualizando e ampliando seu acervo e estrutura física sempre que necessário. Para tanto, é preponderante, ainda, a realização de uma formação inicial e continuada de educadores mediadores da leitura literária, favorecendo condições para a elaboração de projetos de promoção da leitura e envolvendo, todavia, o público interno e, quando possível, a comunidade em volta da escola (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, 2009). Ribeiro (1994, p. 61) considera:

Sabemos que a biblioteca escolar possibilita acesso à literatura e as informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente. Para atender essas premissas, a biblioteca precisa ser entendida como um “espaço democrático” onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo.

A presença de uma biblioteca contribui para facilitar e viabilizar o acesso à leitura. Por conseguinte, e para a práxis do disposto na Lei n. 9.169, o capítulo II dispõe em parágrafo único que os espaços reservados para as atividades leitoras podem variar conforme a estrutura física da instituição de ensino, mas devem obedecer aos critérios de uma biblioteca ou sala de leitura, com ambientes adequados para a realização das atividades de mediação de leitura.

Os cantos de leitura por ventura adotados em salas de aula ou a disponibilização de acervos em instrumentos móveis são opcionais e de caráter complementar aos serviços prestados pela biblioteca e/ou sala de leitura da escola, portanto, não substituem os espaços definidos nos incisos I e II [...], Biblioteca e Sala de Leitura (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, 2009).

Em continuidade, o capítulo III, através do artigo 6º, fala sobre o acervo de livros, que deve ser diversificado, considerando sua variedade de gêneros nacional e internacional, desde a ficção científica, terror, aventuras, fantasia, contos, policiais e romances, bem como sua qualidade material, visual e textual.

Nos escritos sobre o *ato de ler*, Silva (1981, p. 12) acrescenta:

Os serviços bibliotecários não podem ser reduzidos a “tombar, tirar e pôr livros na prateleira” e nem a simplesmente controlar a data de entrega dos livros emprestados; as funções do bibliotecário não podem transformar-se em automatismos rotineiros e inconsequentes. O bibliotecário escolar deve ter como função, além de outras, preparar programas de incentivo à leitura, justamente com professores, orientadores e supervisores.

Para a continuidade das iniciativas de fomento à leitura, não basta que se tenha um espaço destinado para tal fim, mas sim profissionais qualificados para exercer a função de bibliotecário, de modo que não se restrinja ao processo de catalogação ou verificação de empréstimos, pensando-se, além disso, em atividades de incentivo à leitura que envolvam todos os segmentos da comunidade escolar, variando suas iniciativas como forma de transformar e propiciar a formação de sujeitos leitores.

Nesse sentido, vislumbrando as possibilidades de se estimular a leitura, os capítulos IV e V vêm ponderar as mediações e os projetos de promoção da leitura literária nas escolas. O capítulo VI trata da publicidade sobre a importância da leitura literária, apresentada no artigo 11 do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE), expondo que

[...] deve estimular a criação da Rede de Escolas Leitoras, comprometida com a realização de ações articuladas, tendo em vista a discussão, criação e realização de atividades de formação de mediadores de leitura, campanhas educativas, feiras, mostras, concursos e publicações de obras literárias oriundas de escolas da Rede, entre outras atividades congêneres.

Percebemos que as iniciativas de leitura têm aproximado e/ou propiciado às instituições escolares atividades de mediação da leitura de modo diversificado, proporcionando maior interação entre os segmentos da sociedade num contexto geral, atendendo à demanda das ações voltadas para aqueles que estão muitas vezes à margem da sociedade e desprovidos de entretenimento cultural e lazer.

Diante do exposto acerca da leitura, notamos que o sujeito se apropria do que fora lido e toma para si o conhecimento adquirido, compreendendo as transformações que acontecem no contexto em que vive, seja local, seja global. Para Silva (1981, p. 41), “a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural”, é a indissociabilidade entre o real e o ficcional. Conforme Pontes (2011, p. 86),

o acesso livre à informação e ao vasto mundo literário com suas obras de referência, história, ficção e lazer, levando a uma gama de opções de leitura, promovendo o contato agradável com os livros, é que formará o gosto pela leitura, dando sentido à existência desses espaços.

Entendendo que o acesso ao mundo literário viabiliza a formação de leitores bem como o desenvolvimento do gosto pela leitura, torna-se fundamental que as escolas imprimam também o contato com o livro. Observamos que cada leitor é capaz de modificar o seu comportamento, posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, podendo, a partir de então, fazer parte das atividades realizadas na sociedade com a autonomia que lhe é reservada.

A necessidade de que sejam criadas e implementadas novas bibliotecas evidencia a dimensão e o desafio de se cumprir o que determina a “[...] Lei Federal n. 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização em até 10 anos, das bibliotecas nas instituições de ensino públicas e privadas do país” (SANTA ROSA, 2011, p. 21).

Embora tenhamos conhecimento das Leis que relacionam a leitura à prática escolar, percebemos, do mesmo modo, por meio de levantamento sobre o número de bibliotecas escolares no Rio Grande do Norte, realizado na UFRN ainda no ano de 2013, que de 3.925 escolas – níveis federal, estadual, municipal e privado – apenas 1.478 informaram possuir bibliotecas, uma margem de 38%, ficando 2.438 escolas sem um espaço destinado às atividades bibliotecárias, uma margem de 62%. Com isso, cabe-nos socializar a seguinte

informação: dos municípios que disponibilizam escolas com serviços bibliotecários, a cidade de Pau dos Ferros não aparece entre os nomes citados (OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO DO RN, 2013).

Assim, compreendendo a necessidade de incentivos à leitura na cidade de Pau dos Ferros, surge o Programa Extensionista BALE, constituído como política pública, o qual tem realizado sua função social principalmente nas escolas reconhecidamente carentes de entretenimento cultural e lazer, atividades de contação de histórias, promovendo, incentivando e democratizando o contato com o livro e o texto literário em sua diversidade.

Na perspectiva de encontrar uma estratégia permanente de planejamento, apoio e articulação acerca das ações de fomento à leitura é que fora enviada à Assembleia Legislativa a proposta do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), no dia 1º de setembro de 2011, por meio do Decreto n. 7.559, que dispõe acerca das iniciativas de democratização da leitura, bem como da formação de mediadores para seu incentivo e ainda da intenção de desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual. Essa proposta distribui, pois, suas ações em quatro eixos⁷ estratégicos e dezenove linhas de ação, dentre elas a criação de projetos sociais de leitura e prêmios de reconhecimento às práticas de incentivo e fomento ao livro e a literatura, bem como ações de conscientização sobre o valor social e simbólico do livro. Nesse sentido, o artigo 12 do mesmo Decreto assegura que “os Ministérios da Cultura e da Educação darão suporte técnico-operacional para o gerenciamento do PNLL, inclusive aporte de pessoal, se necessário, permitindo-se a celebração de convênios e congêneres” (ARTIGO 12 – DECRETO Nº 7.559), que o torna um Plano de Governo, com metas e compromissos para cada mandato a partir do Decreto Presidencial de 2011.

Ainda por intermédio do PNLL, encontramos, dentre as ações pensadas em cada eixo, Agentes de Leitura, os quais foram selecionados com a finalidade de mediar a leitura em meio às famílias que estão distantes das atividades culturais e do mundo literário. A iniciativa tem se consolidado em alguns estados do país, apresentando quantitativos positivos e melhorias acerca do envolvimento do sujeito leitor com a obra literária.

O fomento à leitura e sua mediação têm proporcionado o barateamento dos livros. A redução dos custos, feito difundido a partir da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), deliberou que editoras e distribuidoras produzissem em maior quantidade, cadastrando os exemplares com preços abaixo da média, contribuindo, assim, para sua difusão e

⁷ Eixo 1 – Democratização do acesso, Eixo 2 – Fomento à leitura e à formação de mediadores, Eixo 3 – Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico, e Eixo 4 – Desenvolvimento da economia do livro.

democratização. A diminuição dos custos de venda tem possibilitado o acesso daqueles que detêm um menor poder aquisitivo, uma vez que grande parte dos municípios beneficiados está localizada em regiões de vulnerabilidade social, os chamados Territórios da Cidadania. Nessa perspectiva, tem contribuído ainda para a consecução das ações realizadas em cada eixo do PNLL como estratégia de disseminar a promoção do livro e da leitura.

Desse modo, Projetos de Livraria Popular vêm sendo elaborados, estimulando a produção cultural com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional, que, por sua vez, tem criado Pontos de Leitura – Edição Machado de Assis –, apoiando em localidades distintas as iniciativas de fomento à leitura e disponibilizando exemplares de literatura brasileira, estrangeira, infantil e juvenil, DVDs, enciclopédias e outros meios de propagação e incentivo que estimulem a leitura como promotora do exercício da cidadania, da emancipação do sujeito e do pensamento crítico, assim como da abertura do conhecimento e da diversidade do mundo.

Diante do exposto, aproximamos as iniciativas de fomento à leitura à cidade de Pau dos Ferros, que fica distante dos grandes centros e, portanto, longe de muitas ações de entretenimento cultural. De acordo com esse pressuposto, o BALE, nosso objeto de estudo, tem possibilitado o acesso ao livro e ao texto literário por meio de suas atividades; como Ponto de Leitura, tem aproximado a comunidade da universidade, realizando momentos de interação entre livro, texto, autor, leitor e contexto local. Ainda como um dos Pontos de Leitura, por intermédio da FBN – Edição Machado de Assis –, tem qualificado seu acervo bibliográfico e ampliado suas ações aos bairros ainda não atendidos e às cidades circunvizinhas.

CAPÍTULO II

PROGRAMA DE EXTENSÃO BIBLIOTECA AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS (BALE)

[...] a leitura, particularmente a leitura literária, além de dever ser *democratizada*, é também *democratizante* [...] em grande parte, somos o que lemos, e [...] não apenas lemos os livros, mas também somos lidos por eles (MAGDA SOARES, 2008, p. 09, grifo do autor).

Este capítulo pretende discutir o Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), tratando de suas atividades e de seu crescimento em cada edição. Antes disso, uma discussão sobre a extensão universitária e sua relação com o ensino e a pesquisa se faz necessária, uma vez que o Ensino Superior se ancora na indissociabilidade dessas funções acadêmicas. A extensão, pois, é a base acadêmica do BALE.

No primeiro tópico, apresentamos a importância da extensão universitária para a sociedade. É através dela que a universidade se aproxima da comunidade. Fica claro que o BALE favorece essa aproximação, quando vai às escolas, às praças, às ruas, enfim, aos espaços não escolares. Ao mesmo tempo, possibilita que os envolvidos cheguem até a universidade.

No segundo tópico, apresentamos o contexto acadêmico no qual o BALE está inserido, destacando o *Campus* Avançado Profa. Maria Eliza de Albuquerque Maia (CAMEAM, a partir de agora) como um espaço acadêmico que, além da graduação, vem primando pela verticalização do ensino, seja de *lato sensu*, seja de *stricto sensu*. Por outro, a cidade de Pau dos Ferros vem demonstrando seu desenvolvimento educacional no CAMEAM, com o *Campus* da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN). Além dessas Instituições de Ensino Superior públicas, conta com duas instituições de iniciativa privada: a Anhanguera e a Faculdade Evolução Alto Potiguar (FACEP).

No terceiro e quarto tópicos, discutimos e apresentamos especificamente o BALE, suas atividades e edições. O BALE foi implementado em 2007 e, hoje, está na sua sétima edição.

2.1 A importância da extensão universitária para a sociedade

Falar da extensão universitária nos remete às funções acadêmicas do ensino superior, bem como a suas políticas de inclusão, permanência e participação nas atividades acadêmico-científicas. A extensão é uma das funções da universidade e tem a finalidade de estreitar a relação desta com a sociedade. Como prática acadêmica, aproxima suas atividades de ensino e pesquisa às demandas da população. Assim, de acordo com as ações culturais e científicas realizadas no processo acadêmico, deve se constituir como contributo para diminuir as desigualdades sociais existentes na conjuntura atual.

Com a promulgação da Carta Constitucional Brasileira de 1988, foi formulado o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e, a respeito desse propósito, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB n. 9.394/96 – acrescenta, de acordo com o inciso VII do artigo 43, que a universidade deve “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas pela instituição”, surgindo como um elo que liga o âmbito acadêmico e a comunidade. Esse processo de interação e reciprocidade entre universidade e sociedade se deu, também, em decorrência dos estudos de Freire (1971), que assinalou as possibilidades de uma educação enquanto instrumento de conscientização e compromisso com a transformação social, cooperando para que a produção e a difusão do conhecimento atendessem às demandas da população.

Nesse contexto, a indissociabilidade é entendida como referência para a organização do trabalho pedagógico e sua prática implica condições políticas e estruturais da universidade.

A expressão “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, consagrada pela Constituição de 1988, não deve ser considerada como uma fraseologia de efeito, mas como uma síntese atual da história educacional brasileira, que aponta diretamente para a construção de uma universidade de bom nível acadêmico, pública, autônoma, democrática, que se coloca a serviço da realização de uma sociedade independente e soberana científica, tecnológica e culturalmente, voltada para os interesses concretos da população Brasileira (PUCCI, 1991, p. 32).

Compreendemos que a indissociabilidade entre o ensino, entendido como apropriação de conhecimentos, a pesquisa, como produção de novos conhecimentos, e a extensão, que se

caracteriza como intervenção nos processos sociais e identificação de problemas na prática, que demandam novas pesquisas, como um novo processo de produção e conhecimento na educação superior.

Nesse sentido, a extensão universitária passa a apresentar uma interface entre o saber produzido no âmbito acadêmico e a cultura local e entre esta e a cultura universitária, iniciando um processo de transformação da sociedade, bem como das suas atividades de ensino e pesquisa, realizadas por meio da ciência e tecnologia, na tentativa de contribuir para a construção e reconstrução da sociedade em que está inserida.

Nessa perspectiva, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em 1987, garantiu que nas políticas de extensão devem constituir

[...] o compromisso social da Universidade na busca da solução dos problemas mais urgentes da maioria da população; a indissociabilidade entre as atividades de Ensino, Extensão e Pesquisa; o caráter interdisciplinar da ação extensionista; a necessidade de institucionalização da Extensão no nível das instituições e a nível do MEC; o reconhecimento do saber popular e a consideração da importância da troca entre este e o saber acadêmico; a necessidade de financiamento da Extensão como responsabilidade governamental (NOGUEIRA, 2001, p. 67).

Partindo desse consenso, o Fórum Nacional (1987) concebeu a extensão universitária como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabilizando a relação transformadora entre universidade e sociedade.

Visto isso, compreendemos a universidade a partir de sua função social, que a aproxima da comunidade, promovendo a construção da cidadania, e ainda como articuladora do saber e do fazer entre universidade e sociedade. O entendimento acerca da extensão universitária é preponderante para que possamos compreender também a relação existente entre o Programa BALE e a comunidade, que propõe colocar em prática seu objetivo de disseminar o gosto pela leitura, proporcionando uma aproximação das escolas e dos espaços não escolares com a universidade. Essa troca de experiências tem contribuído para sua finalidade, bem como para o desenvolvimento dos envolvidos nesse processo de transformação, em que a universidade – enquanto ensino, pesquisa e extensão –, o BALE, com sua ação interdisciplinar, as escolas e toda comunidade inserida agregam valores para sua formação.

Sendo assim, uma vez aproximadas as instituições de ensino superior às escolas e à comunidade, é necessário também que esse processo seja pensado de modo que cada sujeito tenha seus direitos educacionais preservados, universalizando um acesso à educação que garanta sua permanência e participação nas diversas formas de saber ofertado pela universidade, que aprende e aperfeiçoa-se com a colaboração da sociedade, incentivando seu desenvolvimento e preparando-a para o exercício da cidadania e sua qualificação.

A universidade, todavia, deve se configurar como uma instância fundamental para promover a autonomia pessoal, social e profissional dos sujeitos envolvidos. Para esse feito, o aluno deve ter e criar condições de se manter no curso, participando nesse período dos grupos acadêmico-científicos, reconhecendo a influência do papel da educação superior e compreendendo sua importância para a sociedade e para sua formação, quer por meio de pesquisas e atividades extensionistas que voltam parte das suas ações para a comunidade numa tentativa de aproximação e contribuição acadêmica, quer por intermédio dos estágios, que preparam o aluno e lhe oferecem experiência no campo prático.

Como autora desta dissertação, assim como membro do BALE e, por conseguinte, participante das atividades de extensão, apreendemos os contributos que ora falamos sobre a relação entre universidade e sociedade bem como os desafios, os limites e as possibilidades de crescimento pessoal e coletivo ao participarmos de tal ação. Uma vez inserindo-nos no contexto acadêmico da extensão universitária, podemos definir a disposição frente às diversas atividades proporcionadas. Ser aluno é poder aprender e apreender o que está posto na grade curricular e, ainda, poder fazer parte das diversas atividades oferecidas pela universidade. Como dito antes, o ensino, a pesquisa e a extensão caminham juntos e proporcionam maior interação entre os segmentos que passam a se reconhecer pelo nome, a compartilhar as experiências e os conhecimentos adquiridos.

Realizar extensão universitária não é uma tarefa simples. Cada novo encontro se constitui como um desafio vencido. Alunos, professores, técnicos e funcionários aprimoram sua formação e atuação acadêmica, pensando em ações que envolvam a comunidade e em que ambos percebam que os limites só existem enquanto não tentarmos. Assim, quando se conhece a práxis das ações extensionistas, é possível vislumbrar o quão próximos estão nossos anseios e que, quando compartilhados, se tornam mais intensos, atrelados à realidade e vistos como possibilidades de transformação social. Tudo se transforma nesse processo – universidade e comunidade –, até que novas metas sejam delineadas.

A extensão universitária contribui para a formação do profissional. Incluímos as contribuições para nossa formação a partir das atividades desempenhadas que preparam para a

prática de atuações futuras, incentivando para que se participe dos eventos – de níveis local, nacional e internacional –, socializando as experiências e os conhecimentos adquiridos por meio do ensino, da pesquisa e extensão e proporcionando a aproximação dos que fazem a instituição, assim como o desenvolvimento pessoal, acrescido através do contato com a comunidade e sua realidade, ocasião em que o pesquisador ultrapassa o espaço físico da academia, indo ao encontro das necessidades locais.

Ainda a respeito dos contributos para a formação do sujeito – eterno aprendiz –, reconhecemos que as experiências adquiridas em contato com a comunidade nos fazem entender que a diversidade tem muito para ensinar e que esse contato favorece um olhar mais humano, estimulando o envolvimento acerca da extensão e a busca pelo conhecimento. De acordo com essa premissa, Silva (2010, p. 7) relaciona

[...] a importância da extensão para a formação ao fato de que a mesma articula ensino e pesquisa a partir de uma concepção político-metodológica que privilegia as necessidades da maioria da população, sujeitos com os quais se produz conhecimento, diante das demandas concretas. Assim concebida, a extensão não seria uma atividade à parte ao ensino e à pesquisa, mas o momento de devolução e articulação do saber, constantemente revisto, no confronto com a materialidade da vida social. A extensão, nesta perspectiva, constitui-se em fator desencadeador do processo de ensino: os conhecimentos já produzidos, ao serem colocados em prática, evidenciam lacunas, que se transformam em problemas para pesquisa, fomentando a construção de novos conhecimentos, que serão adotados no processo ensino-pesquisa-extensão e assim sucessivamente [...].

Nesse sentido, a extensão universitária é estabelecida por uma política que envolva os processos educativos, culturais e científicos, de modo que se possa interagir com o ensino e a pesquisa, proporcionando uma ação conjunta entre a universidade e a sociedade.

A extensão universitária é eixo chave do ensino universitário comprometido com os problemas da sociedade, é um campo especializado de intervenção para a construção do saber. Teoria e prática são elos indissolúveis na produção de conhecimento, que podem ser efetivadas pelos alunos, fortalecendo a formação universitária e, ao mesmo tempo, buscando trazer respostas a problemas sociais existentes na sociedade (CABRAL, 2002 *apud* TEIXEIRA; TEIXEIRA; VILAÇA, 2003, p. 3).

As relações que envolvem o tripé acadêmico perpassam a concepção universitária de formação profissional. O ensino, a pesquisa e a extensão estão interligados, uma vez que somente com o ensino é possível desenvolver a pesquisa e, a partir desta, chegar à extensão, promovendo, com esse feito, intervenções entre universidade e sociedade. Teoria e prática se unem na produção do conhecimento, buscando respostas aos problemas sociais encontrados no contexto local, aproximando a universidade da sabedoria popular e a comunidade do saber científico. A extensão, assim, deve colocar em prática o ensino e a pesquisa, dando sentido às ações universitárias e aos objetivos desta, que são preservar, desenvolver e difundir o conhecimento, preponderante para sua consolidação diante da sociedade e da própria academia.

Desse modo, é necessário que as atividades extensionistas possam se configurar em ações transformadoras para a sociedade e que se possa preservar, desenvolver e difundir o conhecimento dentre as questões locais, regionais e nacionais, uma vez que o contexto local está inserido nos acontecimentos globais e, por isso, devem pensar seu estudo e sua proposta de encontro com essa realidade. Para Sguissardi (2009, p. 50), a

[...] utopia de que os princípios norteadores de uma política de educação superior para o nosso país sejam a efetiva democratização do acesso e garantia de condições de conclusão dos respectivos cursos; a autonomia, a associação ensino-pesquisa-extensão, a gestão democrática, a excelência acadêmica e a natureza pública das IES, custeadas pelo Estado [...].

Percebemos que o desejo de uma universidade mais próxima da comunidade não deve ser utópico, ainda que um número demasiado de pessoas esteja à espera de oportunidades para fazerem parte do meio acadêmico. As transformações acontecidas dentro da universidade devem envolver todos os segmentos, de modo que se ofereçam condições de estudo e trabalho com equidade, diminuindo, por conseguinte, os índices de evasão, e que se possa constituir o paradigma de uma universidade socialmente referenciada, que apresente à população contributos para uma sociedade democrática e igualitária. A partir do entendimento das pesquisas desenvolvidas, são estabelecidas estratégias direcionadas àqueles que permanecem à margem da academia.

Conforme Sguissadi (2009, p. 50), o otimismo deve ser encarado como contributo em busca de melhores condições de ensino, de modo que

ser utópico sem ser otimista ingênuo é saber que a democratização do acesso e garantia de não evasão e conclusão do curso superior depende de políticas de inclusão social, de distribuição de renda, de erradicação da indigência e da pobreza, que afetam mais da metade dos brasileiros, de prévia democratização do acesso [...].

A extensão universitária, dentre as concepções definidas, favorece o processo de inclusão social, tendo em vista que aqueles que estão distantes dos acontecimentos socioculturais de uma sociedade passam a ter contato com pessoas diversas e, conseqüentemente, culturas variadas, com ensinamentos advindos das atividades extensionistas bem como do saber popular. A cultura e o saber são, pois, perpassados de um para o outro.

Diante do exposto, podemos então fazer referência ao Programa BALE, que, por meio de seu objetivo de viabilizar o acesso à leitura com atividades voltadas para as comunidades desprovidas de entretenimentos culturais e de lazer, tem proporcionado a inclusão social, já que alunos, professores e funcionários do âmbito acadêmico e da comunidade têm a oportunidade de participar dessas ações sem distinção. Histórias são contadas e recontadas, os livros são envolvidos em meio ao público presente e, de repente, todos se percebem numa sintonia, em que um grupo de pessoas com especificidades diversas se junta para propagar a leitura como disseminadora de conhecimento e inclusão social, passando a entender o seu próprio mundo e outras realidades.

A democratização ao acesso estimula a busca pelo conhecimento, proporciona igualdade e incentiva a participação nas manifestações sociais. Nessa perspectiva, o Programa BALE “reforça o papel da universidade em oferecer atividades de extensão que promovam a interação e o retorno social para a comunidade na qual está inserida” (RELATÓRIO BALE, 2007, p. 14).

A extensão universitária, então, constitui-se uma ação conjunta com o ensino e a pesquisa, compreendendo os contextos econômico, político e social que envolvem os processos democráticos e autônomos. As atividades extensionistas, portanto, devem contribuir para a formação de um indivíduo consciente do seu papel de estudante e cidadão, envolvido com a realidade sociocultural e com os problemas existentes, comprometido com a busca do conhecimento, o qual se configura como instrumento de melhorias para a universidade e sociedade, no mesmo elo que une ensino, pesquisa e extensão.

O BALE, como atividade extensionista, compreende essa indissociabilidade entre a universidade e a sociedade. Nessa perspectiva, o tópico seguinte apresenta o contexto acadêmico e social no qual o Programa está inserido.

2.2 Contexto acadêmico em que o BALE está inserido

O CAMEAM⁸ conta com nove cursos regulares de graduação e mais três ofertados pelo Núcleo Avançado de Educação Superior de Umarizal, bem como oito cursos de licenciatura oferecidos pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação (PARFOR), distribuídos conforme tabela abaixo:

<i>Campus de Pau dos Ferros/RN</i>		
Cursos Regulares de Graduação		Total
1.	Bach. Administração	218
2.	Bach. Ciências Econômicas	198
3.	Lic. e Bach. Enfermagem	105
4.	Lic. Geografia	153
5.	Lic. Letras – Espanhol	99
6.	Lic. Letras – Inglês	71
7.	Lic. Letras – Português	193
8.	Lic. Pedagogia	180
9.	Lic. Educação Física	165
Total		1.372

Tabela 1 – Cursos de Graduação do CAMEAM

A quantidade de cursos ofertados pelo CAMEAM contribui para que a demanda de inscritos nessa instituição venha aumentando a cada ano, uma vez que aqueles que não podem sair para lugares distantes de sua moradia têm a oportunidade de, nesse *Campus*, encontrar-se no ensino superior, participando de atividades de ensino, pesquisa e extensão, aprimorando seu conhecimento e adquirindo sua formação profissional. Como forma de acolher o maior

⁸ Dados cedidos pela direção do CAMEAM, à qual agradecemos pelo apoio e pela atenção de sempre.

número de estudantes, o Núcleo Avançado de Educação Superior de Umarizal oferece, ainda, três cursos de graduação, atendendo a 127 alunos, conforme tabela abaixo:

Núcleo Avançado de Educação Superior de Umarizal		
	Cursos	Total
1.	Bach. Ciências Econômicas	09
2.	Lic. Letras – Inglês	55
3.	Lic. Letras – Português	63
	Total	127

Tabela 2 – Cursos de Graduação de Umarizal

De acordo com as discussões expostas, o CAMEAM ainda oferece cursos de graduação vinculados ao Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). Os cursos ofertados estão na tabela abaixo:

Cursos de Graduação pelo PARFOR		
	Cursos de Licenciatura	Total
1.	Ciências Biológicas	17
2.	Ciências Sociais	18
3.	Educação Física	14
4.	Geografia	13
5.	História	24
6.	Letras – Espanhol	28
7.	Música	35
8.	Pedagogia	72
	Total	221

Tabela 3 – Cursos de Graduação do PARFOR

O CAMEAM possui cursos consolidados e, a partir das conquistas advindas por meio do crescimento acadêmico, passa a oferecer, também, cursos de Pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* nas áreas de Letras e Educação. Além do ensino de graduação, conforme tabelas anteriores, o CAMEAM vem se consolidando como um espaço acadêmico que prima também pela verticalização do ensino. Ele conta hoje com três cursos de *lato sensu* e três de *stricto*

sensu, sendo dois mestrados acadêmicos e um profissional. A tabela abaixo explicita essa realidade:

Cursos de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> e <i>Lato Sensu</i> no CAMEAM			
Curso	Nível	Departamento	Quantidade de alunos
Mestrado Acadêmico em Letras – PPGL	<i>Stricto Sensu</i>	Letras	50
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS	<i>Stricto Sensu</i>	Letras	30
Mestrado em Ensino⁹	<i>Stricto Sensu</i>	Educação	-
Ensino e Aprendizagem em Língua Espanhola	<i>Lato Sensu</i>	Letras	20
Educação e Linguagem para a Multiculturalidade	<i>Lato Sensu</i>	Educação	37
Políticas Públicas e Desenvolvimento	<i>Lato Sensu</i>	Educação	30
Total			167
Total Geral de Alunos do CAMEAM			1.510

Tabela 4 – Cursos de Pós-graduação

O CAMEAM é o único *campus* fora do *Campus* Central que oferece vagas para a Pós-graduação *stricto sensu*. A tabela demonstra ainda que a pós-graduação (*lato sensu* ou *stricto sensu*) está concentrada nos Departamentos de Letras e Educação, indicando que essas áreas são as mais consolidadas no *Campus*. De acordo com os dados descritos nas tabelas, observamos que o CAMEAM possui 1.510 alunos devidamente matriculados e oriundos de diversos lugares que compreendem os estados brasileiros do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba. Atualmente, o *Campus* conta com 154 docentes e 81 técnicos administrativos e pessoal de apoio, distribuídos da seguinte forma:

Corpo Docente do CAMEAM/UERN	
Departamentos/Cursos	Total
Administração	20
Economia	15
Educação Física	12

⁹ Recentemente aprovado pela CAPES e com processo seletivo para formação da primeira turma em aberto.

Enfermagem	21
Geografia	14
Letras Estrangeiras	28
Letras Vernáculas	19
Educação	26
Total	155

Tabela 5 – Quadro do Corpo Docente do CAMEAM

Do total de docentes do CAMEAM, há 05 com pós-doutorado, 22 doutores, 76 mestres, 49 especialistas e 03 graduados, que compreendem o quadro de 155 docentes distribuídos entre os cursos oferecidos pelo *Campus*. O quadro demonstra que um terço do corpo docente do CAMEAM precisa se qualificar no nível de mestrado. Com a existência dos Programas de Pós-Graduação na UERN, espera-se que esses docentes possam dar continuidade à sua formação. Mais de um terço do corpo docente necessita de uma formação mais avançada na pesquisa, com a inserção em cursos de doutorado. Menos de um terço possui formação doutoral, o que já contribui para a implementação de cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* nesse *Campus*.

O CAMEAM conta atualmente com 37 técnicos, envolvendo nível superior, nível médio e especializados, e 44 profissionais de apoio, como motoristas, vigilantes e outros serviços. A tabela abaixo reflete essa realidade.

Técnicos Administrativos e Pessoal de Apoio do CAMEAM	
Técnicos	
Nível Superior	13
Nível Médio	18
Especializados	06
Total	37
Pessoal de Apoio	
Motoristas	04
Auxiliares de Serviços Diversos	24
Vigilantes	16
Total	44
Total de Técnicos e Pessoal de Apoio	81

Tabela 6 – Quadro de Técnicos e Pessoal de Apoio

Cabe ressaltar que muitos desses profissionais estão envolvidos nas atividades desenvolvidas pelo BALE, como, por exemplo, os motoristas, que conduzem a equipe do BALE às escolas, às praças e a outros municípios e também participam das atividades.

Embora possamos encontrar um número significativo dos participantes do BALE ligados diretamente ao CAMEAM, percebemos também que a UERN, enquanto instituição de ensino que defende a ideia da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, deveria apresentar-se mais próxima das ações desenvolvidas em seu âmbito acadêmico, uma vez que a extensão é a forma de retornar todo o conhecimento adquirido por meio da pesquisa à sociedade, e esse feito deve ser apoiado pela universidade, ainda que não seja bem essa a realidade com que nos deparamos. O incentivo e o reconhecimento são preponderantes para que novas ideias sejam pensadas, mas nem sempre ocorre da forma esperada. Busca-se uma parceria nas ações, na teoria também, mas, principalmente, na prática.

Desse modo, os recursos são obtidos em curto prazo. Não fossem os editais, as atividades realizadas pelo BALE seriam impossibilitadas, uma vez que cada encontro gera novos custos, mesmo a locomoção, na medida em que as diárias dos motoristas são muitas vezes pagas pelo próprio Programa, o que ocorre somente quando se encontram carros à disposição. Se a UERN não apoiar as iniciativas de extensão, os *campi*, sozinhos, não poderão fazer muito, pois há uma dependência para que isso aconteça. Nesse sentido, a UERN deve, pois, ser não somente incentivadora, mas também financiadora do BALE e demais ações realizadas por meio dos projetos de pesquisa e extensão.

Posto isso, o CAMEAM está localizado na cidade de Pau dos Ferros¹⁰, situada no Oeste Potiguar, com aproximadamente 28.197 habitantes (IBGE/2010). Ela tem crescido consideravelmente nos últimos anos em virtude do comércio, que tem diversificado sua demanda, da universidade – UERN –, que congrega alunos de várias cidades do Alto Oeste Potiguar, da Paraíba e do Ceará, bem como do IFRN, UFERSA, FACEP e Anhanguera.

A cidade de Pau dos Ferros realiza anualmente uma Feira Intermunicipal de Educação, Cultura, Turismo e Negócios do Alto Oeste Potiguar (FINECAP), com exposições culturais e econômicas movimentando toda a região. Nessa feira, o Programa BALE também divulga

¹⁰ A cidade de Pau dos Ferros, emancipada há 157 anos, recebeu essa denominação em referência a uma oiticica, árvore frondosa que, pela sua dimensão, oferecia sombra e repouso para os vaqueiros daquela região, os quais, cansados do árduo trabalho de campear o gado, paravam embaixo dessa oiticica e em cada pouso deixavam marcas fixadas com ferro em brasa no seu tronco. As marcas foram ficando cada vez mais profundas e intensas, a sombra que acalmava o cansaço foi se tornando ponto de referência e aquela oiticica, quase dissipada, ficou conhecida como Pau dos Ferros, a qual deu nome à cidade e virou verso e prosa na voz de muitos contadores de história.

suas atividades com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura e do BNB, parceiro do Projeto.

2.3 Organização do Programa BALE: atividades planejadas nos espaços escolares

O BALE foi criado de forma interdepartamental, envolvendo dois departamentos acadêmicos (Letras e Pedagogia), e é responsável pelo crescimento das ações realizadas no *Campus*. O elo e a parceria dos que fazem os departamentos incitam a participação dos alunos, não só dos respectivos cursos, mas também daqueles que compreendem a relação de reciprocidade existente nas ações de ensino-aprendizagem. Essa troca de conhecimentos e interesse social, que resultou na formação e elaboração de um Projeto, denominado Programa de Extensão, configura-se como referência para a universidade e todos os segmentos. Assim, o ensino e a pesquisa apresentam os resultados à comunidade acadêmica, bem como à sociedade, sendo, pois, um processo de aprendizagem e reconhecimento dos esforços compartilhados.

O Programa BALE¹¹ iniciou suas atividades efetivamente no ano 2007 e se encontra na 7ª edição – “Ponto BALE_CTI_EB – Entre canteiros da Leitura e Produção” (FAPERN, CNPq, CAPES) –, objetivando inovar suas ações, envolvendo ferramentas das ciências e tecnologias e apresentando como estratégias cinco “canteiros”, quais sejam:

Formação, Informação, Encenação, Contação e Ficção, em articulação com o desenvolvimento de habilidades de leitura (oral e escrita) e produção textual (oral e escrita) voltadas para alunos do Ensino Médio dos municípios de Pau dos Ferros e Umarizal/RN, favorecendo a democratização da leitura e eficientes produtores de textos (SAMPAIO, PROGRAMA BALE 7ª EDIÇÃO, 2013a, p. 3).

O Projeto de Extensão BALE foi idealizado no ano de 2006 pelas professoras Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Renata de Oliveira Mascarenhas, docentes dos Departamentos de Educação e Letras. Cabe registrar que a professora Renata Mascarenhas não mais pertence ao

¹¹ Relatório BALE, 1ª edição (2007).

quadro docente da UERN, hoje é professora efetiva da Universidade do Estado do Ceará (UECE).

Atualmente, o BALE, enquanto Programa, foi aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão – PROEX/UERN – no ano de 2012. Está em sua 7ª edição e disponibiliza 11 bolsas para alunos da graduação e 16 para alunos do ensino médio em Pau dos Ferros. Em parceria com o Núcleo de Umarizal, oferece ainda 6 bolsas para graduandos e 8 para os alunos do ensino médio, contabilizando, assim, um total de 41 bolsas com o apoio da FAPERN, CAPES, CNPq, PIBIC e PIBIC júnior, aproximando a comunidade do meio acadêmico e apresentando os contributos do ensino e da pesquisa em atividades extensionistas. Entre bolsistas, coordenadores, membros e voluntários, são aproximadamente 60 pessoas envolvidas.

O BALE está cadastrado e financiado pelo CNPq e objetiva viabilizar o acesso ao texto literário e estimular o gosto pela leitura nos espaços escolares e não escolares do município de Pau dos Ferros/RN, bem como de cidades circunvizinhas, localizadas na região do Alto Oeste potiguar, “distantes dos grandes centros urbanos e reconhecidamente carentes de entretenimento cultural e de lazer” (SAMPAIO, 2006, p. 10).

Por compreender as contribuições que a leitura pode trazer para o desenvolvimento social e, conseqüentemente, pessoal e profissional dos sujeitos em espaços e atividades diversas, o Projeto BALE adentrou os espaços não escolares (Hospital, Centro de Reabilitação e Assistência Social – CRAS –, Associação de Pais e Amigos Excepcionais – APAE –, AABB Comunidade, dentre outros), compreendendo ainda que a leitura não ocorre apenas nas salas de aula ou no âmbito formal de ensino, mas também nos segmentos informais, seja em vias públicas, como praças e calçadas, seja nos hospitais ou centros de apoio à família.

Segundo Soares (2008, p. 31), “a leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes”. A contação de histórias constitui-se como elemento fundamental para o desenvolvimento da criatividade, da socialização e da linguagem, assim como da expressão corporal e oral, da criticidade, do saber argumentar e escolher, da coordenação motora e da expressão artística.

A leitura pode ser compreendida como tudo que fazemos em nosso cotidiano, desde a realização de tarefas mais simples, como escovar os dentes e verificar o clima do dia, até a escolha do tom da indumentária que queremos usar, ou ainda quando folheamos uma revista, decidimos que direção seguir, escolhemos que livro queremos ou não ler, sendo um processo de construção social. “É uma atividade integrada à vida cotidiana de cada um. Lê-se sem saber, sem querer, sem atentar para o fato, lê-se sem parar [...]” (CHANTAL; SEGRÉ, 2010,

p. 13). Embora a leitura seja uma atividade complexa que envolve várias possibilidades, neste trabalho a pretensão é aprofundar a leitura em escolas públicas da cidade de Pau dos Ferros/RN, como veremos nos capítulos três e quatro.

Com apoio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), via edital do PROGRAMA BNB CULTURA – edições 2007, 2008 e 2009 (BNB/BNDES) –, o BALE recebeu o Troféu Viva Leitura 2008 – que objetiva estimular, fomentar e reconhecer as melhores experiências que promovam a leitura –, ficando entre os cinco melhores projetos de incentivo à leitura do Brasil no Festival Ponte a Ponto de Leitura, promovido pela FAPERN e no Ponto de Leitura, patrocinado pelo MinC (Ministério da Cultura), pela FUNARTE (Fundação das Artes) e pela FAPERN (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte).

O BALE, nessa perspectiva, tem a iniciativa de atender ao interesse social e coletivo do município de Pau dos Ferros/RN, o que se justifica pela carência de políticas administrativas eficientes no âmbito da cultura e do lazer na região, que não oferece à população entretenimentos como cinema e teatro, dentre outras modalidades de propagação da cultural glocal¹².

O Programa BALE tem como desafio atender e formar leitores advindos das comunidades locais desprovidas de bens culturais, favorecendo-lhes o contato com várias obras literárias, o que se constitui como ponto de partida para a democratização da leitura. Nesse sentido, Martins (2008, p. 10) atribui

[...] às práticas de leitura vida e função: a de ser por si mesmas “democratizantes [...] a partir do momento em que a leitura passa a ganhar sentidos específicos para os leitores, em seu contexto sócio-histórico-cultural, nas interações que estabelecem, no seu cotidiano, em instâncias privadas e públicas”.

Nessa perspectiva, o BALE busca uma maior aproximação entre a universidade e a comunidade dos bairros São Geraldo, Riacho do Meio, Manoel Domingos e Princesinha do Oeste, bem como atuação nos espaços não escolares e as cidades circunvizinhas, com atividades realizadas semanalmente, de modo alternado entre os bairros, as escolas e as cidades atendidas.

¹² Termo utilizado por Augusto de Franco (2003) no livro *A revolução do local – Globalização, glocalização, localização*, para referir-se à ligação da conjuntura global e local como glocal.

As apresentações de histórias (contos, fábulas, poesias etc.) são caracterizadas com indumentárias apropriadas, com recortes e cores diferentes, de acordo com a história a ser dramatizada, a fim de representar os personagens e dar mais veracidade à contação. Dessa forma, as histórias são contadas por ciganos, palhaços, princesas e pernaltas ou por algum membro do projeto, que se utiliza de uma vestimenta diferenciada para chamar a atenção do público presente; contando com o suporte metodológico de acessórios e aparelhos de multimídia.

Nas atividades desenvolvidas pelo BALE, realizadas em espaços escolares e não escolares, são apresentadas histórias de acordo com o público presente, de forma lúdica e prazerosa, despertando a atenção de cada um, incentivando o público a conhecer outras histórias e outros saberes através da leitura. O espaço para a contação de histórias varia em sua metodologia, embora seu objetivo permaneça o mesmo, qual seja: incentivar o gosto pela leitura.

Quando nos referimos ao espaço escolar, a estratégia segue o planejamento, com a organização do ambiente, interação com o público, conto e reconto da história, roda de leitura e avaliação. Já nos espaços não escolares, são levadas em consideração as finalidades educativas do referido ambiente. Quando o espaço em questão é um hospital, tem-se que ponderar o tipo de interação, já que barulho em excesso não ajuda muito e silêncio demasiado também não desperta a atenção. Desse modo, as atividades são pensadas de forma que todos possam se envolver de modo construtivo, sendo a contação realizada de maneira individual ou coletiva. O olhar e a presença da equipe em um ambiente onde muitos estão com suas esperanças quase que esgotadas são preponderantes para que estas se renovem, percebendo que o dito nas histórias proporciona maior interação entre seu mundo e o ficcional, sugerindo outros pensamentos, outros sonhos e novas possibilidades. Percebe-se que o objetivo de incentivar à leitura envolve, de todo modo, outras sensações, fazendo-os compreenderem a diversidade de sentidos em cada entrelinha.

Ao contarmos histórias, levamos o ouvinte a refletir por meio da imaginação, resgatando valores éticos preponderantes para sua formação. Para Dohne (2000, p. 5), “[...] estas narrações, tão saborosamente recebidas, desencadeiam processos mentais que levarão à formação de conceitos capazes de nortear o desenvolvimento de valores éticos e voltados para formação da autoestima e a cooperação social”.

A contação de histórias estimula a imaginação dos ouvintes e os leva a refletir sobre sua condição social e enquanto sujeito participante de uma sociedade. O enredo fictício ou real pressupõe uma diversidade de informações, pois são histórias que podem se relacionar ao

conhecimento de mundo de cada sujeito, permitindo seu entendimento acerca das manifestações socioculturais existentes no contexto local e fora dele. A cada leitura, surgem novas interpretações, novos horizontes, são feitas escolhas e outras perspectivas são idealizadas. O leitor se abre a novos saberes, dentre eles sua própria condição como sujeito que pode e deve participar da sociedade com autonomia e consciência do seu papel.

De acordo com Trajano (2007, p. 14),

[...] contar histórias é uma tradição que continua viva e apesar de ter ganhado novos elementos necessários à nossa época guarda a sua essência exatamente como começou, ou seja, transmitindo conhecimentos, saberes, lendas, mitos de geração em geração.

O (re)conto de histórias deve despertar a curiosidade e estimular a imaginação, provocando em cada ouvinte emoções fortes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, assim como o medo, a alegria e a insegurança, devendo ser desvinculada da obrigatoriedade. O reconto de histórias também contribui para que se fortaleça a interação humana.

Nesse sentido, seguindo essa premissa, o BALE realiza a contação de histórias, proporcionando ao ouvinte refletir por meio da imaginação. É fundamental acrescentar que a leitura tem sua importância na formação da criança, que poderá tornar-se leitora. Sobre isso, Abramovich (1997, p. 17) acrescenta:

Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos “[...] ler histórias para as crianças, sempre, sempre [...]”.

Reconhecendo a influência da leitura na formação individual e coletiva, ao contar uma história, o público envolvido na ação tem a oportunidade de fazer sua própria interpretação em forma de reconto. Ou seja, o público se apropria da narrativa a partir de seus conhecimentos prévios, uma vez que a história dramatizada pode se relacionar com as experiências de vida dos leitores. Desse modo, a leitura configura-se como uma condição necessária ao desenvolvimento dos envolvidos, pois favorece os diversos modos de interação, adquirindo forma no contexto social de cada indivíduo. O que cada um traz, por meio de

outros conhecimentos, experiências, crenças, valores e costumes, influencia nos resultados da leitura.

A aquisição de conhecimento é um processo dinâmico que acontece a partir das interações sociais, inclusive mediadas pelo acesso à leitura. As atividades do BALE, como a contação de histórias, possibilitam um contato maior entre texto/autor/leitor. Com o reconto da história, é realizado o momento de interação, a fim de envolver o público, que é convidado a escolher o livro de seu interesse e fazer a leitura, despertando sua curiosidade e estimulando o imaginário para que então novas leituras façam parte do seu mundo letrado, constituindo o processo de democratização do acesso e da leitura. Segundo Pontes (2012, p. 7):

A fantasia era coisa de criança, poeta, louco e gente fora da realidade. Alguns atribuíam a fantasia a algo ruim, outros atribuíam a fantasia a algo fora do contexto real, fuga do cotidiano, do dia a dia comum. No entanto, estamos no século XXI em que quase tudo é possível, pois a ciência evoluiu, ampliou expectativas e fez tornar-se real os fatos inusitados e estranhos, onde a vida é sonho, onde o sonho é vida, e assim tudo mudou.

Assim, entre livros e histórias que expressam as mais variadas emoções, filmes que nos levam a realidades diferentes da nossa, fantoches que decifram nossas vontades, pernaltas que representam o tamanho dos nossos sonhos, palhaços que nos fazem entender que a vida é cheia de altos e baixos, compreendemos que

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania (VILLARDI, 1999, p. 4).

Dessa feita, intuímos a leitura como possibilidades de compreensão do mundo e do seu próprio ser. Entendemos, pois, que tudo aquilo que nos rodeia e o modo como o interpretamos ocorrem através da leitura. Como diz Martins (2007), leitura não é somente a decifração da escrita ou de códigos, sendo, pois, toda interpretação e expressão de mundo que nos constituem sujeitos pensantes e formadores de opinião, ampliando o entendimento de mundo e propiciando o acesso à informação com autonomia.

Entendemos que o incentivo e a democratização da leitura se constituem como contributo social, formando sujeitos participativos dos sistemas de informação, do conhecimento, da cultura letrada e da apropriação do capital cultural da sociedade, capazes de reconhecer, pensar e decidir sobre assuntos relacionados a economia, política, educação, cultura etc., possibilitados através da prática leitora e do desenvolvimento da criticidade. Para Pontes (2012, p. 22),

[...] a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, e esta não é uma ação mecânica, nem muito menos estática, mas uma atividade em que se admitem as várias interpretações, o desvendar dos significados omitidos no texto, a busca do ser no mundo, estabelecendo assim uma relação ampla do texto e uma ação mediadora entre o ser humano e o contexto em que se encontra inserido, possibilitando uma compreensão do passado e a criação de expectativas em torno do que deseja para o seu futuro.

Por meio das interações entre as histórias dramatizadas e o reconto realizado pelo público atendido, compreendemos que “a leitura é um processo de significação, de construção do conhecimento que envolve o indivíduo, interagindo-o com o texto” (PONTES, 2012, p. 23). Essa interação entre texto, leitor e contexto permite uma atribuição de sentidos a cada leitura, mediante a multiplicidade de gêneros, significados e possibilidades oferecidos pela linguagem impressa.

As concepções acerca da leitura são apresentadas de modo diversificado e confirmam o processo de leitura como um ato interacional pelo qual se constrói o conhecimento. Segundo Santos-Théo (2003, p. 2),

entende-se, assim, que ler é apropriar-se de um produto cultural, gerado intencionalmente por um ou mais agentes históricos. O ato de ler expande o leque de experiências do ser enquanto criança ou adulto, percebendo novas formas de conceber o mundo e a si mesmo. São múltiplas as possibilidades de abertura de horizontes quando o ser se apropria do ato de ler.

O ato de ler constitui-se um instrumento preponderante para a formação do indivíduo, que, a partir do seu próprio mundo e das experiências adquiridas, constrói um novo

conhecimento. Sobre isso, Freire (1989, p. 9) acrescenta, discorrendo sobre sua história de vida e sua percepção da leitura,

a velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe –, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele texto – em cuja percepção experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber-se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

Compreende-se que o contexto se configura como influência para a construção de mundo do sujeito leitor e o incentivo à leitura deve, por conseguinte, ser praticado no âmbito escolar, com apoio de programas de extensão como o BALE e de políticas públicas voltadas para o fomento e acesso à leitura. Isso posto, e em continuidade às atividades do BALE, discorreremos sobre a motivação e a introdução da apresentação realizada pelos membros do Programa, seguidas da contação e do reconto da história, que envolve o público e forma um elo envolta dos livros que, expostos, possibilitam um contato próximo entre leitor, texto, autor e imaginário contido nas entrelinhas de cada página.

Após cada encontro, é realizada uma avaliação entre professores, diretores e/ou responsáveis pela instituição, a fim de saber os resultados do planejamento e das atividades desenvolvidas pela equipe, sendo discutidos os pontos positivos e negativos, que se constituem como contributos para a qualidade do Programa BALE.

O Programa conta com o apoio dos membros que participam de cada encontro – proponente, coordenadora, bolsistas e voluntários – e realiza seus objetivos, que se configuram com o planejamento, o qual antecede cada encontro, organizando os livros que serão utilizados, a história que será apresentada, o modo de interação que será feito com o público presente, bem como os membros que participarão de cada atividade.

Os membros que fazem parte do BALE são professores e alunos da graduação dos cursos de Pedagogia, Letras e Administração, da especialização, dos mestrados em Letras (*Campus* de Pau dos Ferros) e em Educação (*Campus* Central/Mossoró), bem como pessoas da comunidade, dentre elas alunos do ensino médio, que são bolsistas do BALE e colaboradores das práticas de incentivo à leitura.

Para divulgar suas ações de fomento à leitura, o Programa realiza a *Blitz* BALE que acontece por meio da exposição do acervo de livros, fotos e vídeos, bem como amostras das histórias contadas e interações com o público em cada edição, com a finalidade de apresentar os resultados alcançados, incentivar a participação de mais voluntários e despertar o gosto pela leitura de toda a comunidade acadêmica.

Para tanto, o Programa BALE dispõe de aproximadamente 3.000¹³ livros, com temas e gêneros diversificados que atendem os interesses da criança, jovem, adulto e idoso, variando de histórias infantis e juvenis a poesias e cordéis e disponibilizando ainda de uma biblioteca reservada para uso do grupo e demais interessados em conhecer seu acervo.

2.4 Programa BALE: O fio da história

Conforme já foi colocado, o Projeto BALE foi criado em 2007 e permanece até hoje, mas agora como Programa de ação extensionista da UERN. Seu atendimento vem crescendo ano a ano, embora se verifique uma queda na 6ª edição. Para perceber tal crescimento, faz-se necessário destacar alguns dados, os quais se encontram registrados nos relatórios de cada edição, para que possamos entender a ampliação do BALE no decorrer de suas atividades.

O gráfico que segue expõe o crescimento nos atendimentos realizados pelo BALE desde a 1ª edição:

¹³ Esse número é uma estimativa da quantidade de livros, considerando que o acervo do Programa BALE ainda está sendo catalogado.

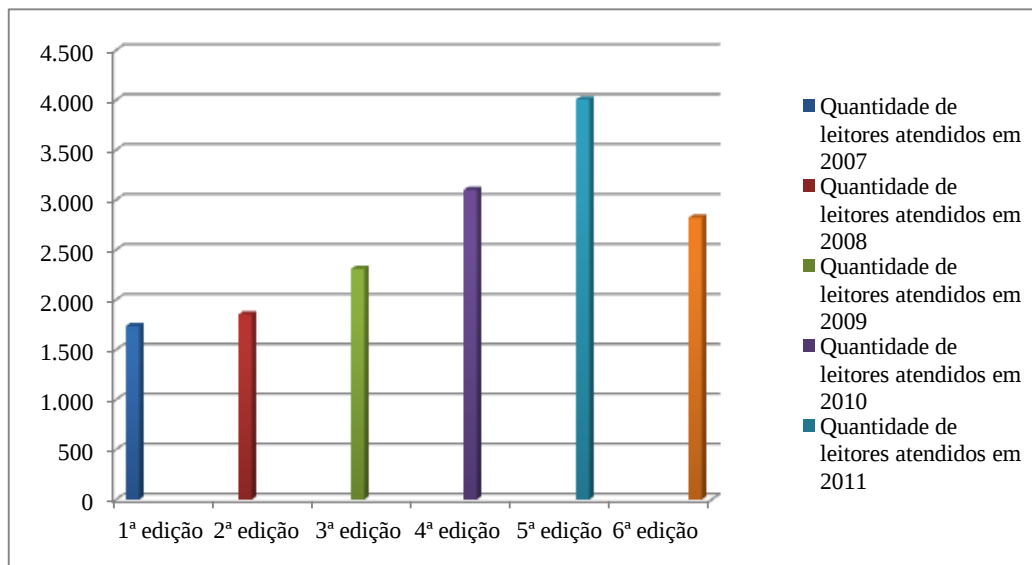


Gráfico 1 – Quantidade de leitores atendidos pelo BALE em suas edições
Fonte: Relatórios do Programa BALE.

De acordo com o gráfico, fica explícito o crescimento do Programa em cada edição. Porém, na 6ª edição, há um declínio por causa da greve dos profissionais da educação básica no ano de 2012, bem como devido ao fato de as assinaturas de alguns encontros não terem sido registradas. Nesse período grevista, o BALE passou a intensificar seus atendimentos nos espaços não escolares.

✓ **Ano de 2007 – 1ª edição do BALE¹⁴**

No ano de 2007, a ideia de fomento à leitura tem seu início, com limites e possibilidades seguidos cada reunião e cada assertiva da nova empreitada. O desejo de voltar os conhecimentos adquiridos no ensino e na pesquisa acerca da leitura para a sociedade se constitui em Projeto ainda em 2006, com a parceria de Renata Mascarenhas. O então Projeto Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) surge como atividade extensionista, com o objetivo de viabilizar o acesso à leitura do texto literário e de outros suportes e gêneros, conforme citado anteriormente.

¹⁴ Todas as informações foram baseadas nos relatórios de cada edição apresentados pela coordenação do BALE à Pró-Reitoria de Extensão da UERN (PROEX).

Nesse ano, foram atendidas as escolas dos bairros São Geraldo e Riacho do Meio e as vias públicas, totalizando 1.736 pessoas envolvidas no ato. As ações desenvolvidas variam entre elaboração do Projeto, apresentação da proposta e aprovação pela Congregação do Departamento de Educação do CAMEAM/UERN, divulgação midiática, bem como atividades de conto e reconto com crianças, jovens, adultos e idosos, realizadas em escolas e vias públicas.

Os recursos financeiros envolvidos foram preponderantes para ampliar as atividades, assim como para a aquisição de recursos de multimídia, bolsa de monitoria e material de consumo. O Projeto BALE contou em sua 1ª edição com o apoio do BNB, PROEX e GEPPE.



Imagem 1: *Banner BALE*, vias públicas
Fonte: Arquivo BALE.

✓ **Ano de 2008 – 2ª edição do BALE**

A segunda edição, em continuidade à primeira, atendeu as escolas dos bairros São Geraldo e Riacho do Meio e as vias públicas, totalizando 1.853 leitores atendidos. As ações seguem o objetivo de realizar atividades de incentivo à leitura, com recontos, narrativas orais e rodas de leitura. Para melhor desempenho, são realizados também estudos teóricos e discussões de algumas obras literárias.

Nessa edição, o BALE participou da FINECAP e realizou uma exposição das atividades e do acervo bibliográfico no BNB. Os resultados junto às instituições envolvidas são apresentados em forma de relatório no término de cada edição.

Do mesmo modo, os recursos financeiros envolvidos são adquiridos através da parceria do BNB, da PROEX e do GEPPE. Para consolidar as ações do BALE, nesse mesmo ano, o Projeto foi contemplado com o Prêmio VivaLeitura, classificado entre os cinco melhores projetos de incentivo à leitura do Brasil. Além disso, conquistou o edital Ponto de

Leitura, edição Machado de Assis, do MinC, recebendo um acervo de 500 livros e outros suportes para a desenvoltura das atividades.



Imagem 2: BNB, Prêmio VivaLeitura, contação de história
Fonte: Arquivo BALE.

✓ **Ano de 2009 – 3ª edição do BALE**

Na 3ª edição, o BALE expandiu suas atividades, passando a atender as cidades circunvizinhas, dentre elas: Rafael Fernandes, Major Sales, Riacho de Santana, Encanto, São Miguel, Marcelino Vieira e Água Nova. Esse feito contabilizou 2.308 atendimentos diretos.

As atividades seguem com o planejamento da equipe para a ação extensionista, contando com envolvimento dos discentes de Letras e Pedagogia, visitas semanais aos bairros atendidos e rodas de leitura entre os integrantes do Projeto. De acordo com o cronograma, as cidades circunvizinhas são atendidas mensalmente.

Ainda nessa edição, houve a inauguração do Ponto de Leitura e do festival CineBALE, exposição do acervo na “Justiça na Praça” e realização do Natal das crianças. Na oportunidade, além da contação de histórias, como gesto natalino, o BALE realizou uma campanha entre a universidade, os membros do Projeto e a comunidade, com a finalidade de arrecadar brinquedos, livros, roupas e material escolar, finalizando, no último encontro do ano, com a entrega dos presentes às crianças das escolas atendidas.

Como forma de divulgar suas atividades, o Projeto realiza no espaço acadêmico a *Blitz* BALE, propagando suas ações, apresentando os resultados e incentivando a participação da comunidade acadêmica nas atividades de pesquisa e extensão.

Nessa edição, os recursos financeiros envolvidos permanecem e outros se tornam parceiros – BNB, BNDES, FAPERN, GEPPE, PROEX e MinC. Os recursos adquiridos são destinados à manutenção do acervo, bolsas de monitoria, participação em eventos, materiais de expediente, diárias de motoristas, oficinas de capacitação, dentre outros serviços.



Imagem 3: AABB Comunidade, Roda de Leitura, CRAS
Fonte: Arquivo BALE.

✓ **Ano de 2010 – 4ª edição do BALE**

Nessa edição, o BALE dá continuidade a ações e atendimentos realizados nas edições anteriores, ampliando suas atividades aos bairros Manoel Domingos e Princesinha, assim como AABB Comunidade, IFRN, Hospital Regional, CRAS, APAE e Agência BNB em Pau dos Ferros.

As cidades de Alexandria, São Francisco do Oeste, Doutor Severiano, José da Penha, Luís Gomes, Martins, Paraná, Pilões, Riacho da Cruz, Taboleiro Grande, Tenente Ananias, Francisco Dantas e Portalegre são também atendidas nessa edição. De acordo com os registros feitos em cada atendimento, a 4ª edição atendeu 3.098 leitores.

As atividades realizadas variam entre processo de seleção de bolsistas, reunião semanal para planejamento e organização das ações, bem como estudos, roda de leitura e mapeamento das escolas atendidas. Nesse ano, a equipe participou de eventos acadêmicos para apresentação e publicação de trabalhos resultantes de sua experiência na extensão, dentre eles o VII CMELP¹⁵, a XV Semana Universitária do CAMEAM e o I Encontro com Escritores promovido pelo BALE.

Ainda nesse ano, a equipe baleana teve a oportunidade de participar de uma oficina de artes circenses na cidade de Natal, com a “Tropa Trupe”, Projeto de Extensão da UFRN. Os

¹⁵ VII Colóquio Nacional de Professores de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura.

membros do BALE aprenderam técnicas de dramatizações, acrobacias, cambalhotas e pernas de pau; nessa perspectiva, uma diversidade de inovação passou a fazer parte das contações de histórias.

O Programa BNB de Cultura – edição 2010 –, em parceria com o BNDES, contribuiu mais uma vez com a aquisição de bolsas de monitoria, livros e recursos de multimídia e material de divulgação, entre outros subsídios necessários para o desempenho do Projeto. Além do incentivo para participação em eventos acadêmicos, o BALE realiza a cada ano o Encontro com Autores e Leitores.

No encerramento de cada edição, os relatórios das atividades desenvolvidas são elaborados e enviados à PROEX e ao MinC, apresentando na oportunidade o planejamento com vistas à continuidade do Projeto BALE e, se possível, sua expansão a outras comunidades.



Imagem 4: Oficina de artes circenses, Tropa Trupe, Roda de leitura
Fonte: Arquivo BALE.

✓ **Ano de 2011 – 5ª edição do BALE**

Nesse ano, houve uma ampliação nos atendimentos, incluindo as escolas dos bairros São Geraldo, Riacho do Meio, Manoel Domingos, Arizona e Princesinha do Oeste, além das vias públicas, IFRN, AABB Comunidade e espaços não escolares – Hospital Regional, CRAS, APAE e Agência BNB.

Como forma de expandir suas atividades e democratizar o acesso ao livro e à leitura, as cidades circunvizinhas foram novamente atendidas. Assim, como Prêmio do Edital Bolsa de Circulação Literária, por meio FUNARTE, o BALE teve, nessa edição, a oportunidade de expandir suas ações em terras mineiras. Na euforia de despertar o gosto pela leitura, a equipe baleana percorreu 1.436km, durante dois dias de viagem de carro, até chegar à cidade de

Águas Vermelhas/MG, distante dos grandes centros, pertencente ao Território Cidadania do Governo Federal e, por conseguinte, carente de políticas públicas de acesso aos bens culturais, sendo um município que se aproxima bastante da realidade nordestina.

Durante uma semana, o BALE realizou suas atividades de fomento à leitura no norte do estado de Minas Gerais, atendendo a zona urbana e rural – em escolas, praças, Pró-Jovem, CRAS e hospital – e envolvendo em cada ação crianças, jovens, adultos e idosos. A experiência resultou em trabalhos acadêmico-científicos e em crescimento pessoal e coletivo da equipe.

Ainda nessa edição, os componentes do Projeto BALE participaram do IV Fórum Internacional de Pedagogia (FIPEd), realizado no México. Na oportunidade, além da divulgação das ações do Projeto, foram apresentados trabalhos resultantes das atividades desenvolvidas, bem como oficinas de capacitação e minicursos sobre a importância da formação do sujeito leitor.

Dentre as atividades realizadas nessa edição, o BALE registrou 4.005 atendimentos diretos com o apoio do BNB, BNDES, PROEX/UERN, CAMEAM, GEPPE, MinC e FUNARTE.



Imagem 5: Praça pública de MG, México, interação com o público
Fonte: Arquivo BALE.

✓ **Ano de 2012 – 6ª edição do BALE**

Nessa edição, as ações foram mais uma vez ampliadas. Por meio do Edital “Ações Voluntárias” – PROEX/UERN (2012), o BALE lança-se com a proposta de Programa, com o mesmo objetivo de viabilizar o acesso à leitura para comunidades desprovidas de entretenimentos culturais e de lazer, propiciando a democratização da leitura e a formação de novos leitores mediante as cinco ações pensadas para a edição: BALE_PONTO DE

LEITURA (arte literária), BALE_EM CENA (artes cênicas/circenses), BALE_FORMAÇÃO (arte-educação), CINE_BALE MUSICAL (arte cinematográfica aliada à música) e BALE.NET (arte digital), ações coordenadas por docentes do Departamento de Educação (DE).

A metodologia do então Programa BALE tem por finalidade a realização de visitas semanais e alternadas a escolas dos bairros São Geraldo, Riacho do Meio, Manoel Domingos e Arizona, bem como à Escola Municipal Tancredo Neves, situada em Umarizal, onde funciona o curso de Letras do Núcleo Avançado de Ensino Superior (NAESU).

Os objetivos específicos elaborados a partir das atividades já realizadas pelo BALE nas edições anteriores e agora divididos por ações, de modo a fortalecer o desempenho de cada uma e atender um número maior de pessoas, confirmam seu objetivo em funcionamento desde 2007.

Formar leitores literários de qualquer idade, através do BALE_PONTO DE LEITURA, tendo na literatura, enquanto arte da palavra, a principal motivação.

Despertar o gosto pela leitura por meio do BALE_EM CENA, com base em estratégias de leitura que emanam das artes cênicas e circenses.

Ampliar o acesso à leitura e o interesse dos leitores por obras literárias, através do CINE_BALE MUSICAL, mediante articulação entre a arte cinematográfica e a musical.

Favorecer a formação dos mediadores de leitura (estudantes, professores, bibliotecários e agentes culturais), através do BALE_FORMAÇÃO, tendo a arte-educação como estratégia de disseminação de novos multiplicadores.

Disseminar a leitura com o BALE.NET, mediante a arte digital (blog, web e redes virtuais), possibilitando a comunidade em geral tomar conhecimento da relevância e da importância de se formar leitores que encontrem nos mais diferentes textos o gosto e o prazer (SAMPAIO, 2012, p. 3).

De acordo com os objetivos apresentados, algumas parcerias são preponderantes para sua prática – FAPERN, FUNARTE, FBN, PROEX, GEPPE, DL, DE, PPGL, CAMEAM, NAESU, Prefeituras e Secretarias Municipais de Educação.

Nesse ano, a 6ª edição realizou, por conseguinte, o III Encontro de Escritores e Leitores do BALE e o II Ciclo de Conferências do BALE, com a promoção de mesas-redondas, em parceria com o Museu do Sertão. Consolidou sua participação nos eventos nacionais e internacionais, com apresentação de trabalhos, oficinas e minicursos.

Ainda nessa edição, através do Prêmio Agente Jovem de Cultura – Diálogos e ações interculturais, do Ministério da Cultura/MinC (2012), o Programa BALE tem o Projeto “Tem

história hoje? Tem sim sinhô!” aprovado, o qual foi desenvolvido por uma ex-bolsista e membro do BALE, com a finalidade de, também, despertar o gosto pela leitura por meio da contação de histórias.

Para promover a democratização do acesso e da leitura no âmbito acadêmico, bem como aproximar a comunidade da universidade, unindo ensino, pesquisa e extensão, foi iniciado o processo de “automatização, por meio de cadastramento de todo seu acervo e dos usuários no sistema BIBLIVRE 3.0, software livre licenciado pelo Banco Itaú e apoiado pela Fundação Biblioteca Nacional – FBN” (SAMPAIO, 2012, p. 9).

De acordo com as atividades desenvolvidas pelo BALE, registraram-se 2.822 pessoas atendidas. O relatório foi elaborado e as expectativas de democratização da leitura continuam para as edições seguintes. Cabe ressaltar que nessa edição houve um declínio no atendimento, uma vez que as escolas públicas se encontravam em greve, momento em que foi priorizado o atendimento aos espaços não escolares. Ainda nessa edição, duas ações foram iniciadas: 1) processo de catalogação do acervo bibliográfico e 2) atendimento ao NAESU.



Imagem 6: Roda de leitura, acervo de livros BALE, praça da leitura
Fonte: Arquivo BALE.

Total de atendimentos realizados de 2007 a 2012 = 15.358

Com o exposto, percebemos o crescimento do então Programa BALE, de 2007 a 2012. Compreendemos que suas ações vêm, a cada edição, atendendo um número maior de escolas, bairros, espaços não escolares e cidades circunvizinhas, algumas desprovidas de incentivos culturais e lazer. Para que cada edição possa expandir suas atividades, são necessários apoios e parcerias firmados até então. Além disso, os membros que fazem parte do Programa são preponderantes para a efetivação das atividades de fomento e incentivo à leitura.

Com as informações apresentadas a partir dos relatórios de atividades e prestações de contas, elaborados em cada edição, é possível perceber que o processo de democratização da

leitura vem se consolidando a cada nova edição, uma vez que número de atendimentos cresceu significativamente.

Ressalta-se que o BALE começou suas atividades em 2007, contando com o apoio financeiro apenas do BNB. Atualmente, conta com outros parceiros financeiros, como BNB, BNDES, MinC, FAPERN, CNPq, CAPES. O volume de recursos envolvidos no BALE também cresceu consideravelmente, pois se iniciou com R\$ 20.000,00 e, posteriormente foi aprovado em outros editais, aumentando os recursos financeiros envolvidos.

A proposta do BALE, com iniciativa social, tem sido reconhecida nos âmbitos escolares e não escolares, no contexto local, nacional e internacional (França, Portugal, México), perpassando as barreiras impostas, superando suas expectativas e pensando novas ações que envolvam todos os segmentos no mundo da leitura. Os limites se transformam em possibilidades de crescimento.

Nesse contexto, apreendemos “a importância da leitura como prática social de alcance político, pois, ao promover interação entre indivíduos, a leitura literária ou não impulsiona os sujeitos a interligarem com o mundo e atuarem nele como cidadãos” (SAMPAIO, 2006, p. 2).

De Projeto a Programa, as expectativas para as ações consequentes são que estas sejam ampliadas e possam atender cada vez mais leitores, contribuindo para sua formação cognitiva, afetiva, social e cultural. Enfim, a leitura deve ser entendida como uma possibilidade de conscientização do mundo onde estamos inseridos e se constitua como um elo entre o indivíduo e sua realidade, estimulando o imaginário e emoções, intensificando o intelecto e produzindo conhecimento e autonomia.

CAPÍTULO III

NARRATIVAS DAS PESQUISADAS

Essas ideias estão de acordo com a concepção de que o significado é construído na interação (SZYMANSKI, 2002, p. 14).

Esse capítulo traz na íntegra as entrevistas que foram convertidas em textos, as quais estamos denominando de narrativas. Tal denominação se justifica porque os textos expressam a opinião e as experiências advindas do BALE, quer na condição de coordenadora do Programa, de secretária municipal de educação, quer na de diretoras e professoras que acolhem as atividades do BALE.

Inicialmente, cabe informar que as narrativas foram organizadas a partir das questões levantadas por ocasião da realização de entrevistas semiestruturadas e gravadas, sendo estas posteriormente transcritas pela pesquisadora. Para a sistematização do capítulo, as narrativas foram apresentadas por escolas, seguindo uma ordem cronológica de atendimento pelo Programa BALE. Ou seja, a primeira escola a ser contemplada foi a João Escolástico (2007); a segunda, a Elpídio Chaves (2007); a terceira, a Francisco Torquato (2008); e a quarta, a Nila Rêgo (2009). Após a apresentação das narrativas das diretoras e professoras das escolas, é chegada a vez de conhecermos as narrativas da secretária municipal de educação e da coordenadora do BALE.

Com a entrevista reflexiva, Szymanski (2002) assegura que as narrativas na íntegra, e não em fragmentos, como comumente se vê nas pesquisas em educação, oportuniza ao leitor fazer suas próprias interpretações e inferências a partir da apropriação do texto.

3.1 Narrativa da diretora Clenilda Maciel de Oliveira¹⁶

Meu nome é Clenilda Maciel de Oliveira, tenho 32 anos e estou no terceiro ano aqui na direção. Acompanho o projeto BALE há três anos. Para mim, a iniciativa do projeto BALE

¹⁶ Todos os sujeitos entrevistados autorizaram a utilização de seu nome verdadeiro.

é muito importante porque está levando uma maneira nova de apresentar a leitura para as crianças que, geralmente as crianças, há certo tempo atrás tinham medo de ler, achavam que era chato e o BALE é uma maneira inusitada de demonstrar, de levar a criança a gostar da leitura. Então, acho muito importante, principalmente pelo que estou acompanhando, vejo que o BALE prioriza as comunidades mais carentes e acho isso um ponto muito positivo também.

Com certeza, o BALE tem contribuído para a melhoria da administração escolar principalmente pelo acompanhamento que temos aqui com a professora Lúcia, e os demais voluntários do BALE fazem com os professores no horário que o BALE é apresentado. Eles têm uma preocupação em saber como é que está o andamento da escola, estão sempre querendo saber qual o trabalho que a escola tem realizado de leitura, fora o BALE. Assim, é uma perspectiva muito boa de que o BALE ajuda mesmo a gente. Trata-se de uma ajuda mútua, nós ajudamos o BALE e o BALE nos ajuda muito, com certeza!

O BALE não fica somente naqueles encontros semanais. Ele também procura saber como a escola está realizando as atividades. Eles sempre que chegam perguntam: “realizaram outras atividades de leitura? De que forma?” Sempre mostram e também dão sugestões de como a gente deve trabalhar. Além de perguntar, tem essa parte da sugestão. Para mim, o ponto mais positivo é essa questão mesmo da leitura diferenciada, da nova maneira dos alunos verem a leitura. Não se trata daquela apresentação que vem e o menino só pega o livro e fica lendo, é a forma deles trabalhar que, para mim, é um ponto muito positivo.

Quanto à metodologia utilizada pelo BALE é muito interessante. Acho que é o diferencial. E tem contribuído muito. Esse método deles trabalharem, diferenciado, é uma maneira muito boa, que os alunos gostam mesmo e participam ativamente. Considerando a metodologia que o BALE utiliza, na minha atuação como gestora, com certeza houve influência. Houve, porque, como disse a você, já estou no terceiro ano. Assim, os aparatos burocráticos de uma escola são muito grandes como prestação de contas, por exemplo. Às vezes, o diretor é até tachado de deixar o pedagógico mais de lado e com a presença do BALE na escola e outros diagnósticos também percebemos o quanto é necessário se trabalhar a leitura, a partir da leitura. O BALE me influenciou bastante nesse sentido porque, para mim, o BALE foi importante para priorizar a leitura na escola.

Referente a outras atividades que a escola desenvolve de incentivo à leitura nós temos um projeto anual, que geralmente é a culminância de todos os trabalhos realizados durante o ano que é realizado de leitura e fazemos tal evento no final do ano, mais ou menos, no mês de novembro e dezembro. Nós denominamos de Chá da Vovó, ou das mães, que vem uma vó ou uma mãe contar a história aqui na escola. Tem a *Blitz* da Leitura que funciona nas quintas-

feiras. Toda quinta-feira, durante uma hora, toda a escola para e realiza a *Blitz* da Leitura, do porteiro, merendeiro, à gestora, professores e alunos, é todo mundo lendo. Começamos assim, cada um escolhia um livro e fazia sua leitura, só que ao longo do tempo nós fomos percebendo que tinha crianças que ficavam mais perdidas, aquelas que não sabem ler, não têm a decodificação da leitura, então pensamos em trabalhar de uma maneira diferente, eles próprios se agrupando por nível de leitura.

Passamos a oferecer jogos, alfabeto móvel para eles irem formando e lendo. Eles estão lendo também, não é verdade? Não é só pegar um livro e ler. Eles estão ali com jogos, com o alfabeto móvel e estão lendo. Tem esse trabalho da *Blitz* da Leitura, o Chá da Vovó, a Sacola Literária, que foi sugestão do BALE. Cada sala tem uma Sacola Literária e toda semana um aluno a pega e a leva para casa. Toda semana um aluno diferente leva e passa a semana todinha e nessa Sacola Literária vão diversos tipos: livros, livro só de desenho, revista, livros com mais leituras. O intuito é que o aluno fique bem à vontade e no final de semana ou no dia determinado pelo professor, ele irá contar aos colegas o que foi que mais gostou o que foi que leu, se ele só visualizou. É esse trabalho. O Chá da Vovó é mais ou menos mensal, não é bem sistematizado. O nome Chá da Vovó foi pelo fato de além de eles lerem e contarem uma história para os alunos achamos que elas pudessem contar suas experiências de vida para os alunos. É envolvendo disciplina e leitura. Enfim, contavam aquelas histórias de mais antigamente, mas quando não dá certo para a avó, a gente chama as mães.

Quanto à participação de todos os segmentos da comunidade escolar nessas atividades, em relação aos pais, acho que como na maioria das escolas temos pouca participação da família. Nem é tão pouca, mas ainda é baixa. Agora avançou porque antes compareciam 08 ou 10 pais e hoje em dia a maioria deles participam. Qualquer evento comparece em torno de 70 a 80. De qualquer maneira, para 218 alunos já está bom. Então, acho que esses trabalhos com o BALE, dentre outros que temos realizado aqui na escola, as datas comemorativas e o próprio quadro de rendimentos estão nos permitindo ter mais confiança com os pais. Estabelece-se um jogo de confiança. Ele vê que o BALE está na escola, tem aquela participação no final do ano que as crianças adoram, enfim, os pais daqui, como é uma comunidade carente, levam muito em consideração que eles dão presentes no Natal e o BALE tem nos ajudado nesse sentido com os pais e os pais passam a confiar mais na escola.

Ainda em relação aos segmentos da escola, o BALE tem contribuído para que haja uma articulação dos segmentos da comunidade escolar principalmente nesse sentido da leitura mesmo. Foi através do BALE que a escola começou a trabalhar mais no sentido de leitura. Há uma mobilização por parte de todos os segmentos da escola, com certeza! A gente já vê com

as meninas da limpeza, “oh, o BALE tá vindo, então já vamos arrumar o galpão dessa maneira”; os professores: “ah, o BALE vem, então vamos adequar o horário de acordo com o BALE”, entendeu. Existe uma articulação, com certeza.

Com relação aos professores, antes os mesmos não tinham aquela iniciativa, mas depois do BALE, este mostrou como a gente pode trabalhar a questão de contar história. Acho que o BALE, em si, alavancou uma abertura muito boa para diversos segmentos de assuntos, que às vezes a gente não trabalhava e hoje o professor já se vê desinibido. Tomou como base o BALE, até para contar histórias. Os professores gostam muito da participação aqui. Serviu para abrir a mente dos professores, dos funcionários. Equiparo nós aos alunos quando o BALE está sendo apresentado. Chama nossa atenção e nem temos a obrigação de ficar lá, mas é tão chamativo que nós ficamos lá assistindo, olhando. Todos os funcionários ficam lá porque gostam muito da maneira como fazem.

Que tipo de leitura tenho feito? Na realidade a leitura pessoal é muito pouca, porque o tempo é pouco. Tenho feito leitura voltada para a direção, pesquisa nos livros, mais no sentido de auxiliar na parte administrativa, na parte pedagógica, mais livros paradidáticos mesmo. Já li Shakespeare, aqueles livros de autoajuda de Augusto Cury, *Seja líder de si mesmo*, mais livros dessa natureza. Sempre fui voltada mais para a parte humana, gosto mais desses livros mesmo. E de um modo ou de outro influencia na minha atuação aqui, e ajuda bastante. Daqui gosto muito daquela, Emília Ferreiro, para ajudar no dia a dia. São esses tipos de leitura mesmo, é mais para trabalhar os livros. Mas eu gosto muito de ler. O tempo é pouco mesmo.

Em relação ao BALE, os pontos positivos e negativos para minha atuação escolar a partir do momento que o BALE começou a visitar essa instituição, é como eu disse anteriormente, é positivo porque o BALE ajudou a escola a ganhar confiança com os pais. Pelo fato de ser um projeto a mais, os pais pensam: “ah, a escola está se preocupando em trazer programas novos para escola”, então, me ajudou nesse sentido da confiança com a comunidade escolar, principalmente com os pais dos alunos e com os próprios alunos. E negativos, não vejo, assim nenhum, agora de momento. Pontos negativos, só a questão funcional, entre os funcionários da própria escola, coisas internas, questão de horários, essas coisas. Mas, em relação ao pedagógico, os professores e a supervisora são muito bons. São novos, concursados. A gestão é democrática mesmo, não é só no nome. Eu sou 100% aberta, Às vezes eu planejo tudo assim com a supervisora, com as outras meninas que estão em sala de aula, quando chega o dia de passar para os professores e eles dizem que não dá certo, aí a gente muda, porque o professor que está na sala é que sabe e a gestão é democrática mesmo,

principalmente no que diz respeito ao professor, porque se o professor está bem, tem como avançar com o aluno, mas se não estiver, num tem como não.

O BALE é como digo, a maneira diferenciada deles trabalharem, que é a metodologia, acho a equipe muito unida, pessoas desinibidas, muito competentes, professora Lúcia coordena, Auxiliadora também já trabalhou, inclusive trabalha aqui e os alunos, para mim, vejo mais como positivo, até os motoristas chegam, ajudam, vejo muito entrosamento. Conforme o professor Ironaldo, uma coisa interessante no BALE é que, no início, era só mulher e esse grupo agora não, veio misturado, você vê rapazes caracterizados de palhaço, contando histórias, quer dizer, abriu também em relação ao BALE, avançou muito, hoje há essa abertura. Na sua turma da faculdade tinha 39 alunos e só ele de homem, a princípio, era meio tímido para falar.

Sim, um ponto negativo que acho no BALE é como agora está acontecendo só pela manhã, acharia muito interessante que pudesse acontecer nos dois horários, não sei como é o critério de escolha. Esse é o ponto negativo que vejo. É tão bom que faz falta no outro horário.

Vi na programação que de manhã ele vinha para cá e à tarde para o Riacho do Meio. Se trabalhou aqui pela manhã, por que não no turno da tarde também? Porque eles querem oportunizar mais escolas, não é isso? Até os professores quando a gente observa, dizem: “ah, esse BALE só vem num horário, num vem nos dois!” Às vezes o professor acha até que a gente define, venha tal hora, mas não é. Pelo que você me explicou o BALE atende outras escolas e algumas cidades circunvizinhas, e cada cronograma é pensado de modo que atenda todas essas escolas e os espaços não escolares que estão sendo atendidos também. E ainda algumas escolas querem que venha o horário corrido ou toda semana, de certeza. Desse modo não concordo, porque, como é um trabalho diferenciado, acho que a graça é isso mesmo, tem que ter uma demorazinha, uma vez no mês ou a cada 15 dias, porque, se passar a acontecer toda semana, aí cai naquele costume e acho que perde um pouco a graça, entre aspas. Minha sugestão é que, quando vier, fiquem os dois horários. Mesmo que fosse uma vez no mês, mas que viessem os dois horários. Eu preferia que fosse assim do que semanalmente.

Quanto à pergunta que você me faz se houve algum impacto educacional no ensino-aprendizagem dos alunos, houve. Há um maior interesse pela leitura. O pessoal tá apresentando ali e eles já estão prestando atenção, aí de repente eles: “ai tia, eu quero ler esse livro, como é essa historinha?” Já quer conhecer o livro e já começa a ter o contato, e a professora já coloca na Sacola Literária, aí o aluno já leva para casa e já vai tendo essa ajuda para o aluno mesmo. Eu acho que é mais nesse sentido. Nossa biblioteca é, entre aspas, porque tinha uma biblioteca, mas não era sistematizada, organizada. Os livros não eram

tombados e agora nós recebemos uma bibliotecária mesmo, que tem o entendimento e a gente está fazendo o trabalho. Então, por enquanto, o trabalho da biblioteca está parado, mas para melhorar. Nós temos um acervo de 5.000 mil livros, já foi contado. Vou voltar para as ações de leitura, que eu esqueci, tem o baú literário na sala de aula. Cada sala de aula tem um baú e dentro desse baú estão livros que as meninas da multidisciplinária trocam constantemente para o professor trabalhar sempre que necessário com os alunos. Temos essa outra atividade de leitura, também. Há um cantinho literário em cada sala de aula que é o baú com o tatame no chão. Por fim, pelo conhecimento que tenho, acredito que é uma maneira de democratização da leitura, com certeza.

3.2 Narrativa da professora Edibegna Mávia de Sousa

Sou Edibegna Mávia de Sousa, 40 anos, trabalho nessa escola João Escolástico há 2 anos. O Projeto BALE é um projeto muito bom. A gente entende que esse acompanhamento é no intuito de instigar e promover o acesso à leitura. É uma iniciativa muito boa nas escolas, principalmente nas escolas carentes como a nossa, por exemplo, que não tem um acervo muito grande de livros e isso ajuda muito, facilita muito nosso trabalho na sala de aula. Acho que o BALE tem contribuído para a melhoria do desempenho escolar, como falei da questão do estímulo, de incentivo à leitura, promover essa curiosidade deles procurarem outros livros ou então dar continuidade ao livro que foi apresentado. Acho que o objetivo maior, o incentivo maior é justamente essa promoção da leitura. Como a gente trabalha principalmente a língua portuguesa, é um estímulo eles buscarem e incentivar a formar novos leitores, acho principalmente que o BALE tem esse estímulo, esse serviço comunitário com relação à leitura.

Além da questão do incentivo à leitura, a interação, a questão da oralidade, tanto é trabalhada com as pessoas que fazem parte do BALE como também a questão deles alunos serem chamados para participar e há essa interação maior. Acho que essa interação, essa oralidade e a questão da leitura. Certamente o resultado do IDEB tem relação com as atividades do BALE. Toda contribuição dada de forma direta ou indiretamente, de qualquer forma, contribui. Na verdade a gente imagina ou objetiva que seja um campo maior, que seja de amplitude maior, venham mais vezes, trabalhem mais. Mas, de qualquer forma, acredito que quando a gente fala na questão de formar novos leitores, também facilita nessa questão

deles procurarem buscar novos livros, uma ampliação do vocabulário. Então direta ou indiretamente contribui para a melhoria do IDEB.

A metodologia é muito bem proveitosa e muito bem aproveitada pela escola, acho que é uma metodologia completa, muito boa, porque, como falei, eles não ficam só como ouvintes. Eles passam a ser leitores, participam do processo. Particularmente, aqui na escola, a gente gosta muito da metodologia do BALE. Se houve alguma influência para minha atuação em sala de aula, sim, do ponto de vista das crianças, por exemplo, um livro que foi apresentado por um dos componentes do BALE no outro dia eles chegaram perguntando se eu poderia ler o final da história que foi iniciada, que foi as *Crônicas de Nárnia*. Então, estimulou. Não a todos, mas estimulou alguns alunos a procurarem esse livro na biblioteca. E até damos algumas informações a respeito deles adquirirem um livro. Queríamos que muito mais pessoas promovessem a leitura da maioria desses alunos, mas a gente sabe que a classe não é por igual, então, se vê essa questão deles cobrarem depois a leitura, querer apresentar o que foi visto ou, então, até fazer um projeto, uma encenaçãozinha, como foi o BALE. É até proposta deles, isso é uma forma, a semente é lançada e alguns aproveitam. De certa forma influencia em sala de aula tanto no aprendizado deles como no da gente também. Tivemos até que alterar o planejamento diante disso, um exemplo, numa contação de história eles dizem: “professora, vamos fazer como uma encenação que foi feito no BALE”. Então, às vezes a gente dá uma reformuladazinha, de qualquer forma influenciou na sala de aula.

Independente do BALE, temos vários projetos. Há o projeto Ciranda da Leitura, que é realizado no final do bimestre. São distribuídos livros paradidáticos e entregues a eles um questionário e fazemos aquela rotatividade com todos os livros, de forma que, terminado ali o bimestre, numa turma de 35 alunos, os 35 tenham lido todos os livros que foram passados para os colegas, vai passando de um para o outro, leu, preencheu, apresentou. Depois, na outra semana, outro colega já pega outro livro. De forma que a gente tenha um aproveitamento muito maior dessa formação de novos leitores que também facilita a ciranda da leitura.

Temos também a *Blitz* da Leitura, que é realizada uma vez por semana, onde damos uma pausa em todas as atividades, do funcionário até o professor, o aluno, o pessoal da limpeza para 15 minutos para a leitura. Dependendo do que esteja lendo, um dicionário, uma revista, um livro, de forma que naquele tempinho todo mundo da comunidade escolar esteja lendo. Temos as visitas na biblioteca que por enquanto não iniciaram, mas são visitas mais direcionadas, mais específicas. Temos o Correio Escolar também, mas neste caso trabalha-se mais especificamente o gênero literário carta. Incentivamos muito a questão de eles lerem a carta, apresentarem, e vamos apontando as características que faltaram. Então, entre esses e

outros projetos que realizamos em sala de aula são estes que estou lembrando, por enquanto. Na *Blitz* da Leitura, todos são convidados a participar, até, por exemplo, um pai e uma mãe que chegar naquele momento que está sendo realizada são convidados também a ler e independente do que se esteja lendo, todo mundo tá lendo alguma coisa. É esse o objetivo maior.

Mais especificamente no quinto ano, tenho essa preocupação maior com os gêneros textuais e tenho selecionado, por semana, um gênero textual a ser trabalhado. Já trabalhamos histórias em quadrinho com todas as suas características, já estudamos jornal e todas suas características, notícia, reportagem, manchete. A gente já trabalhou com gênero literário, com poemas, que foi o último que a gente trabalhou agora. E nesse bimestre vamos trabalhar esses três gêneros e nos bimestres seguintes iremos trabalhar crônicas, artigo de opinião. Pelo menos, especificamente no quinto ano, a gente já tá querendo dar uma abrangência em todos os gêneros textuais. Se a gente conseguir, a meta é essa, de forma que eles cheguem no sexto ano e já estejam com um leque maior dos tipos de leitura. Então, o quinto ano é mais para a gente trabalhar esses gêneros que a gente diz assim, os mais difíceis. Mas eles vão sair com pelo menos uma característica dos gêneros literários e textuais.

Gosto muito de ler revista, textos da internet. E à medida que vou fazendo também esses trabalhos de sala de aula, gibis, gosto de ler, histórias em quadrinho, adoro ler. Independente da sala de aula, gosto de ler muito jornal e revista. Em sala de aula leio muito com eles também. As histórias em quadrinho, hipertextos, que são textos da internet. Que o Projeto tem contribuído para articular os segmentos da comunidade escolar eu acho que contribui sim. No momento em que a escola se dispõe a receber um projeto como esse, embora que no início um pouco desconhecido, a gente já se abre, querendo ou não, intelectualmente para receber uma coisa nova. Então, quando se dá durante as apresentações do BALE, assim como nas crianças, assim como nos alunos, a gente também desperta nossa curiosidade. Então, de uma forma direta ou indireta a gente quer ler também, tem a curiosidade, às vezes uma criança tão pequena sabe de textos tão grandes, textos tão mais, digamos assim, difíceis, numa linguagem mais difícil. Isso acaba nos estimulando também no sentido de procurar ler mais e da forma que eles também cobram isso da gente, nos obrigam entre aspas a buscar mais informação. Participar assim dessa questão, acho que não só no segmento de professores ou só no segmento de alunos, quando a escola toda participa, acaba participando, interagindo com um projeto como esse, acaba também ampliando nosso vocabulário, nos informando mais na questão da leitura e promovendo mais a interação entre

todos os grupos da escola. Não só aluno, professor, funcionário, a gente acaba se integrando como um todo.

Quanto aos pontos positivos, atividades diferentes, é uma “contação” de histórias diferente, acho isso um ponto positivo e é justamente essa interação que o BALE promove de chamarem eles para serem os próprios personagens da história, participarem e eles gostarem desses momentos diferentes e favorecer outros momentos em sala de aula. Nos momentos da leitura houve um interesse muito maior deles com esse envolvimento com a leitura e após o BALE a gente faz uma leitura diferente por cobrança deles. Então, acho que um dos pontos positivos mais relevantes que a gente pode ressaltar é essa questão da promoção da leitura, a formação de novos leitores. E como ponto negativo vejo a questão de não serem mais frequentes as visitas, não sei como é a questão do horário, a agenda do BALE, mas poderia ser mais frequente. Na escola, para que a gente às vezes possa sair um pouco da sala de aula, nós não temos um espaço grande aqui para promover eventos desse tipo, mas acho que a frequência maior do Programa na escola iria nos ajudar como professor, profissional, como indivíduo também. Acho que o ponto negativo é que o BALE não vem muitas vezes aqui na escola, acho até que é para cobrir outras escolas. Aí, não favorece muito, mas o ponto negativo seria, para mim, basicamente, seria uma frequência maior, uma questão de visitas na escola.

Partindo aqui especificamente da nossa escola, acho que permite uma democratização da leitura nessa questão da participação de todos. Então, não posso falar muito se todas as escolas participarem e derem o mesmo resultado que deu aqui, acredito que a nível municipal, acredito que, sim, promove essa democratização da leitura. Aqui acho que se dá pela interação como já falei, pela participação, até aqueles mais tímidos, inibidos, pois nesse momento eles participam também. Eles acabam permitindo e alcançando um nível maior de leitores. Então acho que sim.

Sobre um impacto educacional aqui na cidade de Pau dos Ferros, acho que sim. Participo do BALE só há dois anos e vejo essa diferença na participação aqui na escola. Então, acredito que tanto causa (impacto) como ainda vai causar. Como já falei, pelo número de visitas, participação e inclusive na nossa turma tem até um aluno que foi convidado a participar do BALE pela repercussão que deu aqui na escola, pelo interesse, a família procurou. Acaba causando esse impacto educacional. Não sei, mas em longo prazo vai causar um impacto muito maior. É isso que a gente pretende e acredito que o BALE também tem essa expectativa. Acho que causa, sim, esse impacto educacional aqui na cidade.

Não sei a agenda de vocês, mas a gente poderia trabalhar com o BALE, por exemplo, no nosso planejamento, fazer parte do nosso calendário anual. Quando na semana pedagógica nos reunimos para fazer o calendário anual, já poderíamos estar fazendo junto com o pessoal do BALE e planejar nossas atividades em cima das atividades do BALE. Porque às vezes acontece da gente saber o dia que o BALE vem na escola, próxima semana, e temos que dar uma ajeitada na questão do planejamento de aula, no planejamento semanal e já tendo planejado antecipadamente acho que tanto favorece mais a questão do BALE como a questão da escola. Só pelo fato de saber exatamente qual período, não sei se é possível, mas em que período o BALE vem à escola, nesse período o que a gente está trabalhando, se é data comemorativa, então sim, juntaria a questão tanto do BALE se apresentar em favor dessa data, desse período que a gente tá vivendo, como a escola também. Seria a gente fazendo uma interdisciplinaridade entre BALE e a questão dos conteúdos procedimentais, que é o que a gente trabalha em sala de aula. Então, que a gente na reunião pedagógica já tenha conhecimento de quando o BALE vem para a escola e assim fazer parte do nosso projeto e já trabalhar semanas anteriores em favor disso. Talvez, tenha um proveito muito maior.

3.3 Narrativa da diretora Antonia Maria Diniz Bandeira

Sou Antonia Maria Diniz Bandeira, tenho 40 anos e estou na diretoria da escola Francisco Torquato do Rêgo há dois anos. Antes disso era vice-diretora.

O projeto BALE para nós é muito bom, porque veio contribuir no processo de leitura e aprendizagem dos alunos, até então, não tínhamos nenhuma parceria dessas e foi uma iniciativa muito boa, muito proveitosa. Tem contribuído para a melhoria da administração escolar ajudando na disciplina dos alunos, no saber ouvir, no saber participar melhor das atividades. Tem ajudado no nosso trabalho.

Outras contribuições são com relação à leitura e à escrita, também quanto à oralidade, pois eles eram mais tímidos em participar e o BALE contribuiu para isso, deu mais oportunidade deles falarem e participarem. Também, essa parceria, esse envolvimento, essa relação da escola com outras instituições contribuiu muito. Eles interagem melhor uns com os outros nas atividades e desenvolvem melhor nessa questão.

Para mim é uma metodologia muito boa, mas eu já costumava ver, já trabalhava dessa forma. Reconto e dramatizações são atividades que já costumava fazer na escola. Veio somar, mas que não foi algo desconhecido, nós já aplicávamos essa metodologia.

Nós desenvolvemos projetos de intensificação da leitura, contos, literatura infantil, sempre trabalhamos projetos no decorrer do ano, intensificando a leitura e a escrita. Temos biblioteca, que divide espaço com outra sala. Os alunos têm acesso, podem ir com os professores em atividades extraclasse. Eles também fazem consultas de livros, levam livros para casa, leem o livro, o apresentam e depois a professora retoma essa leitura com algum tipo de atividade. Se eles quiserem ou precisar de livros, sem a solicitação do professor, a bibliotecária anota e o livro que precisarem, eles têm acesso, desde que fique registrado no livro da biblioteca.

Quanto à participação da comunidade escolar nessas atividades, a gente se envolve bem. Nessas atividades de leitura, envolve bibliotecária, professores, e cada um com sua contribuição ajuda no que for necessário. Numa dramatização, eles ajudam, tem toda uma ajuda.

Sobre a leitura que costumo fazer, gosto muito dos livros de Augusto Cury, que têm relações pessoais e tudo assim relacionado à Pedagogia. Gosto de ler a revista *Nova Escola* e outros textos, Paulo Freire, por exemplo. Gosto muito de ler todo e qualquer livro que contribua na minha formação.

O Projeto BALE tem contribuído para articular a comunidade escolar. Eles já vieram para cá para fazer estudos com os profissionais e isso contribuiu, deu sua parcela de contribuição. Tudo que vem somar, tudo que a gente vem adquirir conhecimentos, a estar enriquecendo nosso trabalho, tanto na gestão como na sala de aula.

Sobre os encontros, eles avisam, e por sinal esse ano ainda não começou, mas trazem um calendário com os dias de visitas e a gente fica sabendo, já. Agilizamos as atividades para quando eles chegarem já estar tudo pronto e realizar as atividades para que todo mundo se envolva. Todos os professores em contato com o pessoal do BALE e fazemos um trabalho com todo mundo envolvido.

Sobre pontos positivos, como já falei, contribuiu na disciplina dos alunos e ajudou também a gente a mantê-la porque davam atribuições para eles, são dadas atribuições aos alunos e isso facilita o nosso trabalho. Eles tiveram mais responsabilidade em saber as atribuições deles e também em conhecimentos, adquirimos muitos conhecimentos através das meninas da coordenação, da graduação, das monitoras, ajudou nesse sentido. E também, nessa relação, nessa parceria que é muito bom a gente trabalhar além dos muros da escola. Não

tínhamos tido nenhuma atividade para conhecer outras pessoas, trazer para dentro da nossa escola. O BALE veio nos ajudar nesse sentido. Conhecemos o trabalho deles, os alunos se envolveram mais e despertaram mais na oralidade, deixaram de ser inibidos, fomos além da escola, quando foram tirar fotos das atividades que eles fizeram e postaram numa revista, isso é bom para escola, porque divulga, é uma coisa boa que teve através do BALE, os alunos se sentiram até motivados para trabalhar o gosto pela leitura.

Os negativos foram poucos, mas houve. Como o objetivo do BALE é motivar o gosto pela leitura, então, aqueles alunos, foram poucos, mas aqueles alunos que não queriam se envolver na atividade, o BALE não obriga – não é bem essa a palavra que quero falar – a participar, é como se eles pudessem vir participar da atividade quando se sentissem motivados. Elas deixavam e diziam que quando eles criassem o gosto eles participariam. Eu achei assim... Mas, elas disseram que o objetivo do projeto é esse mesmo, não é estar forçando ninguém a participar, e sim motivá-los, se sentirem motivados e poderem participar da leitura.

Se esse seria um ponto negativo? Sim. Achei que esse seria um ponto negativo e outro a metodologia, como disse a você, não foi muito nova, a gente já vem trabalhando dessa forma, com reconto, com a dramatização na contagem da história e eu até colocava nas avaliações que elas poderiam ter modificado a metodologia, por exemplo, trabalhavam esse tempo todo com a mesma metodologia, com reconto, dramatização de histórias e as mobilizações, quer dizer, eles poderiam ter modificado o modo de trabalhar, os alunos já sabiam o que iam fazer. Acho que precisa ter uma modificação do planejamento e dessa metodologia.

Ponto negativo na minha atuação na gestão, não. E os positivos foram muitos, essa questão da oralidade, da divulgação do trabalho deles, eles se sentirem muito motivados em estarem na internet, nas fotos, contribuiu muito na leitura e na escrita, nessa questão de saber ouvir, foi um ponto positivo, na relação que eles tinham com a universidade, com as pessoas que vinham ministrar. Esses são os pontos positivos.

A minha sugestão é que eles estejam sempre atualizando a metodologia de aplicar as atividades, em cada encontro, uma coisa diferente, com atividades diversificadas e que não ficassem com a mesma metodologia.

3.4 Narrativa da professora Marilene Medeiros da Silva

Sou Marilene Medeiros da Silva, tenho 43 anos, estou nessa função aqui na escola Francisco Torquato do Rêgo há três anos e nesse período venho acompanhando o BALE. Admiro o BALE, já pensei até em entrar, mas, por questão de tempo, ainda não resolvi. Mas acho uma ideia excelente! Um trabalho muito bom. E espero que continue com esse trabalho porque é um trabalho que enriquece nosso trabalho, enriquece a escola, são momentos prazerosos quando eles vêm à escola. Se o BALE tem contribuído para a melhoria do desempenho escolar, sim. Essa questão das apresentações, do envolvimento com a leitura, estimula as crianças e também os professores, mostra que podemos fazer esse trabalho também em nossas salas de aula, se sentir feliz em ver as crianças participando, tendo desempenho e que possibilita mesmo na questão da leitura. Elas se engajam e participam dos momentos de reconto. São aulas lúdicas, é excelente! Eu acredito que tem contribuído na questão do aluno e também até como reflexão para nós como profissionais. Essas crianças, elas são do nível socioeconômico básico, então eles têm contribuído com essa questão de Natal, da Páscoa, tem ajudado a essas crianças a serem felizes. Eles trazem presentes, eles trazem lembranças de final de ano. Assim mostram o desempenho, acompanhamento, não é para fazer essas crianças mais felizes com essas ações que eles realizam nessas datas? No entanto, além da contribuição em termos de aprendizagem, fazem um trabalho social belíssimo.

O projeto BALE é de grande valia, porque contribui tanto para o aluno como para nossa ação pedagógica. A partir dessas ações que são realizadas, fazemos uma reflexão que podemos também passar a fazer parte na sala de aula, na escola, tem sido de bom desempenho e de reflexão mesmo. Tem contribuído para minha atuação em sala de aula. Esse negócio de trabalhar de forma lúdica e que me identifico muito é a questão das leituras, de trabalhar de formas com dramatizações e isso também estimula muito. Outras atividades de incentivo à leitura na escola são as rodas de leitura, as dramatizações, o reconto, e outros projetos de leitura que a gente faz como histórias infantis. Tivemos até um projeto de construção de livros, fizemos até livros de pano. Desse modo temos o momento da leitura; nós estamos sempre assim, trabalhando essa questão da leitura, sempre envolvendo as crianças de diversas formas, com dramatizações, com apresentações em sala de aula, no galpão. Primeiro ser um bom leitor, para que as crianças também participem, se envolvam e descubram mesmo o mundo da leitura.

A participação da comunidade escolar nessas atividades de incentivo à leitura ocorre geralmente quando a gente vai fazer apresentações na culminância dos nossos projetos, e que

convidamos os pais, a comunidade para vir participar, para que venham assistir, venham prestigiar nosso trabalho e também dos filhos deles. Tem havido uma maior interação entre os pais. Dentro da escola, os funcionários têm participado dessas atividades de incentivo à leitura, geralmente não todos, sempre tem aquela rejeição. Mas, em sua maioria, se envolvem. Tem participado nos momentos que a gente vai formar, digamos que você vai fazer uma apresentação, eles vão estar participando, vão estar se envolvendo, estar se arrumando com a gente, de alguma forma, eles se envolvem. Não diretamente com nossos projetos, nossos trabalhos, mas eles estão envolvidos, estão ali, interagindo nessas arrumações, nessa forma do arrumar. Então, de alguma forma, participam. Não como a gente queria, de ficar mesmo engajado, participando efetivamente do trabalho prático, mas eles se dispõem em ajudar no que for preciso.

Eu adoro ler, viu?! Eu gosto muito de ler! Fora os livros didáticos, gosto muito de ler Augusto Cury, gosto muito de Karl Marx, Paulo Freire, Emília Ferreiro não sei se é didático, mas vale, *O mundo de Sofia*. Esses livros reflexivos, gosto sempre de estar lendo. Tenho diversas coleções de Augusto Cury e gosto muito de ler. De Augusto Cury geralmente gosto mesmo daquelas frases que às vezes toca a gente. E gosto de estar lendo porque não tenho baixa estima, tenho autoestima elevada. E porque é uma coisa que me atrai, aquelas frases, que você se toca, que você reflete e por isso que gosto muito de ler este autor.

Articulação, essa questão do cuidar da escola, de recebê-los, tem umas pessoas que às vezes a gente sabe que não são preparadas para diversas coisas, então estamos sempre chamando atenção, o BALE vai estar aqui e estamos agindo dessa forma, há uma articulação da função que cada um deve fazer nesse momento. Nessa questão de lanche, de café, levar água, todos engajados para recebê-los com amor, com carinho esse Projeto tão bacana que a universidade projetou, dando a oportunidade aos alunos que fazem parte da instituição, como as demais escolas.

Enquanto professora, sempre gostei de ser dinâmica, sempre procurei fazer o que posso na sala de aula. Sobre os pontos positivos, o BALE contribui para mim, na minha formação, já fui com meus alunos lá pra universidade, gosto sempre de estar em contato e sintonia com as melhores coisas e sendo o BALE uma delas, tenho me espelhado no BALE em algumas situações que vejo que dá para trabalhar na escola, na sala de aula. E como pontos negativos que acho é que precisava vir mais outras vezes. Para incentivar mais, e ter alguma formação, até que começamos uma formação com eles e esse ano não teve ainda para ajudar, porque tem outros professores que também precisam, para incentivar, para encorajar mesmo o educador, que às vezes você tem aquelas aulas muito, digamos, paradas. Então

assim, o BALE traz uma luz para nós e mostra que podemos, que devemos, que podemos estar usando outros mecanismos. Então, que venham mais! O mais negativo é esse. Que tenha mesmo a formação para os professores. Até na escola incentiva os professores a buscarem, a participarem e esses projetos que envolvem essas situações, que vai nos ajudar e também o aluno.

A contribuição do BALE na melhoria do IDEB, não vou dizer 100%, porque tem nosso trabalho, claro. Mas que acho que de alguma forma contribui, sim. Pela questão de incentivo à leitura. Acredito que, de alguma forma, sim. Se vier contribuir mais, melhor ainda. Mas que tem contribuído, sim. Porque as crianças se envolvem nesse mundo de leitura do conto através da ludicidade. Quanto a ter causado impactos educacionais na cidade de Pau dos Ferros, acredito que sim, porque ele trabalha em vários bairros. Acredito que sim. Tem demonstrado que está tendo bom desempenho, boa participação, e que venham a mais escolas. Outras escolas possam estar sendo presenteadas com esse Projeto que é de suma importância para nossas crianças.

Se acho que tem proporcionado democratização da leitura aqui em Pau dos Ferros, com certeza. É verdade que as pessoas estão começando a ter mais acesso aos livros. Tem escolas que ainda não tem biblioteca. Temos. Não uma biblioteca(!), mas temos um acervo muito bom. Quanto ao acesso dos alunos a estes livros, nós temos um planejamento, planejamos o momento de leitura e também os momentos para eles levarem para casa. Temos momentos de levá-los até a biblioteca para ficarem lá à vontade, leitura espontânea, qualquer livro que eles quiserem estar olhando. Sempre tiramos um dia na semana para fazer esse momento, para eles terem esse contato com o livro, como também a contação de histórias realizadas por nós educadores, exatamente na sala de aula.

3.5 Narrativa da diretora Jucileide Severiana do Rego

Sou Jucileide Severiana do Rego, tenho 47 anos, tenho 8 anos na mesma de sala de aula e 7 anos na gestão desta Escola Nilo Rêgo.

Acho muito positivo o BALE porque desenvolve um projeto muito atrativo e chama muito a atenção do aluno, tudo é novidade aqui para escola. Eles chegam com novidade, como diz a professora, chegam arrasando mesmo. Tira o aluno da sala de aula, traz para o galpão, expõe o material, deixa-os do jeito que gostariam de estar todos os dias.

Com certeza, tem contribuído para a melhoria da administração escolar. A forma de mostrar maneiras diferentes de se trabalhar os livros, o modo, a fantasia que usam, incorporar o personagem que muitas vezes o professor não está atento, acha que ler a leitura é o suficiente, e o projeto BALE traz inovação porque veste o personagem. Ele se fantasia e isso chama atenção das crianças. Não é tanto a leitura, é o personagem que para criança é o mais importante.

Incentivou a escola na criação de projetos, de atividades diferenciadas, é como disse, incentiva e é um projeto que a gente sabe que é voluntário. Isso abre muito espaço para que alguém ou até a gente da escola mesmo possamos desenvolver outros projetos, não que seja do mesmo modelo, mas com outros temas. É um leque. Abre portas. É um projeto que, com base nele, a gente pode criar outros projetos. Não só de leitura. Pode ser criado em outras áreas, pode ser de matemática, área de dança, há outros projetos. Assim, vamos ser voluntários, vamos tirar uma hora, vamos vir para escola, vamos para outra escola e outra escola vem para a da gente, como um leque que se abre. E se formos aprofundar a questão, iremos bem mais longe.

Sobre a metodologia do BALE, faço uma avaliação muito boa, ótima. Durante o tempo de experiência que tenho nunca tinha visto um projeto assim. Com todo esse incentivo, esse empenho, principalmente, a gente vê o interesse, vê o empenho. Repetindo, é voluntário, até onde sei ninguém ganha nada, eles conseguem, correm atrás, saem do seu ambiente de trabalho, vão para escola, mostram como deve ser, como é que acontece, o que dá para fazer. Muitos professores não acreditam e eles chegam e mostram que pode acontecer. Acho muito positivo, muito bom mesmo! Aonde ele chega é sempre muito positivo.

Influência para minha atuação dentro da escola, sim. Quando vou propor alguma atividade me espelho no projeto, na influência dele. Quando vamos planejar e o professor diz que não dá certo, mostro que nós temos um retrato que é capaz, que acontece e não é da mesma maneira. Uso ele de várias maneiras como exemplo.

Sobre atividades de incentivo à leitura na escola, hoje em dia, nós usamos as rodas de leitura, onde o professor faz a leitura compartilhada antes da aula; um dia por semana é feito na sala uma roda de leitura. Temos uma miniatura de biblioteca que é um espaço bem reduzido e não dá para o aluno chegar lá, mas dá para pegar o livro e levá-lo da biblioteca até o aluno na sala de aula. Leva-se o livro, leva-se o tapete, faz aqui na sala de aula, porque na biblioteca o espaço é reduzido e não dá para receber o aluno, só dá para guardar o livro. É assim ou então no pátio da escola. O aluno vem para o pátio, senta, faz a roda de leitura e isso chama muita atenção, eles gostam muito, eles querem que aconteça toda semana, mas às

vezes não dá para acontecer toda semana, depende do plano de aula do professor, do projeto que a escola tá trabalhando. A escola tem um projeto muito bom que é “O desafio da leitura e da escrita nas séries iniciais”. Esse projeto é da UERN, trabalha no 1º, 2º e 3º anos – é um projeto muito bom, que também serve de exemplo para ter mais gosto. Não são atividades tão frequentes. Acontece quando é desenvolvido um projeto, não é uma coisa semanal, nem quinzenal, é quando dá para eles encaixar no plano deles e também no espaço.

O acesso dos alunos a esses livros só é de acordo com o planejamento. Porque até 2012, nós tínhamos uma pessoa na biblioteca e o aluno podia solicitar um livro e ela repassava e depois recolhia, mas agora, no ano de 2013, nós estamos sem ninguém, então, o professor, a direção ou a coordenação que se encarrega de pegar esse livro. O professor chega e diz, tenho 25 meninos, quero 25 livros para distribuir, ou então, quero 40 livros para 20 alunos, para eles escolherem, o professor é quem faz esse trabalho. Nós não temos ninguém na biblioteca.

O segmento da comunidade é muito ausente, nós ainda estamos com essa dificuldade de trabalhar a comunidade, apesar de haver os conselhos e exigir que a comunidade esteja presente na escola, mas ela ainda tem aquela resistência em não querer, que está ocupada, tanto que hoje nós estamos num estudo que era para ter representante de pais e, infelizmente, os que foram convocados não apareceram. Ainda é muito difícil trabalhar com a comunidade, trazer a comunidade para dentro da escola, é a resistência, essa questão de tempo, de tarefas. O ideal é que seja trabalhada a comunidade paralela aos alunos para um ver a atividade do outro.

Para melhorar essa interação, temos feito muita reunião convocando os pais, chamando, alertando para a participação deles na escola, mostrando a importância do trabalho da família na escola, o acompanhamento, o valor que tem, o quanto o aluno cresce dentro da escola com o acompanhamento e participação dos pais, o quanto a escola fica melhor para ser administrada quando os pais e a comunidade, se unem.

Leituras que gosto de fazer, vou ser sincera, não é o ideal para mim, mas me apego nos livros de autoestima, me chamam atenção. Augusto Cury, principalmente, é o meu preferido. Leituras voltadas para a escola, como agora estou afastada das salas de aulas, o meu preferido é José Paulo Paes, ele é um autor que trabalha muito a realidade, o brinquedo, a música, a poesia, gosto de trabalhar esse tipo de texto. Gosto do texto pequeno. Sempre trabalhei nas séries iniciais, gosto do texto que chame atenção, que seja puxado para realidade do aluno; o brinquedo, a música, cantiga de roda, poesia, histórias infantis, ele [José Paulo Paes] é meu autor preferido porque mostra essa realidade.

Pontos positivos são todos esses que falei. Mas, antes, eu já o conhecia das outras escolas, encontrava Lúcia. Ela dizia eu vou levar! E eu, mulher, nós somos vizinhas, traga o BALE para nossa escola e ficava fazendo essas cobranças e graças a Deus ela me ouviu e outras pessoas da faculdade me ouviram e trouxeram o BALE para cá, mas eu já conhecia os comentários de outros diretores sobre a importância do projeto na escola e o que ele trouxe de novidade para escola. Aqui não foi tanto não, senti mais envolvimento nas outras escolas, não sei se foi porque ele chegou mais cedo e teve professor que trabalhava na sala de aula igual o programa trabalha no dia a dia nas escolas. Eles vestiam o personagem, se caracterizavam, aqui nós já temos uma professora que faz isso, ela veste o personagem, vai para sala de aula, já presenciei e acho um ponto positivo, e isso foi o programa que trouxe. Para mim, é uma novidade excelente! O aluno adora!

E os negativos, no momento, não me lembro de nenhum. Só vejo pontos positivos! E para minha administração ele não trouxe ponto negativo. Tem todo um cronograma, no começo do ano eles mandam um cronograma, esse ano ainda não chegou, mas deve tá chegando; dia tal, tal hora nós estaremos na escola Nila Rêgo; dia tal, tal hora... E fixamos esse cronograma na parede e elas ainda ligam avisando, são várias tarefas, é um programa bem centralizado, bem atuante. Não vejo ponto negativo. Fazem o cronograma de visitas, vem no dia certo, avisa quando não podem vir, quando vem no dia ainda liga lembrando. Então, já estamos preparados para receber. É limpo o galpão que todos irão sentar para eles fazerem toda aquela preparação. Não vejo ponto negativo. Se existe, não é do meu conhecimento, ou então, não abri os olhos para isso.

O professor, diretor, supervisor, coordenador, a gente se organiza e prepara a escola para receber o projeto. Já se coloca a apresentação dentro do plano da escola. O professor reduz o plano e se prepara para atividade com o BALE. É bom, eles avisam e ajudam a gente a se organizar também. Você sabe que o BALE chega com todo equipamento, não há como adiar, nem voltar, porque “Ave Maria”, um programa daquele, a gente abre o portão, abre os braços, recebe todo mundo e é uma festa aqui dentro da escola. Tentamos caracterizar e divulgar na internet, tem tudo aqui. O programa é muito bom e não vejo nada para acrescentar. Aqui na escola é que a gente pretende fazer uma reforma e ter um espaço maior para essas atividades. “Ave Maria”, os meninos adoram!

Com certeza está causando um impacto educacional aqui na cidade de Pau dos Ferros. É um impacto positivo, tem mostrado uma maneira diferente de se trabalhar em sala de aula, na escola, não só dentro da sala, mas fora também. E tem o material que eles trazem aquelas

almofadas, aquelas coisas, o professor renova a aula e veste uma roupa nova e isso é com base no BALE, porque noutro canto ninguém vê isso.

Para melhoria do IDEB tem contribuído com certeza, com certeza! O programa veio só acrescentar, só mostrar para gente que existem coisas melhores a serem feitas, que existe atividades diferentes. Eu via na internet as escolas e nós aqui bem pertinho não tínhamos ainda. Começou aos poucos, exatamente; ouvi dizer que era com as escolas mais carentes e depois as outras. Nossa escola é bem localizada, mas aqui é bem carente, nossa clientela é toda de bairros periféricos como Manoel Deodato, sítios, barragens, nossos alunos não são daqui do bairro, eles são de fora. A escola está num bairro nobre, mas a clientela, em sua maioria, é dos bairros periféricos.

3.6 Narrativa da professora Antonia Maria da Silva

Meu nome é Antônia Maria da Silva, tenho 37 anos e trabalho nessa escola Nila Rêgo há quatro anos. Acompanho o BALE desde que entrei aqui e por sinal uma das salas mais privilegiadas acho que foi a minha, no começo a atuação deles era bem melhor, mais frequente, vinham mais vezes, há três anos. Atendiam muito essa escola.

Acho maravilhosa essa iniciativa do BALE de fazer atendimento nas escolas e a gente vê um retorno na questão dos alunos, acho que você deveria fazer essa entrevista também com os alunos, eles têm muita coisa boa para falar. Porque se vê o quanto é importante o retorno do aluno, eles adoram o BALE, quando falo que o BALE vem para escola, ficam todos eufóricos. Acho a iniciativa maravilhosa, só que como você estava falando, a demanda aumentou e acabou diminuindo as visitas, pelo menos aqui, estou sentindo falta, eles tão vindo menos.

Sobre a melhoria do desempenho escolar, com relação a minha atuação como professora, não sei, não por causa do BALE, porque sei que tem até formação, mas nunca procurei, sei que existe, estivemos outra vez na faculdade e fomos informados dessas capacitações. Em relação a minha prática, não teve essa contribuição não, por parte do BALE, mas por minha parte. Mas incentivou a querer mais, a incentivar os alunos na leitura, a ser mais dinâmica numa aula de leitura, só não consegui ainda utilizar fantasias [risos] para contar histórias como o BALE faz, mas quem sabe?! [risos] Acho muito interessante, queria isso, queria aprender isso. Depois que vi o BALE aqui na escola fazendo esse trabalho, achei

interessante, desperta mais o interesse do aluno. Não fiz ainda por minha parte, mas que o BALE já incentivou, já. E tem me influenciado.

Quanto a outras contribuições, atribuo ao BALE, acho que desenvolve um trabalho social interessante, por exemplo, no Natal, acho aquilo muito interessante, o Natal do BALE, desde que estou aqui, a minha sala sempre é privilegiada e acho interessante, até as crianças, quando chega perto do Natal, já ficam querendo saber se o BALE vem fazer o Natal. Acho um trabalho social bem interessante.

Quanto à avaliação que faço da metodologia utilizada pelo BALE, diria que o modo como ele se apresenta acaba sendo muito atrativo para as crianças e se a gente vai fazer um trabalho, uma aula expositiva aqui ou em qualquer outra escola, sempre temos aquela dificuldade de organizar os alunos para que fiquem atentos e com o BALE isso funciona muito bem, acho que é porque é muito atrativo. Acho que a metodologia trabalhada pelo BALE é legal. Quanto a melhorar a metodologia do BALE, acho que se tivesse junto um trabalho com interação de músicas, não sei se já fazem isso, seria interessante. Aqui tem mais “contação” de histórias. Se já faz parte da metodologia do BALE, ótimo, é o que acho que falta para ficar melhor.

As atividades de incentivo à leitura aqui na escola são através de projetos relacionados à leitura que a gente faz e acho ainda um pouco defasada essa questão. Primeiro não se tem uma biblioteca, só um espaço e depois, pelo menos o que observo é feito mais em sala de aula e deveria ter outros atrativos relacionados à leitura. É só trabalhos de projetos em sala de aula, é uma coisa mais individual que vejo.

Se temos livros fora os didáticos agora assim, você sabe que essa questão do ambiente influencia muito. Se tivesse um espaço já direcionado para isso, uma biblioteca bem legal, acredito que seria mais atrativo para as crianças nessa questão da leitura. E como não se tem espaço apropriado funciona uma biblioteca e uma sala de aula junto. Eles podem utilizar esses livros sempre que querem. Às vezes, temos dificuldade em saber quem acompanha, mas, se programar, temos o planejamento semanal toda segunda e, se programar, tem como eles terem acesso a esses livros.

Se não tiver programado, não há como fazer uso dos livros. Agora, pode acontecer de ter alguém que possa acompanhar a gente para fazer isso, mas uma coisa assim, de imediato, cheguei e o plano de aula não tinha nada haver sobre ir à biblioteca pegar livros, então, pode ser que não tenha esse acesso aos livros nesse determinado dia, mas, se programar, tem sim. E às vezes, de imediato mesmo, se consegue pegar os livros, levar para sala, trabalhar com eles e, ao invés deles irem para biblioteca, pode-se pegar o livro e levar para sala.

Acho que aqui não há esse trabalho coletivo em relação ao incentivo de leitura, não tem. É uma das coisas que acho que falta ainda, talvez por culpa nossa, de nós professores, que poderíamos nos programar e realizar mais atividades, que poderia até ser coletiva para ver se incentivava mais os alunos. Então, é mais cada professor mesmo, vejo mais relacionado a isso.

Trabalha-se muito a “contação” de histórias, mas é por conta do Projeto que trabalhamos e participamos. Trata-se do Projeto da UERN, o Projeto Desafio, não sei se você já ouviu falar, é em parceria com a USP e a UFPA. As leituras que costumo fazer são mais os clássicos e quando tem algum tema a ser trabalhado aí associa, por exemplo, a gente trabalhou os contos africanos com eles, que acho muito interessante, e os clássicos mesmo, infantis. As leituras que realizo pessoalmente são diversificadas. Não tenho nenhuma em especial. Agora, por exemplo, estou lendo um livro que me chamou atenção, *A Cabana*.

Sobre a ótica de ter contribuído para articular os segmentos da comunidade escolar, nunca tinha olhado por esse ponto de vista. E com as visitas do BALE, porque ele visita as três salas, então, há sim, de certa forma, uma articulação para receber o Projeto. Assim, em termos de organização do tempo em sala, o aluno vai se programar porque tal hora o BALE vem para que as atividades sejam realizadas aqui na escola, alguma coisa desse tipo, na questão de recebê-los mesmo. Fora isso, trabalha-se sempre quando tem algum projeto, articula-se para fazer a culminância do projeto, as datas comemorativas, uma articulação assim.

Quanto aos pontos negativos, acho que já até comentei, vou só reforçá-los, acho como ponto negativo é que deveria incentivar mais a leitura e deveria usar mais de outras metodologias para realizar essas leituras em sala, usar fantoches, que não uso muito, de usar fantasias, como o BALE gosta de usar, porque fica muito mais atrativo. Acho um ponto negativo no meu trabalho em relação à leitura, isso. E positivo, a partir da visita do Projeto BALE, é que vi a necessidade de trabalhar mais leitura na sala de aula, porque eles viajam quando a gente está fazendo uma “contação” de histórias, alguma coisa desse tipo. E a gente pode perceber porque, ano passado, esse ano não foi tanto, principalmente os dois primeiros anos que estava aqui, quando o BALE vinha e fazia uma contação e lia com eles, junto com eles, na próxima visita eles lembravam da história, então um momento que teve ali, se lembra é porque marcou. É bem interessante isso, acho que deveríamos pegar os conteúdos e transformar em historinhas [risos], hoje, por exemplo, trabalhando o descobrimento do Brasil, comecei a cantar uma musiquinha e eles ficaram todos parados, assim, olhando... Acho que

precisamos dinamizar mais a nossa aula. Sem dúvida é uma influência do BALE na metodologia em sala de aula. A gente vai descobrindo aos poucos.

Mais uma vez, vou reforçar, nos primeiros anos achei bem legal a atuação do BALE, mas no ano passado e esse ano que começou agora, não posso cobrar tanto, mas acho que deveria ser mais frequente as visitas e, já que agora está bem mais dinâmico, tem músicas, tem muita coisa no BALE e a gente não teve acesso a isso. Acho interessante também o espaço que o BALE tem lá na UERN. Talvez, por falta de interesse de nossa parte não visitamos tanto o espaço, lá. Fiz uma visita lá e adorei. Era música, era contação de histórias, filmes, teatro e achei que era bem interessante e a gente deveria participar mais. Eles tão me cobrando uma visita na UERN, foi legal. A contribuição do BALE para educação, acho que é maravilhosa. Só que não deixe a gente em descoberto, não! [risos] Venham com mais frequência, trazendo novidades que a gente ainda não está sabendo, quer dizer, as crianças, porque eu estou lá na UERN e vejo, mas as crianças não estão sabendo dessas novidades que há.

Se pode dizer que há uma democratização da leitura, pode, mas se tiver mais visita seria legal e talvez, como nós somos acomodados, que tenha mais incentivos para que as escolas participem das atividades, divulgar mais, convidar. Eu sei que vocês têm uma demanda maior para atuar com o Projeto e de repente esses convites vindos para que a gente possa ir visitá-los funcionam também. Participar de encontros em outras escolas ou na UERN que é mais fácil. E outra coisa, com relação àquelas capacitações que o BALE realiza, acho que muita gente não sabe. Se você me diz que falam com a secretária de educação para que seja comunicado às escolas, não chega até nós. Pelo que entendi, nas outras cidades, foi feito deste modo, mas Pau dos Ferros ficou de fora. É interessante isso, viu? Para você ver como há uma lacuna entre a secretaria de educação e as escolas. Uma coisa de extrema importância para gente.

3.7 Narrativa da vice-diretora Maria Lucineide Vidal Mesquita

Sou Maria Lucineide Vidal Mesquita, 39 anos, e estou na educação há quase 14 anos, com experiência na escola privada e pública, sendo que nesta Escola Elpídio Chaves estou no oitavo ano de gestão e venho acompanhando o BALE desde 2007. Acho uma ideia louvável, maravilhosa. É tanto que nós solicitamos através de ofício o atendimento do BALE a nossa

escola, pois esse bairro não estava entre os contemplados. Mas eu e a diretora já tínhamos ouvido tantas coisas boas sobre o BALE que resolvemos solicitar e fomos atendidas.

O BALE tem contribuído para a melhoria da administração escolar, pois traz sugestões, incentivos, e mostra maneiras diferentes de o professor atuar em sala de aula e, nesse sentido também, eles fornecem capacitação, pois a gente aqui, esse ano, até teve uma programação, mas, infelizmente, caiu numa semana que não deu para os professores participarem, porque a secretaria não tinha como dispensar os professores, era especialmente para os professores da educação infantil. Não teve como os professores estarem voltando.

Bom, se o BALE tem contribuído para a melhoria da administração, contribui porque nossa administração não é mais aquela como antigamente, que era aquela coisa só puramente burocrática. É uma coisa pedagógica, uma novidade que se traz para escola, um empenho que eles fazem e a escola acolhe e isso traz resultados, talvez não imediatos, mas resultados gradativos, futuros. Porque as crianças gostam e a comunidade escolar vê que a escola está promovendo, trazendo novas experiências e isso com certeza também traz contribuições e bons resultados, porque a escola vai ganhando nome, vai se propagando e isso consequentemente ajuda. É como você disse, o acesso à leitura como mais uma oportunidade que as crianças têm de ter aquele acesso. E de maneira diferente, porque o BALE mostra de uma maneira bem lúdica que chama a atenção das crianças e também está dando ideia para os professores trabalharem em sala de aula.

Sobre o BALE, eu acho ótimo! Só faço uma ressalva, sei que demanda uma equipe e todo um trabalho, mas se tivesse a oportunidade de vir mais vezes seria melhor, porque às vezes demoram um pouco, eles vêm e passam um mês para poder voltar, demora um pouquinho, se fosse uma coisa mais frequente seria melhor. As crianças iam já começar aquela espera, aquela expectativa, aquela vontade. E aí, até os próprios professores também vendo que aquilo dá resultado e procurando fazer cada vez mais na sala deles, porque acho que da parte deles deixam cair um pouco a peteca, fazem pouco, não dão aquela continuidade. O BALE vem, faz aquele evento todo maravilhoso e não tem aquela continuidade na sala de aula.

Que o BALE tenha influenciado de algum modo minha atuação como diretora nem sei explicar a você se sim ou se não. É um trabalho que a gente já vê, só que não no sentido deles. A gente procura fazer, mas é como já disse a você, não é uma coisa frequente e o que modifica é sobre a questão da vontade de contribuir mais, de fazer mais e de melhorar também, claro, o trabalho da gente, quando a gente vê uma coisa boa já fica pensando: “ah!

deveria modificar mais”. Contribui porque tudo que a gente aprende e que a gente vê de bom contribui profissionalmente também.

Quanto às atividades de incentivo à leitura na escola são mais rodadas de leitura, alguns professores, não todos, mas alguns fazem as dramatizações, a verdade é que, se a gente for dizer assim, ao pé da letra, a verdade, esse lado aí tá deixando a desejar. Que é uma coisa que já vem como direção de escola e tudo e o suporte pedagógico. De um ano para cá houve uma queda muito grande na questão de suporte pedagógico, problema com a ex-supervisora, que, inclusive até faleceu e tudo mais. Deu uma quebra assim, na escola, nesse sentido. Mas já estamos nesse ano revitalizando essa questão da leitura. Intensificar mais e de maneiras diferentes. Vamos ter agora, também, o Programa do Mais Educação, que já vêm mais recursos, porque, na verdade, nossas escolas são muito carentes, não têm recurso quase para nada. É só o livro e a boa vontade do professor e se faltar um pouco da boa vontade, aí... Mas agora já estamos caminhando mais também. Com o planejamento, intensificando mais a necessidade dessa leitura, intensificar a leitura, já estamos com planos para adquirir fantoches, para ver nesse ano a questão da leitura e, se Deus quiser, vai dar certo! Por enquanto ainda tá meio capenga.

Quanto à participação de todos os segmentos da comunidade escolar nessas atividades, a gente reúne todos os alunos, eles chegam, você vê que o espaço aqui não é um espaço apropriado. Com referência a outras atividades de incentivo à leitura que a escola desenvolve na programação da escola, a gente geralmente faz assim: rodadas de leitura e quando a gente quer fazer algum evento que chame mais a atenção, fazemos salas ambientes, colocamos livros, onde vão ouvir histórias, outras vezes vão assistir histórias e outras vão desenhar, fazer coisas artísticas, fazer recorte e colagem a respeito de histórias que ouviram. A gente procura fazer assim, com salas ambientes, porque infelizmente nós não temos espaço também adequado, não temos um auditório, uma biblioteca. Até nisso, dificulta um pouco. Aliás, dificulta pouco, não, dificulta muito! É tanto que quando o pessoal do Projeto BALE vem, sentimos essa dificuldade também por isso, principalmente quando eles vêm no turno da tarde, porque aqui é quente. Colocamos todo mundo numa sala, e até para o desenvolvimento das próprias atividades deles já complica um pouco, pela situação da questão do espaço que é a outra coisa que já estamos tentando pelo menos amenizar, estamos com um projeto de cobertura, mesmo fazendo não resolve, mas já dá uma amenizada na situação.

E biblioteca? Os livros são todos guardados num armário. Não estão trancados. Eles são guardados no armário que fica dentro do depósito, mas na hora que o professor disser “quero fazer uma roda de leitura”, não há problema algum. A gente vai lá, pega os livros,

entrega quantos eles quiserem. É como disse a você, infelizmente a gente não tem espaço. Os alunos têm acesso a esses livros na hora que o professor solicitar, ele leva, não tem problema nenhum. O acesso que eles têm aos livros aqui é só quando o professor tem planejado. Porque a gente não tem uma biblioteca para o aluno vir consultar, então se o professor disser que quer fazer uma rodada de leitura, levamos os livros até ele, ou se o professor também disser que quer que os alunos consultem livros, pegamos os livros ou então ele vem, conforme solicita. Se pedir para gente expor aqui na secretaria, a gente expõe e o aluno vem e escolhe e faz anotação, o professor que faz a anotação lá dos livros que o aluno pegou, depois pega, recolhe e devolve.

Fora os livros didáticos e livros utilizados para a administração, no caso pessoal, gosto muito de romance. São os meus preferidos. Leio muito Sidney Sheldon, adoro os livros dele, leio os livros brasileiros também, se for livro de poesia, leio, tem aquelas coletâneas que contemplam vários autores, também gosto. Tem um que não estou lembrando agora o nome da autora, porque sou ruim com a memória quanto a isso, acho que é um defeito que a gente tinha, já passa por isso também, por essa questão de leitura, porque antes, às vezes, liam para gente e não diziam o nome de autor e tudo o mais, e a gente não pegou esse hábito de estar memorizando. É um autor brasileiro, gostei muito ultimamente, é infantojuvenil que até aqui na escola tem, é *A vida na porta da geladeira*, uma coisa assim. Eu o acho muito legal, adorei! E assim, sempre quando vejo, leio muito livro infantojuvenil. Às vezes pego aqui na escola, gosto de gibi, adoro gibi da *Turma da Mônica*. São meus preferidos, mas quando aparece um que eu goste, num ligo muito para gênero, quando começo a ler, vou gostando aí já vou lendo.

Quando eles marcam a visita, há uma articulação entre os segmentos da comunidade escolar para receber o Projeto. Pronto, a gente já avisa os funcionários, tenta fazer aquela organização da sala, como disse a você sala de difícil acesso, já organiza, tem toda aquela preocupação de estar limpando a escola, de estar limpando o espaço onde as crianças vão sentar. Já avisa os professores e eles já colocam no próprio planejamento deles que vão receber o Projeto BALE tal hora, fica todo mundo ajudando na questão do controle dos alunos. Assim, na questão do comportamento, quando o aluno tá extrapolando, exagerando, a gente vai pedindo, é uma colaboração boa.

Quanto aos pontos positivos, é justamente o estímulo para gente fazer muitas coisas, parecidas com a questão da leitura, desenvolvendo, também, projetos, até estamos com um projeto de leitura e no ano passado até tivemos um projeto de poesia e foi muito legal. Então, estamos sempre buscando essas alternativas e essas metodologias diferenciadas para

incentivar a leitura. Do ponto de vista negativo, não vejo nenhum. De forma alguma! Ele nunca atrapalhou, pelo contrário, gostaria que viessem mais! A única dificuldade que há, não é nem que atrapalham, é a vontade que temos de oferecer o melhor e infelizmente não temos um espaço melhor para oferecer. Mas, de atrapalhar, de jeito nenhum! São sempre bem-vindos!

3.8 Narrativa da professora Maria Gildarci Rego de Aquino

Meu nome é Maria Gildarci Rego de Aquino, tenho 46 anos de idade e 8 anos aqui na escola Elpídio Chaves como professora. Desde 2007 não tenho acompanhado diretamente o BALE porque era usado em outras turmas nas quais eu não era professora, em turnos diferentes. Assisti algumas vezes. Sobre a iniciativa do Projeto BALE, é uma boa iniciativa, porque vem ajudar no desenvolvimento da leitura, da escrita do aluno, na “contação” de histórias, recontar e, assim, chama a atenção do aluno. Assisti umas vezes no ano passado, elas fizeram por aqui pela manhã, geralmente elas vinham à tarde, era quarto e quinto anos e na época eu trabalhava no ensino fundamental menor, mas elas vieram e fui no ano passado também com minha turma na UERN, quando acontecem umas apresentações lá, e gostei. É uma boa iniciativa e só tem a ajudar.

Acredito, sim, que o BALE tem contribuído para a melhoria do desempenho escolar. Apesar de serem poucas vezes diretamente na escola, ajuda a criança a desenvolver sua oralidade na “contação” de histórias, a ouvir também, a recontar e também, conseqüentemente, a leitura e a escrita. Além de melhorar o aluno na leitura e na escrita, acho que é uma coisa nova e sempre chama mais a atenção do aluno e se fossem mais frequentes essas apresentações, porque elas vêm uma vez, duas vezes no ano aqui na escola, se fosse com mais frequência seria bem melhor.

Minha avaliação sobre a metodologia utilizada pelo BALE é boa. Uma avaliação muito boa, porque chama bastante a atenção do aluno, coisa nova sempre chama a atenção do aluno. É uma boa avaliação. Assisti só algumas vezes, mas melhorei um pouco, sim, na maneira como vou contar histórias, já adquiri alguns conhecimentos a mais na maneira de como contar. Já assisti e minha maneira de como contar histórias já melhorou mais quando realizo essas atividades no ensino. Atividades de incentivo à leitura aqui na escola: temos rodadas de leitura, livros didáticos, as leituras compartilhadas. A ilustração também, o aluno

faz a leitura de imagens também, que chama a atenção. Vídeos, assistir vídeos, para eles recontarem e depois escrever o que viram no vídeo. As atividades de modo geral, tipo atividades de rotina que a gente sempre tem que fazer, todo dia temos leitura, aquela leitura compartilhada, que eles fazem, não só o professor que faz, mas há dias que o aluno é quem faz. No dia seguinte, a gente pede para eles recontarem oralmente a leitura da aula anterior, qual foi e como foi. É sempre nesse sentido. Como se dá a participação de todos os segmentos da comunidade escolar nessas atividades de incentivo à leitura aqui da escola? Eita! Essa daí tá mais complicada. Os funcionários, de um modo geral, participam dessas atividades? Há uma interação? Não, completamente, não. Mas, indiretamente, sim. Porque é a escola num todo, não é só o professor e o aluno. Vamos supor o pessoal de apoio manter uma sala limpinha, arrumadinha já é uma influência para o aluno ficar mais à vontade na sala. Não tanto a escola num todo.

Sobre leituras que costumo fazer, fora os livros didáticos, contos... Os contos *Chapeuzinho Vermelho*, esses contos infantis, *Branca de Neve*, que eles até já sabem de cor. Como estou no quarto ano, esse ano já procuro mais textos reflexivos, onde a gente manda eles retirarem a mensagem, retirar uma lição daqueles textos, das fábulas. Já mexo mais por esse lado. Os textos informativos, com relação aos conteúdos. Sobre minhas leituras mais pessoais, fora esses, muito pouco assim, geralmente é com relação aos conteúdos, é com relação aos textos reflexivos que a gente traz. Só ler e fazer os comentários sobre o texto, do livro didático, leitura de imagem, algumas gravuras quando eles vão fazer a leitura para produção de textos em seguida.

Se acho que o BALE tem contribuído para a melhoria do desenvolvimento escolar, para a melhoria do IDEB? – Mulher... essa eu nem sei responder muito bem, porque devido ser pouco, poucas apresentações, acredito que se continuar, tiver continuidade, com mais frequência, futuramente poderá contribuir bem mais. Os responsáveis pelo BALE avisam com antecedência, não no meu turno, como já falei antes, mas a gente na escola sempre está ouvindo, tal dia o pessoal do BALE vem. Acredito que se articulam bem mais diretor, professor e aluno, não a escola num todo. Que o BALE tem causado algum impacto educacional na cidade de Pau dos Ferros, acho que sim. A gente escuta muito outros colegas em reuniões que participamos falarem das atividades que deram certo e elas gostaram e repetiram. Sobre democratização da leitura, acho que ocorre, como posso dizer, em tão pouco tempo que tive... O que entendo por democratização? Ah, democracia, né? Onde o aluno fica à vontade para escolher seus textos, e o professor também que traga textos de interesse do aluno, que não adianta a gente trazer um texto que não chama a atenção do aluno, acho que é

nesse sentido: o aluno ter direito de escolha, no caso das leituras que a gente faz, deixar que eles escolham.

Sobre pontos positivos com relação ao BALE diretamente na minha sala de aula, não sei nem como falar, foi mais nos quarto e quinto, não tinha tanta atuação. Tinha de manhã uma apresentação em toda a escola, com todas as salas, eu não tenho nem como responder sobre minha atuação. Acredito que para a professora que foi realizada mais atividade direta, ela tá de atestado, volta terça ou quarta, não sei bem. Era mais no quarto ano. Porque assim, diretamente com a minha série, que eu trabalhava no ano passado, não teve. Foi só no dia que elas vinham fazer com toda a escola aquela “contação” de histórias, com livros, elas espalhavam muitos livros para as crianças olharem, lerem, foi tipo uma apresentação do que elas tinham feito nas salas de quarto e quinto anos e séries anteriores e até uma vez comentamos, é só a tarde? Aí a menina disse, não, é porque é com os quartos e quintos anos. Não tenho muito que falar com relação diretamente na sala para melhorar minha prática, minha metodologia. As vezes que assisti gostei, incentiva, traz coisas novas para o aluno, o aluno quer coisa nova como as historinhas contadas com fantoches, que eles adoram. Aquelas meninas vestidas, caracterizadas, é muito bom!

3.9 Narrativa da secretária municipal de educação

Surge como uma ação extensionista do Departamento de Letras do CAMEAM/UERN, tendo como objetivo proporcionar o acesso à leitura, incentivando o interesse pela literatura infantojuvenil e outros, o que efetivamente vem ocorrendo nas escolas e creches, não apenas do nosso município, como outros, uma vez que tal programa se propõe a atingir regiões menos favorecidas ao acesso cultural e literário.

Adicionalmente, para a comunidade escolar, o BALE vem atuando como instrumento motivacional, uma vez que sua metodologia – inovadora, envolvente e exequível – acaba por nortear novas ações e efeitos positivos no campo de trabalho da literatura – no nosso caso, em nível de município, na educação infantil e ensino fundamental, principalmente através da literatura infantojuvenil.

Assim sendo, nos sentimos privilegiados ao fazer parte desse projeto, iniciado em nosso município e que encontrou espaço em nossas escolas para sua concretização, e que,

hoje, graças ao trabalho engajado da equipe idealizadora, alcançou o sucesso merecido e reconhecimento, inclusive em âmbito internacional.

Reafirmamos nosso apoio enquanto secretária municipal de educação e nos colocamos à disposição para o engrandecimento do referido projeto.

3.10 Narrativa da coordenadora/proponente do BALE

O BALE surgiu da ideia de fazer algo pela leitura aqui em nossa cidade, porque quando voltei do doutorado não havia nenhum projeto de leitura no município, tínhamos uma biblioteca que não funcionava, apenas como depósito de livros e aí tivemos a ideia – eu e Renata [Mascarenhas] – de construir uma proposta para concorrer ao edital Banco do Nordeste que estava em aberto e pensando em fazer alguma melhoria pela leitura em nossa cidade. A ideia geral foi essa. Do ponto de vista operacional e na parte mais teórica, tínhamos um grande dever social, porque tínhamos que ir aos *campi*, curso de Letras e Pedagogia, dois cursos que formam professores e que também reconhecíamos a formação dos leitores muito frágil no tocante à leitura quando se trata de alunos da graduação, pois eles chegam ao curso sem ter habilidade de leitura e de produção textual oral e escrita. Nossa ideia de trabalhar com alunos da graduação partiu dessa ideia de formar também alunos leitores na graduação.

Inicialmente, a expectativa que tínhamos era de fazer um Projeto mesmo de continuidade, nunca pensamos que o Projeto fosse fazer um ano e parar; pensamos em ser um Projeto de continuidade e que renovasse a cada ano. E isso foi cumprido na medida em que a cada ano fomos tentando concorrer ao Banco Nordeste e fomos ganhando editais, concorrendo a outros editais também, fomos montando a equipe e tentando ver se na verdade conseguiríamos formar um grupo em que, mesmo sendo um grupo não fixo, um grupo móvel, fosse formando-se leitores, fosse se tornando um Programa – hoje Programa, na época, Projeto – e fomos formando essa equipe e formando alguns leitores e nos empolgamos para não parar mesmo!

Primeiro não vejo que na escola o BALE serve de modelo de formar leitores, não sei se a palavra adequada seria essa, mas, na verdade, ele inspira, digamos que inspira os professores a fazer. A gente percebe nas escolas; muitas escolas fazendo o que fazemos com as crianças, embora saibamos que há resistências ao longo do Projeto nas escolas. Normalmente resistência no sentido de achar que a gente vai obrigar os meninos a ler, trata-se

de um problema que a gente sempre enfrentou no início, mas hoje já é menos, eles estão resistindo menos a essa ideia e nesse sentido pensamos que a maior contribuição do BALE é inspirar as práticas de leitura.

A metodologia do BALE não tem mudado, temos tentado manter o *script* da proposta inicial, claro que em algumas edições a gente tem realizado mais estratégias de leitura, em outras, menos estratégias, várias estratégias; mas o *script* geral da metodologia que a gente faz é justamente tentar fazer aquele ritual da contação e da recontação. E aí, os elementos vão sendo adequados de acordo com o público, e avalio a metodologia como positiva no sentido de que a gente consegue atrair os leitores para o livro, que é o nosso objetivo principal. Uma das ações nossas, das cinco ações, uma delas é atrair o leitor para o livro, enquanto objeto de prazer e também de luxo para alguns.

Sobre os pontos positivos e negativos, vamos aos negativos primeiro, depois falo dos positivos. Os negativos, acho que se referem ao financiamento, fazer leitura no Brasil não é algo barato, implica investimento. E esse investimento cabe a nós da equipe ficar buscando, não temos um investimento fixo. Nós temos que estar concorrendo edital pra levar essa ideia de trabalhar com a busca de financiamento. Outro ponto que é negativo e ao mesmo tempo positivo, mas que também vejo como negativo, é a questão da equipe ser móvel, a mobilidade da equipe. Essa mobilidade da equipe implica estar formando sempre pessoas e quando elas estão se formando elas vão embora, a exemplo de você, Sinara, que foi baleana e que hoje tomou rumo, voou. Para outros trabalhos, outras iniciativas, para fazer mestrado. Por esse lado, é positivo também! É o lado bom e o lado ruim. Dá para perceber que esses sujeitos que passam pelo BALE criam muito gosto pela parte da pesquisa, não só da extensão, mas se envolvem com a pesquisa, porque também tem esse fio condutor da pesquisa no BALE, de trabalhar, investir no aluno para que ele também produza, reflita sobre o que faz dentro do BALE, escrever sobre isso e apresentar em eventos, e isso leva o aluno a alçar voos. E isso, de certa forma, é positivo para gente, ter pessoas que não estagnaram, querem continuar a trabalhar de outras formas. Outro aspecto negativo que poderia ser mencionado é em relação à frequência, não atendemos como gostaríamos; da frequência nas escolas, gostaríamos de atender mais as escolas. Mas como temos – aí vem o lado positivo – muitos convites para fazer outras coisas, os editais às vezes tiram o foco da gente para outras situações, alguns editais como o que ganhamos agora por último, que leva o foco para o ensino médio, e nem tínhamos sobre isso. E aí, a gente fica nessa história de ter que fugir um pouco do foco do Projeto, que seria trabalhar as escolas que temos beneficiado nos sete anos. Mas, nessa

questão também, por um lado é positivo porque é sinal que está dando certo e que a demanda está sendo grande. Há um lado negativo e um positivo.

Não imaginávamos que o Projeto tomaria essa proporção, quando iniciamos éramos apenas três, a velha história, éramos três. Era eu, Renata [Mascarenhas] e uma bolsista que selecionamos com recursos do Banco do Nordeste, e na primeira visita já não éramos somente as três, já levamos mais gente, já fomos em sete ou oito pessoas para Escola João Escolástico no primeiro encontro. E daí só somou, tem somado, somado; hoje eu não tenho mais dimensão de quantos já passaram pelo BALE, não tenho noção nem de quantos bolsistas, imagine quantos voluntários e muito menos quantas crianças já atendemos. Apesar do número que soma 13.000 mil atendimentos nas outras edições, esse número não é um número concreto no sentido de que foram as 13.000 mil assinaturas, já passamos por muito mais do que isso e não conseguimos coletar e registrar.

De Projeto para Programa, a expectativa é que se fortaleça, se consolide. Estamos com a experiência, terminando agora, de um ano de Programa, vamos relatar agora. Foram cinco ações que se trabalhou nesse período de Programa, cinco ações que já vinha sido trabalhadas apenas sistematizamos em formas de Programa essas ações e criamos coordenações para cada ação dessas e acreditamos que, como Programa, possa ter mais reconhecimento em relação à própria universidade, que oferece apoio, mas é um apoio ainda muito restrito, no sentido que possamos estar mais solidificando mesmo, enquanto Programa. Acho que é isso, porque as ações já acontecem naturalmente dentro, seja Projeto, seja, Programa. Isso não mudou muito. O que muda a meu ver a ideia de Programa é o próprio reconhecimento. Acho que a categoria de trabalho a gente nunca pensou sobre isso, mas na ideia de reconhecimento da própria universidade de transformar, pois foi indução da própria universidade transformar esse Projeto em Programa.

O financiamento tem sido, de certa forma, constante. Temos conseguido manter a ideia de trabalhar, ir às comunidades, e o mais interessante desse financiamento é que já estamos conseguindo resultados com pessoas que foram do próprio Projeto, conseguindo financiamento, não apenas mais eu, enquanto uma das proponentes, mas já temos pessoas que já estão captando, dentro do próprio Programa, recursos, financiamento. Essa última edição, por exemplo, nós sobrevivemos do Ministério da Cultura (MinC), e não foi mais eu que conseguiu esse recurso, foi uma ex-bolsista do Projeto e hoje coordenadora de uma ação do Programa. Temos sobrevivido, mas com dificuldades, porque, como já falei antes, não é barato investir em leitura, em cultura, é caro. E dependemos de transportes, de combustível, temos um transporte cedido pela universidade e temos o motorista cedido, mas não temos o

combustível nem diária para o motorista. Temos que conseguir isso para poder nos manter e poder ir às comunidades.

Se o BALE vem contribuindo com os resultados do IDEB nas escolas de Pau dos Ferros, essa pergunta não sei responder porque não tenho pesquisa sobre essa questão. Nós, inclusive, temos uma pesquisa no departamento que está coordenando sobre o IDEB em uma das escolas que o BALE atende. Não sei ainda os resultados dessa pesquisa, mas acreditamos que tem contribuído no sentido de melhoria das escolas, sim; uma delas, por exemplo, foi até premiada ultimamente, lá no São Geraldo, teve uma premiação e acredito que a gente tem mudado essa história da leitura nessas escolas, tem mudado. Não sei se, em números, temos contribuído. Você vai responder mais adiante. Vai ser uma tarefa sua responder essa questão. Não tenho respostas de pesquisa.

Acho que um dos maiores impactos é a forma de o sujeito ver o livro. Quando a gente começou a apresentar nas escolas, as bibliotecas eram com livros muito “trancafiados”, sem poder ter acesso, de poder pegar. Acho que essa cultura do livro já tem mudado, de saber que o aluno pode pegar o livro, que o livro é um objeto de consumo, que ele vai um dia estragar, que vai um dia sair de circulação. E a ideia dessa cultura de que o livro é algo para ficar lá, só guardado, para esperar a geração futura, acho que isso já mudou na concepção das escolas. Inclusive, tem escola catalogando o material, pensando em fazer trabalhos com os alunos, tenho sabido disso. É tentando fazer um trabalho de catalogar e levar a circular o livro, a forma que eles trabalham ainda é muito fechada. Outra questão que penso que tem ajudado no impacto do Projeto refere-se aos próprios professores também, a ideia de que eles não apenas o livro, neste processo de formar leitores, eles têm pensado muito quando se fala hoje em levar o livro para o aluno e como trabalhar a leitura, já têm muito mais ideias e tentam aplicar isso de alguma forma, há esse impacto. E nas bibliotecas a gente tem feito pesquisa na graduação, um trabalho, crédito na graduação, disciplinas, os alunos têm ido às bibliotecas e já demonstram muita preocupação com leitura, principalmente pessoas ligadas ao BALE, que ficam com a preocupação de mostrar o que fazem, embora esteja sendo feito muito pouco ainda, temos também o interesse de investir nessa parte da biblioteca.

Influenciado na atuação dos diretores, acho que sim. Inicialmente, quando começamos a trabalhar com o BALE, os diretores tinham uma preocupação muito grande em levar os alunos ao pátio da escola todos de uma só vez; acho que essa cultura já mudou, eles não temem mais essa ideia, já confiam na equipe em levar todo mundo a fazer um trabalho de leitura e isso, de certa forma, é impactante para o diretor, para o gestor. Isso gera outra ideia de como trabalhar o livro na escola e como formar leitor, ninguém pode estar apenas

obrigando o aluno a ler. Tem que ver se cria esse gosto, cria a expectativa, cria o interesse e, isso, de certa forma, o impacto que se diz dos diretores, eles já têm essa preocupação de estar incluindo as políticas públicas de leitura. Já têm o interesse. Acho que com a experiência do BALE, começam a perceber que isso é possível, que é uma ação que eles podem fazer na escola deles de alguma forma. O impacto maior é na visão da própria concepção de leitura, concepção de livro, concepção de educação, de biblioteca, de como formar leitores. O maior impacto é esse.

Desde que criamos o BALE uma das nossas ações é essa, democratização da leitura, porque a leitura é algo que não chegava às comunidades. Eles só tinham acesso à leitura via BALE. E o BALE começou a atender desde 2007, e penso que democratizar a leitura é isso, chegar o livro ao leitor de alguma forma. Assim como a gente vem fazendo com o teatro, com o cinema e várias estratégias, é uma forma de chegar a essa democratização da leitura, de se chegar ao livro. Foi possível porque conseguimos, também, através do Banco do Nordeste, Ministério da Cultura, da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), conseguimos trabalhar com um grande acervo, um acervo muito bom. Acho que esse acervo tem democratizado a leitura. As pessoas perceberam que podem chegar ao livro de Harry Potter, por exemplo, nas comunidades que elas nunca teriam a chance de ler um livro de Harry Potter, só leria um livro se fosse de um clássico, um canônico. Com o BALE isso é possível, saber que tem um livro no cinema e eles podem ter acesso a esse livro, a esse material. Por outro lado, não só falando das crianças, mas dos adultos também, temos um acervo muito variado quando se trata de adultos e aí percebemos muito nas comunidades pessoas pegando receitas de bolo, pegando receita disso e daquilo, querendo pegar horóscopo do dia, são ações que se vê que os leitores mudam a vida deles, muda a perspectiva de se trabalhar a leitura, quando eles querem, na verdade, e têm acesso aquele material que eles antes não teriam de alguma forma.

CAPÍTULO IV

CAMINHOS PERCORRIDOS: UM OLHAR SOBRE AS ESCOLAS PÚBLICAS DE PAU DOS FERROS E O DITO NAS NARRATIVAS

[...] não sei se fui claro, não foste, mas não tem importância, claridade e obscuridade são a mesma sombra e a mesma luz, o escuro é claro, o claro é escuro, e quanto a alguém ser capaz de dizer de facto e exactamente o que sente ou pensa, imploro-te que não acredites, não é porque não se queira, é porque não se pode (SARAMAGO, 1988, p. 125).

Este capítulo expõe o entendimento apreendido no decorrer desta pesquisa. Apresentamos um olhar sobre as escolas atendidas pelo BALE na cidade de Pau dos Ferros, bem como o dito nas entrevistas aplicadas com as gestoras e professoras das escolas, coordenadora do Programa BALE e secretária municipal de educação. Ele está constituído por seis itens que retratam os dados empíricos da pesquisa. No primeiro item, discorreremos brevemente acerca da caracterização das escolas, apontamos os níveis de ensino ofertados, sua estrutura física e o quadro de funcionários. Por outro lado, apresentamos os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e suas metas projetadas referentes aos anos de 2007, 2009 e 2011.

No segundo item, expomos as condições para o desenvolvimento da leitura nas escolas atendidas pelo BALE, confrontando-as com a Lei 9.169/2009, que determina a obrigatoriedade de um espaço destinado às atividades de leitura.

No terceiro item, apresentamos as atividades administrativas e pedagógicas mobilizadas a partir da inserção do BALE nas escolas. Tais atividades demonstram que o BALE proporciona momentos de trabalho coletivo e diferenciado pedagogicamente.

No quarto item, por conseguinte, são explicitadas as iniciativas de leitura e de escrita que as escolas vêm implementando no seu cotidiano, a partir da influência do BALE.

No quinto item, apontamos as práticas leitoras das pesquisadas (diretoras e professoras). Percebemos por meio de suas falas os contributos favorecidos pelo BALE para sua formação, assim como para sua prática, que se modifica a partir dos incentivos conferidos nas atividades de leitura.

No último tópico, portanto, a ênfase incide sobre os impactos educacionais provocados pelo BALE, refletindo a respeito dos dados do IDEB das escolas, bem como demonstrando,

segundo o dito nas entrevistas, as influências e inovações metodológicas adquiridas por meio de sua participação nas atividades de fomento à leitura desempenhada pela equipe do Programa BALE.

4.1 Caracterização das escolas e seus respectivos IDEBs

A Escola Estadual João Escolástico está localizada na cidade de Pau dos Ferros, no bairro Riacho do Meio. Atende fundamentalmente do 1º ao 5º ano, nos horários matutino e vespertino, bem como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), entre o 4º e 5º períodos em atividade no horário noturno.

Sua estrutura física encontra-se dividida em 4 salas de aula, 4 banheiros, cozinha, almoxarifado, depósito de merenda, sala de vídeo e outra sala (pequena) que acolhe os serviços de secretaria, direção, supervisão e coordenação.



Imagem 7: Escola João Escolástico
Fotos: Arquivo pessoal.

Atualmente, encontram-se matriculados 200 alunos, divididos em três turnos – o ensino fundamental, o que atende os anos iniciais e a Educação de Jovens e Adultos. Para a consolidação de suas atividades, o corpo docente e técnico administrativo é composto por 29 funcionários, sendo 01 diretora, 01 secretária, 01 especialista em suporte pedagógico, 01 coordenador administrativo financeiro, 13 professores, 03 digitadores, 02 porteiros, 02 auxiliares de secretaria, bem como 02 vigias, 02 merendeiras e 01 servente.

Quanto ao IDEB da referida escola, percebe-se que, embora não tenha alcançado a meta estabelecida, vem apresentando resultados significativos nas últimas avaliações da educação básica. Para conferir o exposto, o gráfico abaixo traz esse demonstrativo.

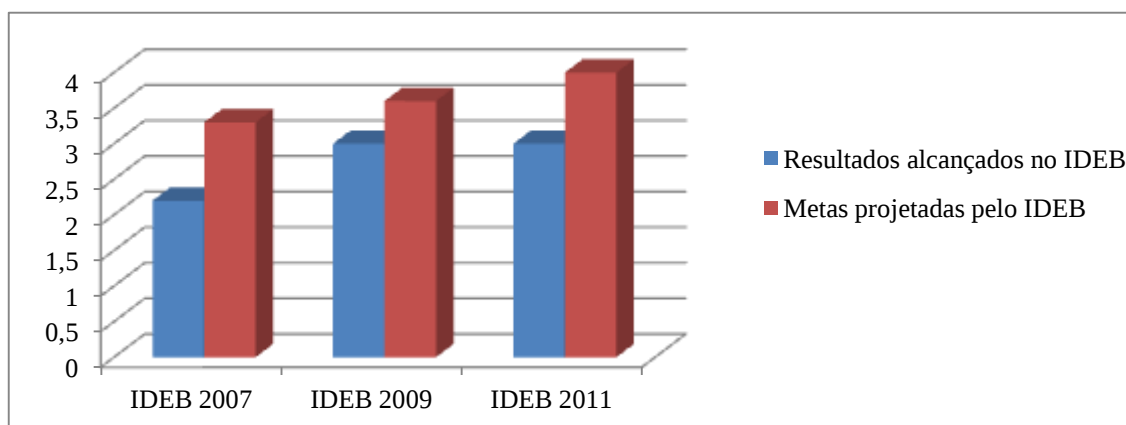


Gráfico 2 – Evolução do IDEB na Escola Estadual João Escolástico
Fonte: IDEB 2007, 2009, 2011.

Desde o ano de 2007, com a efetivação das atividades do BALE, que o Programa contabiliza vários atendimentos diretos registrados nos encontros realizados nas escolas dos bairros São Geraldo, Riacho do Meio, Manoel Domingos e Princesinha do Oeste. Por meio dos atendimentos e do envolvimento das escolas e seus segmentos, representados pelos professores, diretores, coordenadores, alunos e demais funcionários, concebemos, através dos resultados apresentados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o rendimento do ensino-aprendizagem, que apresentou quantitativos inferiores às metas projetadas, embora tenha havido crescimento de 2007 a 2009, mantendo o último índice no ano de 2011. Isso posto, analisamos que a Escola Estadual João Escolástico, situada no bairro Riacho do Meio, demonstra resultados inferiores ao que foi projetado para seu desempenho, embora apresente, também, quantitativos relevantes no desenvolvimento educacional, instigando, assim, o aprimoramento do ensino-aprendizagem em busca de melhores resultados.

O aumento no desempenho dos alunos se deve, segundo alguns professores e diretores, à maior interação entre os segmentos da escola – professores, alunos e setores administrativos –, bem como à dedicação dos docentes e discentes, assegurando que a influência do BALE é preponderante para seu desenvolvimento, uma vez que o despertar do gosto pela leitura incentiva os alunos a buscarem novos conhecimentos nas diversas áreas do saber, contribuindo para sua formação.

De acordo com os dados, percebemos que os impactos educacionais a partir do BALE, nessa escola, foram significativos. Essa escola foi a primeira atendida pelo Programa e a que mais desenvolve atividades de leitura, mostrando seu interesse em inovar e aprimorar o ensino, contribuindo dessa forma para elevar seu IDEB.

A Escola Francisco Torquato, localizada no bairro São Geraldo, atende do pré ao 5º ano, em funcionamento nos turnos matutino e vespertino. Sua estrutura divide-se em 07 salas de aula, 02 banheiros e uma secretaria. No ano de 2013, 152 alunos foram matriculados e o quadro de funcionários é formado por 26 pessoas, com ocupações distribuídas entre 01 diretora e vice, 02 supervisores, 08 professores, 09 auxiliares de serviços gerais, 01 vigia, 01 bibliotecária, 01 secretária e 01 auxiliar.



Imagem 8: Escola Francisco Torquato
Fonte: Arquivo pessoal.

Em relação ao IDEB dessa escola, verifica-se uma realidade semelhante à da Escola João Escolástico, uma vez que seus índices não alcançaram a meta esperada, embora venha elevando seu rendimento educacional de acordo com a realidade escolar, conforme gráfico abaixo:

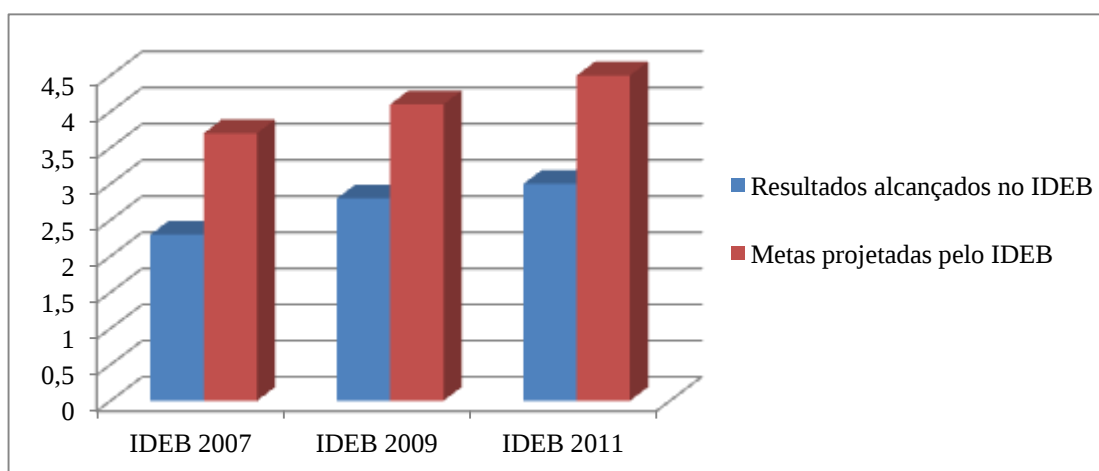


Gráfico 3 – Evolução do IDEB na Escola Municipal Francisco Torquato
Fonte: IDEB 2007, 2009, 2011.

De acordo com o gráfico, percebemos que a Escola Municipal Francisco Torquato também apresentou um crescimento relevante na avaliação realizada pelo governo brasileiro nos últimos anos, mesmo que seu desempenho educacional não tenha obtido a meta projetada, aproximando-se a 3.0 em 2011. De qualquer forma, o que se coloca em questão são as metas projetadas e os quantitativos divulgados, compreendendo-se que para a conjuntura atual da referida escola os resultados são méritos adquiridos com esforço e que a intenção é superar as metas a partir de suas inovações metodológicas, apreendidas pelo Programa BALE.

A Escola Elpídio Virgínio Chaves, por sua vez, está localizada no bairro Manoel Domingos e oferece o ensino de educação infantil e fundamental do 1º ao 5º ano e uma turma do Programa Mais Educação, nos turnos matutino e vespertino, atendendo 220 alunos.

Sua estrutura está dividida em 05 salas de aula, 02 banheiros e uma secretaria. Seu quadro de funcionários é formado por 27 pessoas, que ocupam as funções de diretora e vice, 02 coordenadoras pedagógicas, 01 secretária, 01 auxiliar de secretaria e 09 professores, bem como 01 digitadora, 03 merendeiras, 05 auxiliares de serviços gerais, 02 vigias e 02 porteiros.



Imagem 9: Escola Elpídio Virgínio Chaves
Fonte: Arquivo pessoal.

Essa escola se diferencia das anteriores, uma vez que, em 2007, por não atender a prerrogativa da quantidade mínima de alunos, seu IDEB não foi divulgado e, consequentemente, sua meta projetada para o ano seguinte também não. Ainda assim, a escola se destaca pelo bom desempenho educacional, verificado nas últimas avaliações e apresentado no gráfico abaixo:

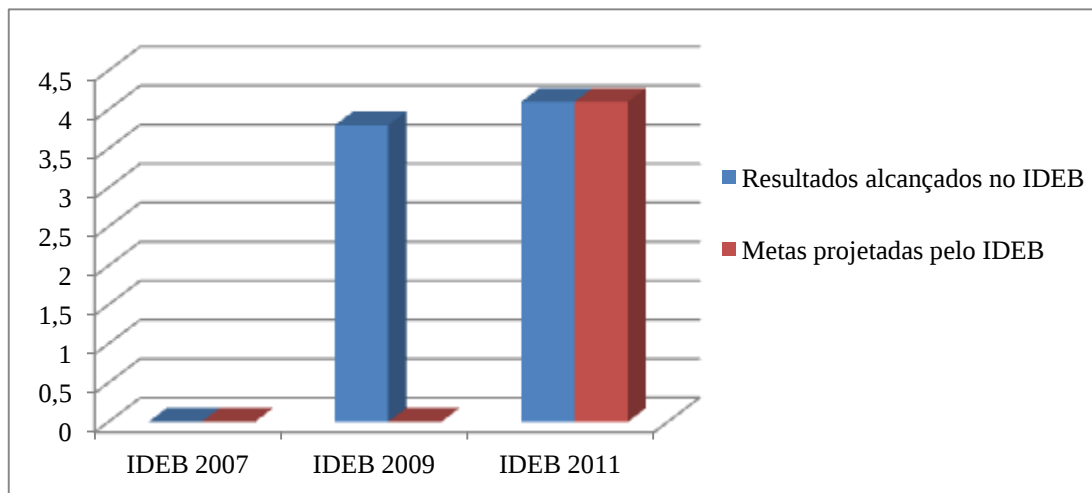


Gráfico 4 – Evolução do IDEB na Escola Municipal Elpídio Virgínio Chaves
Fonte: IDEB 2007, 2009, 2011.

Por conseguinte, a escola em análise exibe um crescimento considerável no desenvolvimento educacional de 3,8 em 2009 e 4,1 em 2011, sendo compatível com a meta projetada para esse ano. Nessa perspectiva, é possível perceber que o Programa BALE pode ter exercido uma influência nos índices dessa escola.

A Escola Nila Rêgo está situada no bairro Princesinha do Oeste. Totaliza 233 alunos matriculados nas séries iniciais do ensino fundamental, em funcionamento nos turnos matutino e vespertino.



Imagem 10: Escola Nila Rêgo
Fonte: Arquivo pessoal.

Sua estrutura divide-se em 09 salas de aula, incluindo secretaria e sala de informática, bem como 02 banheiros. O quadro de funcionários é formado por 37 pessoas que desempenham os cargos de diretora e vice, 01 secretária, 01 coordenadora pedagógica, 13 professores, 02 vigias, bem como 02 porteiros, 12 auxiliares de serviços gerais, 02 técnicos de informática e 02 merendeiras.

Quanto ao IDEB dessa escola, constata-se uma realidade bem diferenciada das demais escolas, uma vez que esta não apenas tem elevado seus índices ano a ano, como também supera suas metas projetadas, principalmente nos anos de 2009 e 2011, conforme gráfico abaixo:

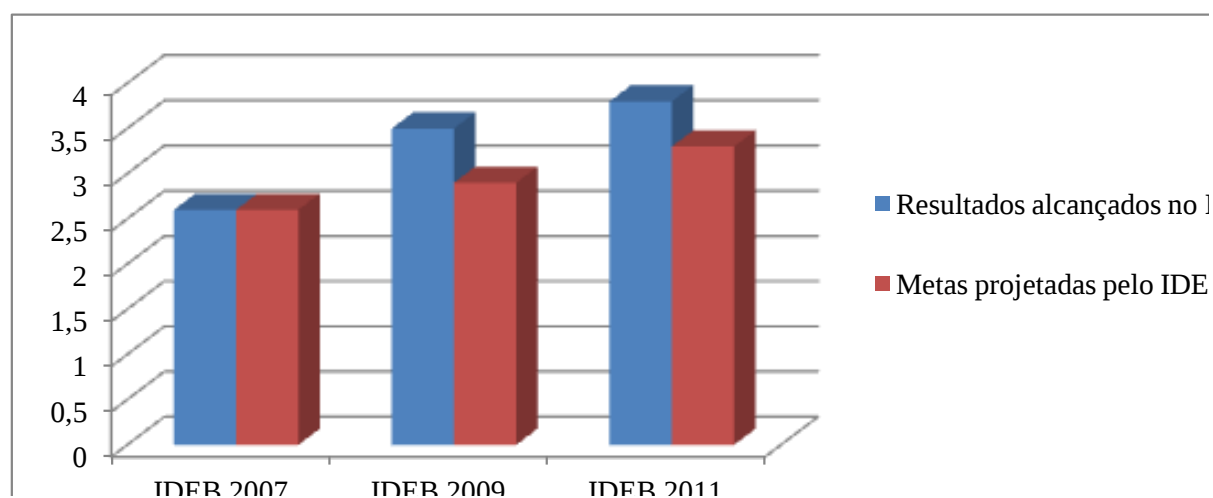


Gráfico 5 – Evolução do IDEB na Escola Municipal Profa. Nila Rêgo
Fonte: IDEB 2007, 2009, 2011.

Nesse sentido, a Escola Municipal Nila Rêgo apresenta um quantitativo semelhante à média projetada pelo IDEB, que era de 2,6 em 2007. Na avaliação dos anos seguintes, a média anterior supera as expectativas e atinge o resultado de 3,5 e 3,8 em 2009 e 2011.

Da mesma forma que na Escola Elpídio Chaves, na escola Nila Rêgo o Programa BALE pode ter exercido positivamente uma influência no rendimento alcançado, assim como nas escolas verificadas anteriormente, uma vez que a inovação metodológica que todos os docentes apontaram se constitui como instrumento para envolver os alunos no decorrer das aulas, pois o novo atrai e se transforma em conhecimento. Além disso, percebemos nessas escolas o envolvimento dos profissionais nas atividades escolares, inclusive naquelas propostas e desenvolvidas pelo BALE.

O Programa BALE vem realizando atividades de incentivo à leitura nas referidas escolas desde 2007, permitindo que o aluno tenha acesso a uma diversidade de livros e gêneros textuais, com apresentações de histórias clássicas da literatura brasileira, realizadas pelos membros do projeto, com recontos feitos pelos próprios alunos e com a roda de leitura, que tem favorecido um momento de interação e aproximação entre leitor, texto, autor e contexto.

Desse modo, as escolas têm se mobilizado para que essa prática seja contínua, contribuindo para a aprendizagem dos alunos e dos próprios funcionários, tendo em vista que a leitura se constitui em tudo aquilo que nos apresenta algum sentido. Como afirma Abramovich (1997, p. 17), “é através da leitura que a criança descobre outro mundo, o qual ela pode também sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, o bem-estar, o medo e a alegria, dentre outras”.

É possível constatar um crescimento educacional através dos dados apontados pelo IDEB, que apresenta conceitos preponderantes para a qualidade do ensino-aprendizagem, avaliando o desempenho dos estudantes e o nível de aprovação que possibilitam o envolvimento do aluno na realização das atividades oferecidas pela instituição, permitindo, ainda, que a comunidade local faça parte desse crescimento.

4.2 Condições para o desenvolvimento da leitura nas escolas

A pesquisa tem revelado que as escolas analisadas não disponibilizam de um espaço destinado à biblioteca escolar. A Escola João Escolástico possui um acervo variado de 5.000 livros, o qual, no momento, está passando por um processo de catalogação. Essa escola tem promovido várias atividades envolvendo leitura, conforme detalharemos no item seguinte. As Escolas Francisco Torquato e Elpídio Chaves têm um pequeno acervo de livros, o qual se encontra guardado em armários do depósito. A propósito dessa questão, a coordenadora afirma: “Quando a gente começou a apresentar nas escolas as bibliotecas eram com livros muito ‘trancafiados’ sem poder ter acesso, de poder pegar”. Divergindo da compreensão da coordenadora do BALE, a diretora Lucineide explicita: “Os livros são todos guardados num armário. Não estão trancados. Eles são guardados dentro do depósito”. E continua: “O acesso que eles [alunos] têm aos livros aqui é só quando o professor tem planejado”. Por sua vez, a Escola Nila Rêgo possui também um pequeno acervo, guardado em armário na secretaria da escola, e tem disponibilizado para os alunos.

Aproximar o livro do leitor e viabilizar o acesso à leitura de modo prazeroso é um dos objetivos do BALE, cujo atendimento tem se voltado, como acrescenta a diretora Jucileide, para as comunidades carentes de incentivos culturais – com poucas iniciativas de fomento à leitura e sem bibliotecas.

A realidade das escolas pesquisadas em Pau dos Ferros, embora a Lei n. 9.169 tenha

sido promulgada no ano de 2009, versando sobre a criação e promoção da leitura literária nas escolas públicas do Rio Grande do Norte, como forma de assegurar o desenvolvimento da leitura de crianças, jovens e adultos, demonstra uma precariedade nas condições físicas para a realização das atividades de leitura. Reconhecemos que a formação do sujeito leitor é uma das funções da escola. A respeito dessa questão, Silva (1985, p. 102) afirma: “Se a formação do leitor está essencialmente condicionada à escolarização, então ler é, por necessidade, submeter-se aos objetivos que a escola tenta atingir através de seus programas e métodos”.

Incentivar a elaboração e o desenvolvimento de atividades de leitura quando não há estrutura e formação necessária mostra-se difícil e requer um acompanhamento no seu processo de construção. Atrair o aluno para o livro, despertando em cada um seu interesse pela leitura nos mais variados gêneros, exige uma metodologia diferenciada, que envolva não somente os alunos, mas também os professores e os demais profissionais. O uso de uma metodologia diferenciada é buscado constantemente pelos membros do Programa BALE, no sentido de proporcionar o envolvimento dos sujeitos. Em sua avaliação, a coordenadora do BALE vê “a metodologia como positiva no sentido de que a gente consegue atrair os leitores para o livro, que é o nosso objetivo principal. Uma das ações nossas, das cinco ações, uma delas é atrair o leitor para o livro enquanto objeto de prazer e também de luxo para alguns”.

A aproximação com o livro não deve ser apenas momentânea, mas que suas histórias possam apresentar outros saberes e atitude crítica, de discernimento, uma vez que a leitura diferenciada e a nova maneira de os alunos a conceberem, como afirmam a diretora Clenilda e a professora Antônia da Escola João Escolástico, são possibilidades de perceber as vozes presentes nos textos e posicionar-se diante deles, como acrescenta Yunes (2009).

O acesso ao livro é o primeiro passo para que encontremos sujeitos envolvidos no mundo da leitura, mesmo que a biblioteca e a sala de aula dividam o mesmo espaço físico. Como sabemos, conforme a Lei n. 9.169/2009, todas as escolas devem dispor de um espaço destinado às atividades bibliotecárias, com livros e recursos adequados para sua prática, devendo a leitura ser praticada constantemente. De acordo com essa premissa, a diretora da Escola Francisco Torquato assegura que os alunos têm acesso, sim, “desde que fique registrado no livro da biblioteca”. É procedimento comum que os livros do acervo da escola sejam registrados pelos seus profissionais, objetivando sua devolução.

Enfim, percebe-se que são escolas carentes fisicamente para trabalhar a leitura, sem espaço, sem estrutura adequada e, algumas vezes, com professores sem formação necessária para o trabalho prazeroso com a leitura.

4.3 O BALE e as atividades administrativas e pedagógicas das escolas

Ao entrar nas escolas, o BALE favorece a coletividade, a qual se configura o começo para que se encontrem os resultados de uma administração escolar conforme aprovação da LDB 9.394/96, que acredita numa gestão escolar democrática capaz de envolver todos os segmentos de uma instituição de ensino nas atividades – pais, alunos, funcionários, professores –, proporcionando valores e conhecimentos e capacitando seus alunos a exercerem ativamente sua cidadania (PARO, 2001).

A gestão democrática mostra-se um dos pressupostos da ajuda mútua para a realização de atividades pedagógicas e administrativas. O BALE, por sua vez, incorpora essa ajuda mútua entre os membros voluntários, bolsistas, diretores e professores envolvidos, de modo que se favoreça a elaboração de novas ações de incentivo à leitura junto às escolas. Para tanto, como se percebe na voz da diretora Clenilda, é preciso uma ajuda mútua, em que a administração possibilite as atividades planejadas pelo BALE, que tem a finalidade de formar leitores, conforme já mencionamos. Suas atividades são realizadas com a participação de todos. As escolas e o BALE se complementam, numa parceria que favorece o desenvolvimento de novas atividades de leitura, assegurando o desempenho de propagar e disseminar a linguagem impressa.

Segundo a diretora Clenilda, sua gestão se caracteriza como democrática, o que nos faz entender que todas as atividades são planejadas e colocadas em prática de modo compartilhado. Compreendemos, através de sua fala, que a democracia dentro de uma escola envolve muito mais do que uma gestora acatar as decisões do professor, abrange também o entendimento da necessidade de voz que todos os segmentos de uma instituição escolar possuem, ouvindo suas reclamações e contribuições e, ainda, compreendendo que aquele que fala das suas necessidades contribui para atividades bem planejadas e que atendam a demanda encontrada numa escola carente e quase esquecida pelo poder público. Gerir uma escola democraticamente é criar perspectivas de um ensino-aprendizagem de qualidade, com professores envolvidos na sua própria formação e aprimoramento da sua metodologia e alunos dispostos a aprender e desenvolver-se como leitores.

Entendemos, então, que o papel do gestor escolar é muito mais que o dever fazer. Compreendemos que gerir uma instituição de ensino de modo participativo implica envolver todos os segmentos como responsáveis pelo desempenho educacional de seus alunos. Assim,

durante a entrevista com a diretora da Escola João Escolástico, refletimos, a partir de sua fala, que a comunidade escolar tem participado da tomada de decisões em alguns casos, levando-se em consideração o papel de professor. No entanto, os demais segmentos não foram especificados em sua fala e, até aqui, apenas a intervenção docente foi considerada. Uma gestão democrática, segundo Libâneo (2008, p. 132), deve considerar “a participação da comunidade escolar no processo de tomada de decisão, na construção coletiva dos objetivos e das práticas escolares, no diálogo e na busca de consenso”.

A coletividade se configura como ferramenta para a consolidação de determinadas atividades. Assim, segundo a diretora Lucineide, nos momentos em que o BALE visita a referida instituição de ensino, há um esforço coletivo em volta da organização do ambiente e realização das ações do Programa. Em outras ocasiões, essa articulação acontece sempre que necessário.

As ações realizadas pelo Programa BALE têm proporcionado que os segmentos da comunidade escolar se articulem, atribuindo resultados positivos para a administração escolar e, conseqüentemente, para a atuação docente.

Os alunos se mostram mais disciplinados diante das atribuições sugeridas pelo BALE, que envolvem os alunos de modo tal que, mesmo quando não se fala em leitura, eles a relacionam às atividades desenvolvidas, utilizando-se dos conhecimentos adquiridos nas contações. Para a diretora Lucineide, esse envolvimento vai além da escola, por meio da divulgação feita pelo Programa em redes sociais e outros recursos midiáticos, que divulgam não somente as atividades, mas se configuram também como motivação para que o aluno se dedique ao ato de ler, despertando seu interesse e o gosto pela linguagem impressa.

A articulação entre os segmentos da comunidade escolar acontece de acordo com a necessidade das atividades a serem realizadas. Nos dias de visita do BALE, por exemplo, todos são envolvidos para o bom desempenho da equipe, bem como da escola.

A partir da atuação do BALE nas escolas de Pau dos Ferros, muitos professores inovaram sua prática em sala de aula. Conforme a professora Marilene, “o BALE traz uma luz [...] e mostra que podemos utilizar métodos simples, mas que fazem toda diferença na hora de envolver e incentivar o aluno”. Nessa perspectiva, a direção da Escola Elpídio Chaves acredita que essa iniciativa é uma possibilidade de formação de leitores e uma contribuição para o desempenho do ensino-aprendizagem de professores e alunos, bem como da própria instituição de ensino, que teria os segmentos envolvidos em favor da leitura e de sua constituição leitora.

A interação entre os segmentos da comunidade escolar se dá por meio das atividades realizadas pelo BALE, que, em suas visitas à escola, estimula a cooperação de todos os segmentos em prol do desempenho das ações de Programa. Mesmo compreendendo a importância da interação entre os segmentos da comunidade escolar, constatamos, de acordo com o dito pela professora Gildarci, que a participação da comunidade escolar ainda é insuficiente, embora nos encontros realizados pelo BALE e outros promovidos pela própria escola possa se encontrar um esforço coletivo compartilhado.

Segundo a diretora Jucileide, sua administração escolar apresenta grande influência da atuação do BALE, acreditando que a coletividade e a inovação metodológica são, pois, contributos para que se alcancem os resultados esperados. Acrescenta ainda que a leitura, aliada à indumentária, ao rosto pintado e à consequente caracterização da personagem, estimula a curiosidade e o conhecimento.

As atividades desenvolvidas no contexto escolar demandam a participação ativa de todos os segmentos, de modo compartilhado. Com os esforços coletivos vinculados ao desempenho dessas atividades, os objetivos são alcançados, favorecendo, de igual modo, a escola num todo. Porém, em meio às questões apontadas pela diretora Jucileide durante a entrevista, constatamos que essa prática coletiva ainda não acontece com a frequência necessária, pois se restringe à organização da escola para receber o Programa BALE e, por conseguinte, proceder à realização de suas atividades. Segundo ela, os pais mantêm-se resistentes em participar das ações promovidas pela escola. Assim, enquanto responsável em gerir a referida instituição de ensino, ela assevera que tem alertado a família da importância de sua participação na aprendizagem de seu filho, assegurando que sua presença no contexto escolar se caracteriza como fundamental para o êxito das atividades desenvolvidas, enquanto aluno, professor, gestor e comunidade. Pela fala da diretora Jucileide, é possível perceber que a participação, em geral, é consequência das atividades do BALE, e não uma realidade cotidiana da escola.

Falar da participação dos segmentos escolares deveria ser algo frequente entre os que fazem parte de uma instituição de ensino, mas nem sempre é o que se apresenta na prática. Posto isso, percebemos, por meio da fala da professora Antônia, que as atividades do BALE, antes mesmo de chegarem às escolas, já proporcionam uma democratização de ideias, os esforços são reunidos e os segmentos da comunidade escolar se unem com a finalidade de organizar o espaço destinado a sua apresentação. Apesar de não ter se dado conta dessa interação mútua, a professora assegura que há, sim, uma articulação entre os que compõem a escola.

Questionada sobre a contribuição do BALE para a administração escolar, a então vice-diretora Lucineide admite a relevância do Programa para as atividades desenvolvidas no âmbito escolar e em cada sala de aula. Segundo ela, são formas diferentes de incentivar e envolver-se com o livro.

No que concerne às oficinas de capacitação oferecidas pelo BALE, a diretora Lucineide reconhece sua importância para a formação docente e inovação metodológica, porém, mesmo com os possíveis avanços para o contexto educacional, a Secretaria de Educação não liberou os professores para tal formação. Essa situação contradiz a fala dessa Secretaria, que afirma incentivar e oferecer subsídios para uma formação continuada.

Os contributos oferecidos pelo BALE à administração escolar influenciam no seu modo de atuação, conforme o dito pela diretora Clenilda, ao mencionar que sua gestão não se configura como burocrática, mas preocupada com o pedagógico, com a formação e a interação pessoal. Os resultados adquiridos por meio das atividades realizadas pelo BALE são visualizados gradativamente, sendo, desse modo, o futuro permeado de novos sentidos e perspectivas. Além disso, segundo a fala da diretora Jucileide, a escola também se propaga mediante as atividades de leitura realizadas pelo BALE.

A frequência do BALE é um ponto considerado pela direção, a qual afirma que, apesar da demanda de solicitações, o Programa deveria participar mais vezes do contexto escolar, como forma de incentivar os professores a colocarem em prática a leitura. Segundo a diretora Maria Diniz, em alguns momentos, os docentes não acreditam no poder de inovar e deixam “a peteca cair”. Sua fala assegura que a continuidade das atividades desenvolvidas pelo BALE é fundamental para o desempenho do ensino-aprendizagem.

Do ponto de vista pedagógico, a metodologia utilizada pelo BALE na contação de histórias proporciona uma nova concepção de leitura e um novo entendimento de mundo por parte dos alunos, que passam a ver o livro como algo real e possível, dos diretores e dos professores, que buscam modificar sua metodologia a fim de atenderem as necessidades de inovação do ensino-aprendizagem e da administração. A inovação requer uma formação continuada do corpo docente e da gestão, como forma de preparar esses profissionais para a realização de atividades diversas e trabalhar sua atuação na escola de modo que envolva o coletivo (professores, alunos, pais, funcionários), incentivando-os a participarem da elaboração e execução das atividades planejadas pela escola.

A professora Edibegna se diz influenciada pela prática metodológica utilizada pelo Programa. Suas aulas são pensadas a partir das atividades apresentadas pelos membros do BALE, por interesse pessoal e profissional da docente, que atribui à prática inovadora um

modo de envolver os alunos em cada atividade, os quais se mostram interessados em cada contação. Ela sugere uma continuidade em sala de aula e diz: “a semente é lançada e alguns aproveitam”.

A maneira como os alunos encaram a leitura e as atividades que despertam seu interesse pela linguagem escrita é fundamental para sua formação leitora. A metodologia diferenciada, citada pela diretora Clenilda na sua avaliação do Programa BALE, assegura essa assertiva, acrescentando que os alunos gostam e participam das atividades sem maiores esforços.

As escolas começam a apresentar outras atividades de leitura. A partir das apresentações do BALE, das contações de histórias, com metodologias diferenciadas e indumentárias apropriadas para cada história, os professores e a administração percebem que a realização de atividades de leitura possibilita uma aprendizagem diversificada, uma vez que não se aprende somente o texto que foi lido, mas se apreende um significado bem mais amplo, assim, a interpretação de textos, a compreensão de mundo e a relação com outras áreas de saber se tornam possíveis. De acordo com Sampaio (2010, p. 2), “a leitura do texto literário proporciona aos seus leitores constantes possibilidades de saírem de seu mundo e adentrar noutros muito mais surpreendentes”.

Conforme a diretora Clenilda, em face das atividades que o BALE realiza e da forma como o gestor atua, o professor se apresenta de modo desinibido. A professora Antônia, por sua vez, assegura que se encontrou em meio à diversidade de possibilidades de se trabalhar a leitura, pois as aulas passam a ser mais dinâmicas e interativas, explorando novos assuntos e interagindo com o aluno e, ao mesmo tempo, com a coordenação da escola.

A metodologia, conforme a fala da diretora Maria Diniz, seria um ponto negativo, pelo fato de não apresentar atividades diferentes do que ela já conhece. A esse respeito, vale ressaltar que a metodologia do Programa BALE não representa, realmente, algo diferente do que deveria ser na realidade de cada instituição de ensino e na comunidade, por intermédio das políticas públicas. No entanto, na conjuntura atual, há uma carência de incentivos culturais e, por essa razão, a atuação do BALE é considerada como inovadora por promover o acesso aos livros e à leitura de modo democratizado, impactando, portanto, na prática educacional.

De acordo com a fala da diretora Lucineide, a partir do momento em que o BALE passou a visitar a escola Elpídio Chaves, novos estímulos também se fizeram presentes no âmbito escolar. A contação de histórias e sua metodologia diferenciada são consideradas como ponto positivo pela administração escolar, que passa a desenvolver atividades

semelhantes referentes à leitura e suas interfaces. A diretora afirma que só tem coisas boas a falar a respeito da atuação do Programa BALE: é aprendizagem, é crescimento, é inovação.

Conforme o dito na entrevista de Jucileide e Antônia, a metodologia utilizada pelo BALE se configura como um dos grandes atrativos que chamam a atenção do aluno, fazendo-o participar de cada momento de forma atenta e entusiasmada. O acréscimo da arte musical na metodologia favorece uma aproximação midiática, proporcionando uma maior interação entre o BALE e o público envolvido.

A metodologia utilizada pelo BALE é preponderante para o despertar do interesse, do gosto e do imaginário do aluno, o qual, segundo a professora Gildarci, “quer coisas novas”.

4.4 O BALE e as iniciativas de leitura e escrita nas escolas

Mediante os dados empíricos, percebemos que as escolas – umas mais e outra menos – apresentam novas ações de leitura, por entender os contributos para a formação do sujeito leitor. Dentre as contribuições, cabe ressaltar algumas iniciativas utilizadas na Escola João Escolástico: o Chá da Vovó, que tem a participação de algum familiar na contação de histórias, relatando suas experiências de vida; a *Blitz* da Leitura, que, por sua vez, mobiliza todos os segmentos da escola com a finalidade de realizar um momento de leitura, compreendendo que ela acontece de modo diferenciado e que cada indivíduo fará sua interpretação individual.

Ainda como iniciativa de leitura, segundo diretora Clenilda e a professora Edibegna, a Escola João Escolástico desenvolve outras atividades de fomento à leitura, como o Alfabeto Móvel, em que os alunos podem formar palavras e ler ao mesmo tempo, a Sacola Literária, que dá oportunidade de o aluno escolher e levar o livro para casa, configurando-se atividades variadas que despertam o interesse dos alunos para as próximas leituras. Na sala de aula, a professora Edibegna acrescenta outras estratégias de leitura, como, por exemplo, ciranda da leitura, visitas à biblioteca e correio escolar.

Como percebemos, na Escola João Escolástico, as iniciativas de leitura são constantes, por essa razão, a leitura se estabelece por meio de um conjunto de habilidades. Ela se apresenta através de concepções variadas e pode ser entendida como a possibilidade de transformação social do sujeito envolvido em seu contexto. Entre gêneros e formatos diferenciados, a professora Edibegna vai se adequando à necessidade de aprendizagem de sua

turma, apresentando-se com a intencionalidade de que, ao término do ano, seus alunos tenham compreendido a variedade de características encontradas em cada texto, assim, além de despertarem o gosto pela leitura, possam ter conhecimento acerca dos seus contributos e de sua diversidade.

Com o exposto, compreendemos que para envolver um maior número de pessoas e democratizar o acesso ao livro, despertando o gosto pela leitura, é necessária uma participação mais frequente dos envolvidos nas atividades, ou seja, os alunos não devem esperar uma semana para obter acesso ao livro, pensando a possibilidade de tornar mais frequente esses momentos. Outros livros podem ser solicitados aos alunos, bem como a Sacola Literária, que também pode se expandir, favorecendo, assim, o acesso ao livro de modo democrático.

Sobre a participação dos segmentos da escola, percebemos, de acordo com a voz da diretora Lucineide, que apenas os alunos são envolvidos. Talvez o espaço físico seja motivador para essa impressão. As atividades de leitura desenvolvidas no âmbito escolar se configuram nas rodas de leitura produzidas em sala de aula; quando se pensa em outras atividades acerca do livro e da leitura, são realizadas “salas ambientes”, que disponibilizam livros, contação, filmes, desenhos, pinturas e recortes a partir das histórias contadas. Para a diretora, a estrutura da escola e a falta de biblioteca não contribuem para que mais atividades sejam realizadas.

O ato de ler implica a utilização de livros ou outros meio de propagação da leitura. Nesse sentido, o contato com a linguagem impressa é preponderante para que se adquira o gosto pela leitura e se compreenda sua relação para a formação pessoal e social de cada indivíduo. Assim, mediante a fala da diretora Lucineide sobre o contato dos alunos com o livro, percebemos que este somente é possibilitado a partir do momento em que o professor faz uma solicitação via planejamento. Segundo a referida diretora, os alunos têm acesso aos livros, desde que o professor tenha planejado esse momento, registrando os livros utilizados. Após o uso, procede-se à organização, inserindo-os de volta ao armário, dentro de um depósito. O contato do aluno com o livro passa a fazer parte de um plano que, umas vezes, dá certo, outras não.

A iniciativa do BALE em realizar atividades de incentivo à leitura nas escolas desprovidas de entretenimentos culturais tem proporcionado momentos diferenciados nessas escolas. Nessa perspectiva, os professores veem com bons olhos essa contribuição por parte da universidade, que se aproxima da comunidade, apresentando os resultados do ensino, da pesquisa e da extensão. Os alunos possuem mais histórias para contar e memorar, sua euforia traduz o encantamento pelas atividades desenvolvidas pelo Programa BALE.

No que concerne à melhoria do desempenho escolar, compreendemos, através da fala da professora Antônia, que o BALE tem influenciado a sua atuação em sala de aula. Suas aulas se tornaram mais dinâmicas e ela despertou o interesse de buscar uma formação continuada a fim de trazer melhorias e inovação para sua prática pedagógica. O processo de democratização da leitura tem ocasionado outras situações, pois, além de despertar o gosto pela leitura, o Programa vem proporcionando maior interação entre alunos e professores, bem como a confiança na sua atuação enquanto docente, acreditando ser possível envolver os alunos, em meio às atividades, de modo lúdico e prazeroso.

A leitura, quando obrigatória, não desperta o gosto, o interesse em sua continuidade, e é pensando desse modo que o BALE tem como objetivo incentivar a leitura de modo prazeroso, sem obrigatoriedade. A partir daí, quando o aluno sentir-se motivado e compreender o verdadeiro ato de ler, ele se aproximará do livro e terá despertado seu interesse, buscando novas histórias, diferentes de sua realidade. Segundo o dito pela diretora Maria Diniz, da Escola Francisco Torquato, “o BALE não obriga”, incentiva. A princípio, conforme sua fala, essa liberdade de o aluno decidir se quer ou não participar de tal atividade se configurou como ponto negativo, até entender que não se lê por pressão, e sim por gosto, por vontade e necessidade próprias. O que seria, então, negativo aos olhos da gestora, passa a ser uma característica positiva, segundo nosso entendimento.

A Escola Francisco Torquato tem apresentado algumas iniciativas de leitura como contações de histórias, a partir do contato com o BALE. O conto e reconto são reproduzidos em sala de aula e livros são confeccionados para esse fim.

As atividades de incentivo à leitura que ocorrem na Escola Elpídio Chaves ainda não se configuram como ato frequente, uma vez que, segundo a depoente, o planejamento ainda não acentua a necessidade de se trabalhar a leitura como prática diária. É reconhecida a sua importância, mas há falta de recursos. O Programa Mais Educação poderá, juntamente com o BALE, contribuir para que haja acesso aos livros e atividades de leitura, como parte preponderante na formação do sujeito leitor. Até então, somente o livro e a boa vontade do professor nas suas “rodadas de leitura” não são suficientes, embora se configurem o começo de uma atividade de fomento à leitura.

Reconhecendo a necessidade de se envolver o aluno em meio aos livros, com gêneros e suportes diversificados, segundo a professora Gildarci, são desenvolvidas no âmbito escolar rodas de leitura compartilhada, com a finalidade de despertar o interesse do aluno. Sobre a iniciativa do BALE, a mesma professora reforça o dito pela diretora, declarando que as

atividades de incentivo à leitura contribuem para o desenvolvimento do aluno, tanto na oralidade como na escrita.

Os objetivos do Programa BALE de democratização do livro e da leitura têm originado novas atividades de leitura no âmbito escolar. Conforme a diretora Jucileide, a escola num todo foi incentivada a promover atividades diferenciadas, envolvendo a leitura e suas interfaces. Ela assegura, ainda, que o Programa tem proporcionado não somente uma democratização da leitura, mas também a compreensão de que as oportunidades dependem do esforço de cada um e que não importa o quão distante elas pareçam estar, pois os caminhos se abrem quando resolvemos segui-los. Para a referida diretora, o BALE “é um leque. Abre Portas. [...] E se formos aprofundar a questão, iremos bem mais longe”.

Assim, a direção da Escola Nila Rêgo acrescenta ao planejamento semanal atividades de rodas de leitura desempenhadas em sala de aula, visto que a instituição não disponibiliza de um espaço destinado à biblioteca: “nós não temos uma biblioteca, não funciona”. Para esse fim, os livros disponíveis são guardados em um espaço reduzido e seu acesso é possibilitado conforme o planejamento do professor.

As atividades voltadas para a o incentivo à leitura, segundo Jucileide e Antônia, não envolvem os segmentos da comunidade escolar, uma vez que são atividades individuais, embora se reconheça que os resultados seriam mais produtivos se trabalhados de modo compartilhado.

4.5 Prática leitora das pesquisadas

Quando questionadas a respeito de sua prática leitora, o que ouvimos como resposta nos deixa um pouco preocupadas, tendo em vista que, uma vez despertado o gosto pela leitura, ela deveria se tornar frequente e diversificada, contudo, não é bem essa a realidade encontrada. Algumas entrevistadas leem obras de interesse e profissional, sem que haja uma prática, porém, nessas idas e vindas, os livros de autoajuda são os mais buscados. Não queremos entrar no mérito da validade desse tipo de leitura, na medida em que reconhecemos que são, sim, leitoras. Independentemente da leitura realizada, ela se constitui em contributo para a formação do sujeito leitor.

Sobre as leituras realizadas pela diretora Lucineide, constatamos seu interesse por vários gêneros. Segundo sua fala, de repente, encontra-se lendo um texto que lhe agrada e,

então, conclui a leitura. Questionada acerca dos livros de sua preferência, a referida diretora nos expõe sua primazia por romances, dentre eles, as obras de Sidney Sheldon, bem como livros brasileiros, como poesias e gibis. Sua aproximação com os livros se constitui como incentivo à realização de novas atividades voltadas para despertar o gosto pela leitura da comunidade escolar.

Já a diretora Jucileide aponta para os livros de autoestima, de autores como Augusto Cury, e para outros que versam sobre assuntos da conjuntura atual, um exemplo seriam as obras de José Paulo Paes.

A professora Gildarci, diferentemente das demais, manifesta seu interesse pelos clássicos da literatura infantil, aproveitando o momento para associá-los à sua prática escolar. A cada leitura, são feitas novas interpretações e outras relações entre texto, leitor, autor e contexto. As experiências de vida são envolvidas pelo lido e aprimoradas em sua práxis.

Para incentivar a leitura, é preciso que sejamos, também, bons leitores. Teoria e prática devem caminhar juntas, e é desse modo que a professora Marilene tem proporcionado o interesse de seus alunos pelos livros. Segundo ela, os livros de Augusto Cury e Karl Marx são seus preferidos. Acrescenta ainda que os escritos de Cury a fazem refletir sobre diversos assuntos, mas não necessariamente por se caracterizar como livros de autoajuda, e conclui seu pensamento dizendo: “Eu gosto muito de ler, viu?!”.

Faz-se necessário que as professoras sejam também leitoras e demonstrem interesse acerca do mundo da literatura. Posto isso, por meio da entrevista, constatamos que a professora Gildarci não se preocupa em inovar o acervo de suas leituras, bem como as direcionadas aos alunos. Segundo ela, de modo particular, suas leituras são relativas aos textos discutidos em sala de aula, os quais se encontram entre reflexivos e informativos. Ela acrescenta seu interesse por contos e fábulas da literatura clássica e afirma, ainda, que os alunos já conhecem de cor. Então, se os alunos, principais interessados, já conhecem as referidas leituras, questionamos: não seria esse o momento de inovar? Onde ficam as ideias do BALE?

Entendemos que o leitor tem o direito de ler aquilo que lhe agrada e de continuar, ou não, essa leitura. Nesse sentido, quando falamos sobre a prática leitora da atual gestora da escola Francisco Torquato, ela assinala seu interesse pelo ato de ler e acrescenta suas preferências, que vão desde as obras de Augusto Cury a Paulo Freire, por conta de sua escrita, que envolve relações pessoais as quais se assemelham muitas vezes ao sujeito leitor.

Em geral, a prática leitora das entrevistadas (diretoras e professoras) está voltada para livros¹⁷ de autoajuda, didáticos e literatura infantojuvenil. Duas delas afirmaram ler Marx e Paulo Freire. Nessa perspectiva, o fato de nenhuma das entrevistadas ter demonstrado interesse pela leitura de jornais e revistas despertou-nos a curiosidade.

4.6 O BALE e os impactos educacionais

Nossa pesquisa procura verificar em que o Programa tem impactado os resultados do IDEB das Escolas Francisco Torquato, Nila Rêgo, Elpídio Chaves e João Escolástico, as quais foram atendidas pelo BALE entre 2007 e 2012. O atendimento a elas permanece até os dias atuais. Já vimos no primeiro tópico deste capítulo que duas escolas não sofreram alterações em seus índices e duas atingiram e, às vezes, até chegaram a superar as metas projetadas. Para explicitar o exposto, segue o quadro abaixo:

ESCOLA	IDEB/META 2007	IDEB/META 2009	IDEB/META 2011
Escola Municipal Profa. Nila Rêgo	2.6/2.6	3.5/2.9	3.8/3.3
Escola Municipal Francisco Torquato	2.3/3.7	2.8/4.1	3.0/4.5
Escola Municipal Elpídio Virgínio Chaves	- ¹⁸	3.8/ ¹⁹	4.1/4.1
Escola Estadual João Escolástico	2.2/3.3	3.0/3.6	3.0/4.0

Quadro 1 – Evolução do IDEB nas escolas atendidas pelo BALE – 2007 a 2011

Fonte: Portal do IDEB

Constatamos, a partir do quadro 1, que a Escola Municipal Nila Rêgo apresenta seus índices numa ordem crescente, ou seja, em 2007 seu IDEB coincidiu com a meta projetada. Em 2009, o índice foi superior ao de 2007, bem como a meta projetada. Em 2011, a mesma situação se repete. Já a Escola Municipal Francisco Torquato demonstra que seu desempenho educacional está aquém da meta esperada, superando a estimativa das outras escolas em cada ano. Assim, seus índices indicam que, embora abaixo das metas, há uma elevação, saindo de 2.3 em 2007 para 3.0 em 2011. Por sua vez, a Escola Municipal Elpídio Chaves apresenta o

¹⁷ A aquisição dos livros citados pelos professores se configura por meios diversos, sendo adquiridos em revistas de pedidos da Avon, outras vezes em livrarias, ou ainda emprestados por colegas e bibliotecas. Algumas leituras são realizadas através dos livros disponibilizados pelo BALE.

¹⁸ Número de participantes na Prova Brasil insuficiente para que os resultados sejam divulgados.

¹⁹ O IDEB não divulgou a meta projetada para este ano.

melhor desempenho entre as escolas pesquisadas. A Escola João Escolástico não alcançou o rendimento educacional projetado pelo IDEB, apresentando no ano de 2007 um índice de 2.2; em 2009 apresentou o índice de 3.0; e, em sua última avaliação no ano de 2011, a média permaneceu igual – 3.0 –, não coincidindo ou superando seus níveis pela meta projetada para o crescimento do ensino de educação básica, mas, ainda assim, apresenta um crescimento singular no decorrer das avaliações, como consta nas tabelas do primeiro tópico deste capítulo. As metas são o incentivo de aprimoramento da prática escolar, porém não podem caracterizar a inferioridade do ensino a partir dos resultados que não atendem ao estabelecido pelo IDEB.

A partir das falas da diretora Clenilda e da professora Edibegna, percebemos que as duas concordam ao tratar do seu próprio crescimento a partir das experiências compartilhadas com o BALE. Sobre o impacto do Programa nas escolas, a coordenadora do BALE assegura: “O impacto maior é na visão da própria concepção de leitura, concepção de livro, concepção de educação, de biblioteca, de como formar leitores. O maior impacto é esse”. Já para Clenilda, o maior impacto educacional é o modo diferenciado de se trabalhar a leitura e a aproximação dos pais à comunidade escolar. Para Edibegna, entretanto, o impacto se constitui na maior participação dos alunos e dos segmentos escolares, e sugere que na semana pedagógica de planejamento do calendário escolar as atividades do BALE sejam incluídas.

Os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da Escola João Escolástico são consequência do esforço coletivo do aluno e do professor, em que parte desse resultado é atribuída ao incentivo à leitura oferecido pelo BALE e, consequentemente, pelo contexto escolar. O BALE, segundo a professora Edibegna, contribui, sim, levando-se em consideração que, ao se incentivar o gosto pela leitura, o aluno vai despertar seu interesse por outras áreas do saber, adquirindo, pois, novos conhecimentos. A contribuição, nesse caso, acontece tanto de forma direta e quanto indireta.

Os impactos do BALE são percebidos no dito pela professora Gildarci, quando esta assegura que em reuniões os comentários sobre o Programa certificam que suas ações têm apresentado resultados positivos nas salas de aula, bem como na própria instituição de ensino, quando as atividades são reproduzidas.

Os impactos educacionais causados pelo BALE vêm sendo demonstrados por meio da fala das entrevistadas, quando reconhecem que o Programa estimula a leitura dos alunos. A diretora Jucileide certifica que “durante o tempo de experiência que tenho, nunca tinha visto um projeto assim. Com todo esse incentivo, esse empenho”. Percebe-se que as comunidades desprovidas de incentivos culturais começam a encontrar sentido nas atividades realizadas

pelo BALE, suas ações compartilhadas têm proporcionado uma reciprocidade na relação escola/universidade, em que, na ocasião, o incentivo à leitura e o ensino-aprendizagem acontecem simultaneamente.

De acordo com essa premissa, o BALE se constitui como exemplo para a elaboração de outras ações de incentivo à leitura, envolvendo também outras áreas do saber. São reflexos das possibilidades de desenvolvimento quando há acesso ao livro. No que diz respeito à influência trazida pelo BALE, a gestora Jucileide acentua que sua administração é baseada na metodologia utilizada pelo Programa: “é uma ideia que dá certo!”. Ou seja, fundamenta-se no princípio da colaboração, do coletivo.

O BALE, de acordo com os depoimentos das pesquisadas, tem causado um impacto educacional na cidade de Pau dos Ferros. Sua iniciativa de incentivar a leitura por meio do acesso ao livro e da contação de histórias desperta a atenção dos educadores e dos aprendizes. Com efeito, sua atuação se configura como impacto, levando-se em consideração a realidade enfrentada pelas escolas atendidas e a ausência de políticas públicas de incentivos culturais e lazer, tornando as atividades do Programa uma ação inovadora, nunca antes vista. Não fossem as condições impostas pela realidade carente das escolas em questão, atividades semelhantes de fomento à leitura poderiam ser pensadas e fazer parte da prática cotidiana das professoras.

No que se refere aos resultados apontados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, verificamos, por meio das contribuições da fala das diretoras, que as atividades realizadas pelo BALE têm contribuído para o melhor desempenho dos alunos, uma vez que eles despertam o interesse pela leitura nos mais variados gêneros textuais. Essa prática é preponderante para a aprendizagem, principalmente daqueles oriundos de bairros carentes, os quais, muitas vezes, são esquecidos pelo poder público.

Para a coordenadora do Programa, o maior impacto ocasionado pelo BALE nas escolas consiste na

[...] forma de o sujeito ver o livro. [...] Acho que essa cultura do livro já tem mudado, de saber que o aluno pode pegar o livro, que o livro é um objeto de consumo, que ele vai um dia estragar, que vai um dia sair de circulação [...].

Concordamos com a coordenadora do BALE, quando afirma que o maior impacto reside na forma de o sujeito lidar com o livro e a leitura, porque, do ponto de vista dos dados estatísticos (IDEBs), não conseguimos perceber uma influência direta na elevação da

qualidade de ensino. Das quatro escolas, apenas duas apresentaram, conforme já citamos, resultados que superaram suas metas estabelecidas. A partir dos contributos oferecidos pelo BALE, os alunos têm despertado seu interesse por leituras até então desconhecidas, uma vez que, por fazerem parte de uma comunidade desprovida desses bens, ficam muitas vezes à margem das transformações socioculturais.

Segundo a professora Marilene, a oportunidade de participar de cada contação de histórias é única, visto que as crianças não conhecem outras realidades que não sejam suas próprias, não trazem em sua experiência de vida o imaginário descrito nas entrelinhas de cada livro. Suas experiências de vida se aprofundam no sentido contrário, isto é, nas dificuldades enfrentadas, na falta de oportunidades, no esquecimento da sociedade.

Ouvir histórias é conhecer outros mundos e outras realidades, é sentir emoções diversas e reviver outras já esquecidas. Assim, nesse amontoado de possibilidades, a professora Antônia acrescenta sobre essa assertiva, dizendo que os alunos se lembram de cada encontro e história, reforçando: “se lembram, é porque marcou!”. Conforme Antônia, nessa perspectiva em que as memórias dos alunos contribuem para sua aprendizagem é que alguns conteúdos poderiam ser trabalhados em forma de “contação”, estimulando o imaginário e despertando a curiosidade do aprendiz. A influência do BALE se configura, pois, inovação metodológica na sala de aula. “A gente vai descobrindo aos poucos”, acrescenta.

A educação se apresenta em diversas formas, sendo aprendizagens adquiridas a partir tanto das experiências de vida como do ensino formal. Nesse sentido, acompanhando as transformações tecnológicas na conjuntura atual, faz-se necessário agregar a práxis pedagógica em meio a essa inovação. Posto isso, a professora Antônia relaciona os contributos do Programa BALE ao contexto educacional de Pau dos Ferros, acreditando que os professores deveriam aproximar seus educandos do meio acadêmico, de modo que eles possam conhecer e compreender a importância do ato de ler e envolver-se no mundo literário, entendendo-o como possibilidade de inserir-se no meio social, de forma autônoma e consciente.

A diretora Clenilda e a professora Edibegna asseguram que o modo inusitado de se apresentar a leitura desperta a curiosidade da criança e o gosto pela leitura, que em tempos passados era concebida como obrigatoriedade e, portanto, pouco praticada.

Com relação às contribuições do BALE para o rendimento na aprendizagem do aluno e, por conseguinte, à influência nos resultados divulgados pelo IDEB, compreende-se, por meio da fala da professora Gildarci, que a continuidade das ações do Programa poderá representar uma contribuição mais precisa mediante a sua frequência. Conforme seu

depoimento, ela diz não saber expor muito bem a respeito dessa contribuição, uma vez que pouco participa das atividades realizadas pelo BALE.

De acordo com o dito pela professora Marilene, “as pessoas estão começando a ter mais acesso aos livros” e, a isso, “podemos chamar de democratização da leitura, sim”, acrescenta. Muitas escolas não disponibilizam de um acervo bibliográfico, nem ao menos um espaço destinado a esse fim. Diante desse pressuposto, as atividades de leitura são viabilizadas de acordo com o planejamento.

As expectativas acerca do Programa BALE são grandes e compartilhadas com outras instituições de ensino, seus contributos são divulgados na euforia do feito, através das contações de histórias, para que mais pessoas tenham conhecimento das atividades desenvolvidas por meio da extensão universitária. A diretora Jucileide declara: “é uma novidade excelente! [...] É um programa bem centralizado, bem atuante!”.

As contribuições no que diz respeito à leitura, e a consequente aprendizagem dos alunos, são também atribuídas ao BALE, não desconsiderando o trabalho do professor em sala de aula, mas acrescentando-se à sua prática. A contação de histórias e os temas trabalhados influenciam o saber ouvir de cada aluno. Eles passam a participar das atividades sem muito esforço, a timidez tem ficado de lado e portam-se com mais disciplina, conforme o dito pela direção da Escola Francisco Torquato, acrescentando, ainda, que a atuação do BALE contribui, de igual modo, para sua administração, uma vez que os alunos e os professores se sentem mais confiantes e envolvidos na busca pelo ensino-aprendizagem.

As atividades de incentivo à leitura – conto e reconto – permitem que os alunos desenvolvam a oralidade. A cada momento em que participavam do reconto, sentir-se como participante e igual aos demais se mostrava também um estímulo para uma maior interação e participação. O modo como se aplica determinada atividade é preponderante para que haja resultados positivos, desse modo, segundo a fala da diretora Maria Diniz, a metodologia utilizada pelo BALE é considerada diferenciada, mas não inovadora, tendo em vista que ela já conhecia essa prática.

Promover acesso ao livro e desenvolver o gosto pela leitura são fundamentais para que as crianças, os jovens e os adultos se aproximem da cultura letrada, cabendo à escola desenvolvê-la e aprimorá-la. Fazendo um paralelo com o pensamento de Bourdieu (1998), a cultura letrada da qual estamos falando tem relação com o que esse autor denomina de capital cultural. Para ele, o capital cultural ou os bens culturais surgem da necessidade de se compreender, também, as desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos, vindos de diferentes grupos sociais. Se quisermos traduzir essa ideia, podemos afirmar que, quanto mais

desprovida a comunidade for de bens culturais, menor o desempenho escolar. Aqui, podemos questionar até que ponto os baixos índices das escolas de Pau dos Ferros têm a ver com o pouco acesso aos bens culturais.

Nesse sentido, os bens culturais podem ser entendidos como o acesso aos livros, pinturas, arte e diversas manifestações. Quando se tem a oportunidade de acessar os bens culturais, os sujeitos vão se dando conta da reflexão necessária e crítica da sociedade em que estão inseridos. O livro e sua diversidade de gêneros textuais se constituem como bem cultural e, nesse sentido, como a inserção do sujeito leitor no meio social, sendo capaz de responder por seus atos com autonomia e criticidade.

Assim, espera-se que a escola possa assegurar o acesso à educação de modo justo e democrático, garantindo a igualdade de oportunidades. A educação escolar, segundo Bourdieu (1998), é uma forma de capital cultural, assim, a participação dos segmentos da escola deve envolver funcionários e alunos, oriundos ou não de classes populares, para que não se reproduza o sistema de capital acumulado que exclui os menos favorecidos.

Por fim, o acesso à educação consiste num direito constituído e deve vir acompanhado de iniciativas culturais que permitam que os sujeitos conheçam e compreendam sua realidade. Essa compreensão incide a partir da fala da diretora Jucileide, a qual assegura que as atividades desenvolvidas pelo Programa BALE envolvem os alunos do modo que eles gostariam que acontecesse todos os dias, sentindo-se como parte do todo, e não à margem dos acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da escrita deste trabalho de pesquisa foi motivada com o objetivo de analisar os impactos educacionais em escolas públicas da cidade de Pau dos Ferros, ocasionados mediante as atividades de fomento à leitura realizadas pelo Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), bem como os contributos para sua democratização.

Para tanto, sua construção metodológica de natureza qualitativa possibilitou a realização de entrevistas semiestruturadas num primeiro momento com quatro diretoras, quatro professoras, a secretária municipal de educação de Pau dos Ferros e a coordenadora geral do BALE. Após as transcrições, os dados construídos foram convertidos em narrativas, o que acabou caracterizando a entrevista como reflexiva, uma vez que houve a necessidade de as entrevistadas revisitarem seus escritos, bem como fazerem seus acréscimos e ajustes. A opção, no meio do processo, por essa metodologia ocorreu devido à riqueza dos dados empíricos, pois consideramos que seria preponderante para a construção dos resultados a apresentação dos escritos das entrevistadas em sua totalidade, e não em fragmentos, como comumente se vê em pesquisas educacionais.

Do primeiro capítulo, que trata dos percursos e aparatos legais sobre a leitura, compreendemos que os avanços para a democratização do acesso ao livro e ao texto literário foram constantes e envolveram um grande número de pessoas, no entanto, embora o livro venha se aproximando do sujeito leitor, o que se percebe é que as iniciativas de fomento à leitura ainda não fazem parte da prática escolar, como deveria acontecer. Mesmo com a Lei 9.169/2009, que dispõe da obrigatoriedade de um espaço destinado à biblioteca e suas atividades, das escolas pesquisadas, apenas uma se aproxima dessa realidade, as demais possuem um pequeno acervo que somente é disponibilizado aos alunos conforme planejamento pedagógico.

No segundo capítulo, por sua vez, percebemos resultados mais concretos por meio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que tem aproximado a sociedade das atividades universitárias. O BALE, como atividade extensionista, tem envolvido não somente os alunos da graduação, mas também outras pessoas da comunidade, bem como as escolas de Pau dos Ferros e cidades circunvizinhas, favorecendo o acesso ao livro e à leitura, constituindo-se como contributo para o desenvolvimento do sujeito leitor e sua

democratização. Como o BALE é uma contribuição social para Pau dos Ferros e cidades do Alto Oeste, seu financiamento poderia ser mais ágil, pois, segundo a coordenadora, a corrida anual aos editais mostra o quão difícil é realizar extensão e pesquisa na nossa sociedade. Por outro lado, se não fosse a participação do BALE nos editais públicos e privados, certamente não seria possível sua concretização durante esses sete anos. De qualquer modo, como o acesso à leitura se trata de uma política pública, a Prefeitura Municipal de Pau dos Ferros bem como as prefeituras das demais cidades envolvidas poderiam ser as principais financiadoras do BALE, considerando que os beneficiários do Programa são os alunos das escolas e a comunidade em geral.

Posto isso, consideramos que os objetivos deste trabalho foram atendidos, assim como a questão de partida foi respondida, na medida em que compreendemos os impactos provocados pelo BALE nas escolas de Pau dos Ferros. O principal impacto não se revela necessariamente nos Índices de Desenvolvimento da Educação Básica, já que, das quatro escolas pesquisadas, duas delas mostraram avanços nesses índices, mas não superaram as metas projetadas, e nas outras duas os índices superaram suas metas. Portanto, cabe relativizarmos os impactos do BALE nesse aspecto.

Se o principal impacto não reside no IDEB, por outro lado, percebemos que houve influências de natureza coletiva, pedagógica, administrativa e motivacional para os alunos e os pais. Diante disso, cabe elegermos os principais impactos resultantes de nossa pesquisa:

- ✓ Os diretores e professores inovam sua metodologia de trabalho a partir das influências do BALE;
- ✓ Os diretores percebem a necessidade do trabalho coletivo;
- ✓ Os professores compreendem a necessidade e a possibilidade de inovar sua prática docente;
- ✓ Os alunos se sentem motivados e se mostram mais envolvidos e participativos no ensino-aprendizagem;
- ✓ Os segmentos da comunidade escolar se unem em torno de objetivos comuns: democratizar e desenvolver o gosto pela leitura;
- ✓ A família passa a se aproximar do contexto escolar e a participar das atividades promovidas pelo BALE na escola em que seus/suas filhos/as estão matriculados/as.

Com esta pesquisa, diante de todas as iniciativas do poder público e da universidade, enquanto extensão para a democratização da leitura, percebemos que as escolas ainda não respondem às exigências de assegurar um espaço adequado para o desenvolvimento das atividades relativas à leitura. As escolas permanecem realizando atividades de leitura

ocasionais, exemplo disso é quando o BALE vai até às escolas. O gosto pela leitura não é ocasional, traduzido apenas em eventos, mas um processo contínuo que requer o estímulo da escola e da família.

As políticas de democratização da leitura foram criadas, as iniciativas se expandiram, chegaram ao conhecimento do povo e sua materialização adentrou os espaços escolares. Livros e cursos de formação para os mediadores da leitura foram ofertados, os recursos financeiros foram destinados para melhoria das estruturas que designariam seu espaço para esse fim, mas, como no Brasil, em geral, os recursos públicos nem sempre são utilizados devidamente, o que se consta nas escolas pesquisadas é que seus espaços para leitura são insuficientes e inadequados.

Quando seremos um “país de leitores”, e não um “país do futuro”? A leitura na realidade brasileira precisa ser prioridade. Desenvolver o gosto pela leitura é um desafio posto pela sociedade na contemporaneidade. Não basta um programa que distribua livros em grande quantidade e variedade de conteúdos. Faz-se necessário formar leitores, o que demanda a continuidade de uma formação primeira, ou seja, a formação dos professores e dos gestores, como também a continuidade de políticas direcionadas para esse fim, dentro e fora do âmbito educacional.

Para finalizar este trabalho, vale salientar que fazer pesquisa não é fácil. Nesse período de elaboração de dissertação, fomos confrontados em meio às dificuldades, (des)ânimos e expectativas. Muitas vezes, as expectativas são frustradas porque nem sempre o texto sai como gostaríamos.

O decorrer do processo de construção, por vezes, foi questionado, mas, como aprendizes que somos, imaginamos as possibilidades e vislumbramos as saídas. Talvez todo esse processo seja mesmo necessário para nosso crescimento como pesquisador. Nossa capacidade intelectual se desenvolve, as experiências se aprimoram, o iniciante passa a ser veterano, logo, cria e recria outras perspectivas. Todas as leituras realizadas, toda compreensão acerca da leitura e suas possibilidades se constituem em contributos não somente para a construção desta dissertação, mas também para o entendimento da própria formação. Envolvemo-nos no imaginário possível, acreditamos nas incertezas e conhecemos outras histórias também associadas a nossa experiência recém-adquirida.

Escrever é isso! É preencher uma página inteira e, de repente, não visualizar nenhuma. É aprender, compreender e apreender um amontoado de informações novas. É nos constituirmos sujeitos melhores individual, coletiva e profissionalmente. É, por fim, ter em mãos um trabalho seu em parceria com outrem, que esteve ao seu lado e te fez perceber que o

conhecimento se constrói aos poucos e de modo compartilhado. É sorrir discretamente, compreendendo que as dificuldades se configuraram em possibilidades de crescimento e amadurecimento.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- AMARILHA, M. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: a leitura crítica na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Tradução e revisão de Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ALMEIDA, L. R. R. de. PEREIRA, T. M. A. Como vai a leitura literária nas escolas estaduais? In: SANTA ROSA, C. **A leitura literária na escola pública Potiguar**. Natal, RN: Ide, 2011.
- BARBOSA, J. G.; SICARDI, B. C. M. **Cadernos de Educação**: reflexões e debates. São Bernardo do Campo: Metodista, 2008. n. 15.
- BARBOSA, J. G.; HESS, R. **O diário de pesquisa**: o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Líber livro, 2010.
- BENEVIDES, M. V. Educação para a cidadania e em direitos humanos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 9., 1998, Águas de Lindóia. **Anais II**: olhando a qualidade do ensino a partir da sala de aula. Águas de Lindóia, Feusp, 1998. v. I, p. 165-167.
- BEZERRA, S. S. **Coordenação pedagógica no espaço não escolar**: o caso do SEBRAE/RN. UERN/Pau dos Ferros/RN. 2010. p. 37-40.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos sobre educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-80.
- BRASIL, Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. **PROLER**: Concepções e diretrizes. Brasília, 2009.
- _____. Ministério da Educação. **Assembleia Legislativa - Lei nº 9.169**, de 15 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.escolasleitoras.org.br/pelle-lei-estadual-9169.php>>. Acesso em: 06 jul. 2012.
- _____. **Constituição de 1934**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7%C3%A3o34.htm> Acesso em: 18/07/2013.

_____. LBD. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 18 jul. 2013.

_____. **Constituição de 1988**. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988>> Acesso em: 18 jul. 2013.

_____. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. Ministério da Cultura. Lei n. 10.753 de 30 de Outubro de 2003. **Institui a Política Nacional do Livro**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/2003/L10.753.htm>. Acesso em: 22 jun. 2013.

_____. Ministério da Cultura; Ministério da Educação; PNLL. **Plano Nacional do Livro e Leitura: Vivaleitura 2006-2008**. Brasília: MINC, 2006. Disponível em: <http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/images/pnll_download.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2013.

_____. **Fundação Biblioteca Nacional**. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=11> Acesso em: 07 ago. 2013.

CHANTAL, H.-L.; SEGRÉ, M. **Sociologia da leitura**. Tradução de Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHIRALDELLI JÚNIOR, P. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DE FRANCO, Augusto. **A revolução do local: globalização, glocalização, localização**. Brasília: AED; São Paulo: Cultura, 2003.

DOHNE, Vânia. **Técnicas de contar Histórias**. São Paulo: Informal, 2000.

FERREIRA, Sandra P. A.; DIAS, Maria da Graça B. A escola e o ensino da leitura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49, 2002.

FISCHER, S. R. **História da leitura**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

FÓRUM Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Documento Final do I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 1987. In: GARRAFA, Volnei. **Extensão: a universidade construindo saber e cidadania**. Relatório de atividades 1987/1988. Brasília: Editora da UNB, 1989.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 22).

IMBERNÓN, F. (Org.). **A educação do século XXI**: aos desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – IDEB. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/home.seam?cid=1057648>>. Acesso em: 10 maio 2012.

INSTITUTO C&A [realização]; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil [apoio]. **Nos Caminhos da Literatura**. São Paulo: Petrópolis, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/portal-ideb>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2009.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2004.

MARQUES NETO, J. C. Introdução: ano Ibero-americano da Leitura, o ano que não deve acabar. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Políticas públicas do livro e leitura**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Extensão Universitária no Brasil: uma revisão conceitual. In: FARIA, Doris Santos (Org.). **Construção Conceitual da Extensão na América Latina**. Brasília. Editora da UNB, 2001.

OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO DO RN: levantamento sobre o número de bibliotecas escolares no Rio Grande do Norte. Natal, agosto de 2013. Disponível em: <www.observatoriodaeducacaodorn.org.br>. Acesso em: 09 jul. 2013.

OLIVEIRA, I. B.; HOUSSAYE, J. *et al.* (Org.). **Democracia no cotidiano da escola**. Petrópolis: DP; Brasília: CNPq, 2009.

OLIVEIRA, D. P. W. **Políticas públicas de fomento à leitura**: política nacional, agenda governamental e práticas locais. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo). Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2011.

PARO, V. H. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

_____. **Crítica da estrutura da escola pública**. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, J. A. A literatura no tear das práticas lúdicas e formadoras do ser. In: PINHEIRO *et al.* **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA – PNLL. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

PONTES, V. M. A. Espaços de leitura: concepção, identidade, visibilidade e dinamização. In: SANTA ROSA, C. **A leitura literária na escola pública potiguar**. Natal: Ide, 2011. p. 79-92.

PONTES, V. M. A. **O fantástico e maravilhoso mundo literário infantil**. Curitiba: CRV, 2012.

PRÊMIO VIVALEITURA. Disponível em: <www.premiovivaleitura.org.br>. Acesso em: 20 jun. 2013.

PROGRAMA ARCA DAS LETRAS. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://portal.mda.gov.br/portal/sra/programas/arcadasletras>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

PROJETO BALE. Disponível em: <http://projetobaleuern.blogspot.com.br/p/sobre-o-bale_16.html>. Acesso em: 25 mar. 2012.

PROLER. **PROLER**: concepções e diretrizes. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009. Disponível em: <<http://www.bn.br/proler/images/PDF/cursos3.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

PUCCI, B. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. **Impulso**, Piracicaba, . p. 33-42, 1991.

RANGEL, J. N. M. **Leitura na escola**: espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Mediação, 2009.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. Colaboradores José Augusto de Souza Peres *et al.* 3. ed. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

RUSSO, M. H. Contribuições da Administração escolar para a qualidade de ensino. In: BAUER, Carlos *et al.* **Políticas educacionais e discursos pedagógicos**. Brasília: Líber Livro, 2007.

SABATTINI, J. C. S. **Metodologia da pesquisa**. São Paulo, 1989.

SAMPAIO, M. L. P. **Gêneros textuais orais e escritos no ensino de língua materna**: metas e contextos de uso. Brasília: Anais ABRALIN, 2006.

SAMPAIO, M. L. P.; MASCARENHAS, R. O. **Projeto BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas**: ação conjunta entre o BNB, o GEPPE e a comunidade pau-ferrense. Pau dos Ferros: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2007.

_____. **Relatório Projeto BALE**: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. 1. ed. Ação conjunta entre o BNB, o GEPPE, PROEX/UERN e a comunidades pau-ferrense. Pau dos Ferros/RN, 2007.

_____. **Relatório Projeto BALE**: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. 2. ed. Ação conjunta entre o BNB, o GEPPE, PROEX/UERN e a comunidades pau-ferrense. Pau dos Ferros, 2008.

_____. **Relatório Projeto BALE**: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. 3. ed. Ação conjunta entre o BNB, o GEPPE, PROEX/UERN e a comunidades pau-ferrense. Pau dos Ferros, 2009.

_____. **Relatório Projeto BALE**: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. 4ª ed. Ação conjunta entre o BNB, o GEPPE, PROEX/UERN e a comunidades pau-ferrense. Pau dos Ferros, 2010.

_____. **Relatório Projeto BALE**: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. 5ª ed. Ação conjunta entre o BNB, o GEPPE, PROEX/UERN e a comunidades pau-ferrense. Pau dos Ferros, 2011.

_____. **Projeto BALE**: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. 6. ed. Pau dos Ferros/RN, 2012.

_____. **Relatório de Atividade de Extensão – SIGProj – Edital Ações Voluntárias de Extensão da UERN**. 2012, 2013.

_____. **Programa BALE 7ª Edição**: “Ponto BALE_CTI_EB – Entre Canteiros da Leitura e Produção” (FAPERN/CNPq/CAPES), 2013.

SANTA ROSA, C. **A leitura literária na escola pública Potiguar**. Natal: Ide, 2011.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SANTOS, M. A. P. *et al.* (Org.). **Democratização da leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

SANTOS-THÉO, I. O. O ato de ler. **Revista de educação CEAP**, Salvador, ano 11, n. 41, jun. 2003.

SARAMAGO, J. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 125.

SARAVIA, Enrique; FERRAREZI (Org.). **Políticas Públicas**. Coletâneas v. 1. Brasília: ENAP, 2006.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981. (Coleção educação contemporânea).

_____. **Leitura e realidade brasileira.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. **Elementos de pedagogia da leitura.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Coleção Texto e linguagem).

SILVA, F. J. G.; SCHENDER, K. W.; FOUQUET, M. C. S. **Extensão Universitária e Formação do Professor no Ensino Superior: questões em aberto.** In: CONGRESO ARGENTINO Y LATINOAMERICANO DE POSTGRADOS EN EDUCACIÓN SUPERIOR, 1., 2010, San Luis - Argentina. Postgrados en Educación Superior: Política, gobierno y gestión. San Luis, Argentina, 2010. Disponível em: <http://rapes.unsl.edu.ar/congreso_2010/Rapes2010/04-Silva,%20Franciele.pdf> Acesso em: 05 jul. 2013.

SOARES, M. B. Um jogo que vale a pena: democratizar a leitura literária. In: SANTOS, M. A. P. S. dos. **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas.** Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 9-16.

_____. Leitura e Democracia Cultural. In: SANTOS, M. A. P. S. dos. **Democratizando a Leitura: pesquisas e práticas.** Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 17-34.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SGUISSARDI, V. (Org.). **Universidade Brasileira no século XXI.** São Paulo: Cortez, 2009.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília: Plano, 2002.

TEIXEIRA, C. E. J. **A Ludicidade na escola.** São Paulo: Loyola, 1995.

TEIXEIRA, E. G.; TEIXEIRA, M. C.; VILAÇA, P. L. Três perspectivas sobre projeto de extensão universitária: sala de situação da criança e do adolescente. **Lato e Sensu**, Belém, v. 4, n. 1, p. 3-5, out. 2003.

TRAJANO, Rosângela. **Efeitos educacionais e terapêuticos da contação de histórias.** 2007. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/files/publications/29/171108/pdf.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2007.

VILLARD, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

YUNES, E.; OSWALD, M. L. (Org.). **A experiência da leitura.** São Paulo: Loyola, 2003.

YUNES, E. **Por uma Política Nacional de Leitura**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1992.

YUNES, E. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009.

ZILBERMAN, R. A leitura na escola. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

APÊNDICES

Roteiro das Entrevistas
Tabela das Edições do BALE



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA – Diretores das Escolas atendidas pelo BALE

- 2 O que você acha da iniciativa do Programa BALE?
- 3 Você acha que o BALE tem contribuído para a melhoria da administração escolar? De que forma?
- 4 Quais são as outras contribuições que você atribui ao BALE?
- 5 Que avaliação você faz da metodologia utilizada pelo BALE? Houve alguma influência para sua atuação na direção? Quais?
- 6 Quais são as atividades de incentivo à leitura na escola?
- 7 Como se dá a participação de todos os segmentos da comunidade escolar nessas atividades?
- 8 Que tipo de leitura você costuma fazer? Quais?
- 9 O Programa BALE tem contribuído para articular os segmentos da comunidade escolar? De que forma?
- 10 Aponte alguns pontos positivos e negativos para sua atuação na administração da escola a partir do momento que o BALE passou a visitar essa instituição.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA – Professores das Escolas atendidas pelo BALE

1. O que você acha da iniciativa do Projeto BALE?
2. Você acha que o BALE tem contribuído para a melhoria do desempenho escolar? De que forma?
3. Que outras contribuições você atribui ao BALE?
4. Que avaliação você faz da metodologia utilizada pelo BALE? Houve alguma influência para sua atuação em sala de aula? Quais?
5. Quais são as atividades de incentivo à leitura na escola?
6. Como se dá a participação de todos os segmentos da comunidade escolar nessas atividades?
7. Que tipo de leitura você costuma fazer, fora os livros didáticos? Quais?
8. O Projeto tem contribuído para articular os segmentos da comunidade escolar? De que forma?
9. Apronte alguns pontos positivos e negativos para sua atuação em sala de aula a partir do memento que o BALE passou a visitar essa instituição.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA - Secretária Municipal de Educação de Pau dos Ferros/RN

1. Que impactos educacionais o BALE tem causado na cidade de Pau dos Ferros?
2. O que acha do Programa BALE nas escolas de Pau dos Ferros?
3. Que avaliação você faz da metodologia utilizada pelo BALE?
4. Como a Secretaria de Educação acompanha as atividades do BALE?
5. Em que a Secretaria de Educação contribui para a consolidação do Programa BALE nas escolas de Pau dos Ferros?
6. No âmbito da Secretaria de Educação, há outras iniciativas de incentivo à leitura? Quais?
7. O resultado do IDEB tem alguma relação com as atividades realizadas pelo Programa BALE?
8. Aponte alguns pontos positivos e negativos do Programa BALE.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA – Coordenadora/Proponente do BALE

- 1- Como nasceu a ideia de elaborar o Projeto de Extensão BALE?
- 2- Quais as expectativas que você tinha na elaboração do Projeto BALE?
- 3- Quais as contribuições que você atribui ao BALE na escola?
- 4- Que avaliações faz da metodologia do BALE?
- 5- Quais os pontos positivos e negativos do Projeto?
- 6- Imaginou que o Projeto BALE tomaria essa proporção? (Toda a dimensão alcançada pelo Projeto BALE era esperada?)
- 7- De Projeto para Programa. Agora como políticas públicas, quais são as expectativas?
- 8- Como tem sido o financiamento das ações do projeto BALE?
- 9- Na sua avaliação, o Programa BALE vem contribuindo com a elevação do IDEB nas escolas de Pau dos Ferros? Comente.
- 10- Na sua concepção, quais os impactos educacionais que o BALE vem causando na cidade de Pau dos Ferros?
- 11- Como se dá o processo de democratização da leitura realizado pelo BALE?

APÊNDICE E – TABELA DAS EDIÇÕES DO BALE – 2007/2012			
Ano	Escolas e/ou Instituições atendidas	Ações desenvolvidas	Recursos financeiros envolvidos
2007 1ª edição	Vias Públicas e escolas dos bairros São Geraldo e Riacho do Meio – Pau dos Ferros/RN. 1.736 leitores atendidos!	Elaboração do Projeto BALE; apresentação da proposta e aprovação pela Congregação do Departamento de Educação do CAMEAM/UERN; encaminhamento do projeto ao Centro Cultural Banco do Nordeste; planejamento do cronograma de trabalho implementado pela equipe do projeto e instrumentalização dos monitores; contato com as escolas; catalogação do acervo bibliográfico; contato com pequenos grupos de fantoches e teatros locais, com o intuito de divulgarmos o projeto; divulgação do projeto BALE em programas de rádio, jornais, igrejas locais e nas escolas dos bairros selecionados e cidades circunvizinhas; visitas semanais (alternados) ao dos bairros selecionados (um por semana); planejamento e avaliação das atividades; registro das atividades através de fotografias, filmagens e caderno de assinaturas; exposição de livros e revistas no varal em vias públicas (em frente às escolas dos bairros selecionados); rodas de leitura; contação de histórias pelos monitores e reconto feito pelas crianças, jovens, adultos ou idosos; dramatizações e apresentações com fantoches, filmes, dentre outros; elaboração do relatório final, divulgação dos resultados e planejamento da nova etapa do trabalho do projeto BALE.	BNB – R\$ 20.000,00 – ampliar as atividades, aquisição de recursos de multimídia, bolsa de monitoria material de consumo, acervo infanto-juvenil e adulto, Alíquota IR. PROEX/UERN – bolsa de monitoria, transportes para o deslocamento dos membros do Projeto para as referidas instituições. GEPPE - apoio às atividades realizadas.
2008 2ª edição	Vias Públicas e escolas dos bairros São Geraldo e Riacho do Meio – Pau dos Ferros/RN. 1.853 leitores atendidos!	Apresentação da 2ª edição do BALE para as escolas parceiras; divulgação do Projeto para outras instituições, através dos meios de comunicação; realização de estudos teóricos e discussões de algumas obras literárias, instrumentalização de bolsistas remunerados e voluntários para o trabalho; aquisição, catalogação do novo acervo e cadastramento do acervo no Bibilivre; cadastramento das pessoas da comunidade interessadas em consultas do acervo; visitas semanais domiciliares e às escolas parceiras e também em via pública dos bairros; (re)planejamento e avaliação das atividades desenvolvidas pela equipe executora; organização de figurinos, confecção de fantoches para as apresentações e dramatizações; projeção de livros/filmes baseados em adaptações de obras literárias; atividades de recontos, com recursos audiovisuais, envolvendo as crianças e adultos; apresentação de narrativas orais, contadores de história, rodas de leitura; exposição do Projeto na Agência do BNB local ou a convite de outras	BNB – R\$ 20.000,00 – equipamentos de multimídia, notebook, 01 bolsa de monitoria, 30 filmes (DVDs), estante de aço fechada, caixa de som amplificada, conjunto de microfones, materiais de expediente variados (papel A4, pincéis, TNT lápis de cor, coleções), aluguel de carro de som, megafone, xérox, 320 livros e alíquota IR. PROEX/UERN – bolsas de monitoria PRÊMIO VIVA LEITURA/2008 –

		agências do BNB; participação na FINECAP, com a exposição do BALE no estande do BNB; prestação de contas ao BNB; elaboração de relatórios finais das atividades desenvolvidas; divulgação dos resultados junto às instituições envolvidas, escolas e eventos da área; planejamento da nova etapa do Projeto BALE e, se possível, sua expansão.	classificando o BALE entre os cinco melhores projetos de incentivo à leitura da Brasil. Edital Ponto de Leitura, edição Machado de Assis do MinC – acervo de 500 livros, estantes, computador, tapete emborrachado e pufes para leitura. GEPPE - apoio às atividades realizadas.
2009 3ª edição	Vias Públicas e escolas dos bairros São Geraldo e Riacho do Meio – Pau dos Ferros/RN; Rafael Fernandes, Major Sales, Riacho de Santana, Encanto, São Miguel, Marcelino Vieira e Água Nova. 2.308 leitores atendidos!	Planejamento em equipe para ação extensionista; divulgação das atividades planejadas para 3ª edição do projeto, nos cursos de Letras e Pedagogia da UERN/CAMEAM; visitas semanais aos bairros Riacho do Meio e São Geraldo; (re) planejamento e avaliação das atividades desenvolvidas pela equipe executora; roda de leitura com a equipe do projeto BALE; catalogação do novo acervo bibliográfico, doado pelo MINC.; visitas mensais as cidades do Alto Oeste Potiguar; elaboração do relatório parcial do projeto; inauguração do ponto de leitura e festival cineBALE; Exposição do acervo na “Justiça na Praça”; Natal BALE com as crianças dos bairros Riacho do Meio e São Geraldo; organização do acervo e matérias para os encontros; apresentação do relatório parcial no Departamento de Educação-DE do CAMEAM-UERN; avaliação Geral da ação do projeto; Blitz BALE, e elaboração do relatório final das atividades desenvolvidas.	BNB – BNDES – R\$ 20.000,00 – bolsas de monitoria, livros, participação em eventos, materiais de expedientes, diárias dos motoristas... FAPERN – R\$ 6.300,00 – oficinas de capacitação em Natal com a “Tropa Trupe”. GEPPE – apoio às atividades realizadas. PROEX/UERN – bolsas de monitoria. MinC – 500 livros, 02 estantes, cadeira para computador, mesa de escritório, computador, 03 pufes para leitura.
	Vias públicas, Escola Municipal Francisco Torquato do Rêgo (Bairro São Geraldo), Escola	Processo de seleção do bolsista e planejamento das atividades da 4ª edição; reunião semanal com a equipe para planejamento e organização das atividades, estudos e rodas leitura; mapeamento, seleção e contato com as escolas dos bairros e cidades para firmar parcerias; divulgação das	Programa BNB de Cultura – edição 2010 – Parceria BNDES – R\$ 20.000,00-bolsa de monitoria; banner e camisetas/batas para a equipe para

2010 4ª edição	Municipal Elpídio Chaves (Bairro Manoel Domingos), Escola Estadual “São João Escolástico” (Bairro Riacho do Meio), Escola Municipal Profª Nila Rêgo (Bairro Princesinha), Escola Estadual Edilma de Freitas. AABB Comunidade, IFRN – Pau dos Ferros, Hospital Regional, CRAS, APAE, Agência BNB – Pau dos Ferros, Alexandria, São Francisco do Oeste, Doutor Severiano, José da Penha, Luís Gomes, Martins, Paraná, Pilões, Riacho da Cruz, Tabuleiro Grande, Tenente Ananias, Francisco Dantas e Portalegre. 3.098 leitores atendidos!	atividades através de ofício com cronograma de visitas; visitas semanais alternadas aos bairros e cidades para a realização das atividades previstas no projeto; organização de encontro literário com um autor, com vistas a aproximá-lo dos leitores; apresentação do projeto na Agência BNB local ou a convite de outras agências e do Centro Cultural BNB; exposição na Feira Intermunicipal de Negócios e Cultura do Alto-Oeste Potiguar (FINECAP); participação em eventos para apresentação, publicação de trabalhos e divulgação do BALE; visita a AABB Comunidade, e IFRN – Pau dos Ferros; apresentação e exposição do Projeto no VII CMELP e na FINECAP; realização de um minicurso na XV Semana Universitária do CAMEAM; I Encontro com Escritores promovido pelo BALE; Blitz BALE; realização do Natal BALE nos bairros e escolas atendidas; participação nas oficinas circenses com a “Tropa Trupe” da UFRN em Natal; prestação de contas ao BNB e ao MinC; elaboração de relatórios finais das atividades desenvolvidas para envio à PROEX e ao MinC; planejamento com vistas à continuidade do projeto BALE e, se possível, sua expansão a outras comunidades.	divulgação com logomarca mencionando os patrocinadores; xérox de folder demais materiais de divulgação; material de consumo (papel A4, cartuchos para impressora, lápis de cor, cartolina, papel madeira...); compra ou confecção de fantoches, tapete emborrachado, almofadas e pufes; aquisição de livros, filmes e revistas sugeridos pela comunidade; compra de mesas e cadeiras; confecção de um baú com rodas para transportar materiais de exposição; investimento em estantes, bancadas para a organização da sala do BALE para uso dos graduandos; caixa de som amplificada e extensão elétrica para atendimento em espaços não escolares; custeio de diárias de motoristas e combustível para deslocamento da equipe para atividades na região; bem como a participação da equipe em eventos acadêmico-científicos e de extensão para divulgação do BALE e conhecer outros projetos de leitura; promoção de pelo menos um encontro anual com autores e leitores; desconto da alíquota do Imposto de Renda.
	Vias públicas, bairros São Geraldo, Manoel Domingos, Riacho do Meio, Arizona, Princesinha do Oeste.	Planejamento do cronograma e das atividades da 5ª edição; reunião semanal com a equipe para planejamento e organização das atividades, estudos e rodas leitura; mapeamento, seleção e contato com as escolas dos bairros e cidades para firmar parcerias; divulgação das atividades através de ofício com cronograma de visitas; visitas semanais alternadas aos bairros e cidades para a realização das atividades previstas no projeto; organização	BNB – BNDES – R\$ 20.000,00 – bolsas de monitoria, livros, participação em eventos locais, nacionais e internacionais, materiais de expedientes, confecção de certificados, diárias dos motoristas,

2011 5ª edição	AABB Comunidade, IFRN – Pau dos Ferros, Hospital Regional, CRAS, APAE, Agência BNB – Pau dos Ferros. Alexandria, São Francisco do Oeste, Doutor Severiano, José da Penha, Luís Gomes, Martins, Paraná, Pilões, Riacho da Cruz, Tabuleiro Grande, Tenente Ananias, Francisco Dantas, Portalegre, Águas Vermelhas/MG. e México. 4.005 leitores atendidos!	do II encontro literário com um autor, apresentação do projeto na Agência BNB local e no Centro Cultural BNB; exposição na Feira Intermunicipal de Negócios e Cultura do Alto-Oeste Potiguar (FINECAP); participação em eventos para apresentação, publicação de trabalhos e divulgação do BALE; visita a AABB Comunidade, e IFRN – Pau dos Ferros; participação, apresentação e exposição do Projeto BALE NO IV Fórum Internacional de Pedagogia – FIPEP, realizado no México; participação e exposição na FINECAP; subprojeto BALE com a realização de oficinas de capacitação para os professores do ensino público; II Encontro com Escritores promovido pelo BALE; Blitz BALE; realização do Natal BALE nos bairros e escolas atendidas; prestação de contas ao BNB e ao MinC; elaboração de relatórios finais das atividades desenvolvidas para envio à PROEX; planejamento com vistas à continuidade do projeto BALE e, se possível, sua expansão a outras comunidades.	combustível... GEPPE – apoio às atividades realizadas. PROEX/UERN – bolsas de monitoria. MinC – livros, revistas, jornais... Bolsa de Circulação Literária – FUNARTE, apresentação da equipe BALE na cidade de Águas Vermelhas/MG.
2012 6ª edição	Vias públicas, bairros São Geraldo, Manoel Domingos, Riacho do Meio, Arizona, Princesinha do Oeste. Hospital Regional, AABB Comunidade, APAE. Marcelino Vieira, Carnaubais, Major Sales, Doutor Severiano, Umarizal 2.822 leitores atendidos!	BALE_PONTO DE LEITURA (arte literária), BALE_EM CENA (artes cênicas), BALE_FORMAÇÃO (arte-educação) que perpassa ensino pela pesquisa, via extensão, CINE_BALE_MUSICAL (arte cinematográfica aliada à musical) e o BALE.NET (arte digital), todas destinadas para qualquer público adulto, jovem e infantil. Turnê: Tem história hoje? Tem sim, sinhô!	GEPPE – apoio às atividades realizadas. PROEX/UERN – bolsas de monitoria. MinC – livros, revistas, jornais... [...]
Geral	Total de atendimentos =	O Projeto BALE realiza outros atendimentos que não estejam em seu cronograma de atividades.	Todas as atividades desenvolvidas geram algum custo.

	15.358		
--	--------	--	--

ANEXOS

Declarações de Consentimento



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Clenilda Maciel de Oliveira, diretora da Escola Estadual João Escolástico, portadora do RG 3922429 e do CPF 034418414-50, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 25 / 09 / 2013.

Clenilda Maciel de Oliveira

CLENILDA MACIEL DE OLIVEIRA

Clenilda Maciel de Oliveira

DIRETORA

Mat.: 123968-6

Aut.025/2013

Sandra Sinara Bezerra

SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Antônia Maria Diniz Bandeira, diretora da Escola Municipal Francisco Torquato do Rêgo, portadora do RG 1384461 e do CPF 93779720434, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 24 / 09 /2013.

Antônia Maria Diniz Bandeira
ANTONIA MARIA DINIZ BANDEIRA

Sandra Sinara Bezerra
SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Jucileide S. Rêgo, diretora da Escola Municipal Professora Nila Rêgo, portadora do RG 842.262 e do CPF 654090194-15, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 25 / 09 / 2013.

Jucileide S. Rêgo
JUCILEIDE SEVERIANA DO REGO

Sandra Sinara Bezerra
SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Maria Lucineide Vidal Mesquita, diretora da Escola Municipal Elpídio Virginio Chaves, portadora do RG 1.332.543 e do CPF 874.896.604-59, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 26 / 09 /2013.

MARIA LUCINEIDE VIDAL MESQUITA

SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Edibegna Mávia de Sousa, professora da Escola Estadual João Escolástico, portadora do RG 1-368-193 e do CPF 023.958-844-48, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 26 / 09 / 2013.

Edibegna Mávia de Sousa
EDIBEGNA MÁVIA DE SOUSA

Sandra Sinara Bezerra
SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Marlene Medeiros da Silva, professora da Escola Municipal Francisco Torquato do Rêgo, portadora do RG 1.579.281 e do CPF 761.579.704-72, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 30 / Setembro 2013.

Marlene Medeiros da Silva
MARILENE MEDEIROS DA SILVA

Sandra Sinara Bezerra
SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Antônia Maria da Silva, professora da Escola Municipal Professora Nila Rêgo, portadora do RG 1.880.255 e do CPF 040.622.934-12, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 09 / 10 / 2013.

Antônia Maria da Silva
ANTONIA MARIA DA SILVA

Sandra Sinara Bezerra
SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Maria Gildarci R. de Aquino professora da Escola Municipal Elpídio Virgínio Chaves, portadora do RG 775.186 e do CPF 702.938.304-44, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 08 / 10 /2013.

Maria Gildarci R. de Aquino
MARIA GILDARCI REGO DE AQUINO

Sandra Sinara Bezerra
SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Francisca Dantas de Lima Costa, Secretária Municipal de Educação, portadora do RG 258.898 e do CPF 107.289.294-49, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 07 / 10 /2013.

FRANCISCA DANTAS DE LIMA COSTA

Sandra Sinara Bezerra
SANDRA SINARA BEZERRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:

59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, MARIA LÚCIA PESSOA SAMPAIO, Coordenadora/Proponente do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas - BALE, portadora do RG 1.044.250 e do CPF 664.442.174-15, autorizo que Sandra Sinara Bezerra, portadora do RG 2.431.266 e do CPF 056.525.904-08, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, matrícula nº 5110018, utilize os dados coletados por meio de uma entrevista reflexiva na sua Dissertação de Mestrado, inclusive sem necessidade de atribuir um nome fictício.

Pau dos Ferros-RN, 22/09/2013.

MARIA LÚCIA PESSOA SAMPAIO

SANDRA SINARA BEZERRA